

# 5º Prêmio Literário Máquina de Contos

Raquel Ferreira De Andrade

Wesley da Silva

Antonio Sodré

Ana Clara Mansur

Fernanda Zanelli

Diego Itabira

Luciana Campos

Pablo de Brito

Geovanna Ferreira

Arthur Caetano

Mauro Reis Albuquerque

Clarisse Fukelman

Beatriz Caetano Silva

Organizadores:

Sérgio Tavares  
e Tiago Velasco



5º Prêmio  
Literário  
Máquina  
de  
Contos

# 5º Prêmio Literário Máquina

Os vencedores são:  
Raquel Ferreira De Andrade  
Wesley da Silva  
Antonio Sodré  
Ana Clara Mansur  
Fernanda Zanelli  
Diego Itabira  
Ana Campos  
e Brito  
Ferreira  
e  
Querque

Organizadores:  
Sérgio Tavares  
e Tiago Velasco



5º Prêmio  
Literário  
Máquina  
de  
Contos

Produzido e organizado pela Graviola Digital, este livro é composto pelas narrativas selecionadas pelo 5º Prêmio Literário Máquina de Contos. O volume está dividido entre os três textos vencedores e as dez menções honrosas, eleitos entre 800 contos inscritos em todo território nacional.

Isso reflete a consolidação do prêmio no meio literário brasileiro, validando uma iniciativa que visa estimular a cultura brasileira por meio da revelação de talentos da literatura. Um marco para autores estreados que, a partir desta publicação, encontram um ponto de partida de prestígio para uma carreira.

Prova deste suporte é que os contos vencedores estreiam na plataforma Máquina de Contos, um catálogo constituído por escritores de renome e premiados da literatura contemporânea brasileira, com centenas de milhares de leitores. Parabéns e sucesso, então, aos autores! Uma boa leitura para todos!

**5º Prêmio Literário**  
**Máquina de Contos**

Sérgio Tavares – Tiago Velasco  
Organizadores

# 5º Prêmio Literário Máquina de Contos



2025

**ISBN: 978-65-6028-055-7**

**1ª edição**

*Copyright 2025 by Graviola Digital*

Revisão e preparação: Sérgio Tavares e Tiago Velasco

Projeto Gráfico: Chris Boari

Capa: Chris Boari

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

5º Prêmio Literário Máquina de Contos /  
Sérgio Tavares, Tiago Velasco, organizadores. --  
1. ed. -- Rio de Janeiro : Graviola Digital,  
2025.

Vários autores.  
ISBN 978-65-6028-055-7

1. Contos brasileiros - Coletâneas I. Tavares,  
Sérgio. II. Velasco, Tiago.

25-285258

CDD-B869.308

**Índices para catálogo sistemático**

1. Antologia : Contos : Literatura brasileira  
B869.308

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

2025

Todos os direitos reservados à Graviola Digital

---

[www.gravioladigital.com.br](http://www.gravioladigital.com.br)

[Instagram/gravioladigital\\_oficial](https://www.instagram.com/gravioladigital_oficial)

Prefácio .....	8
Matias vazio de si .....	15
<i>Raquel Ferreira De Andrade</i>	
Batismo .....	27
<i>Wesley da Silva</i>	
Tira de borracha .....	40
<i>Antonio Sodré</i>	
O último baile do Império .....	56
<i>Ana Clara Mansur</i>	
A casa dos outros .....	73
<i>Fernanda Zanelli</i>	
Igapó .....	88
<i>Diego Itabira</i>	
Encontros .....	97
<i>Luciana Campos</i>	
Um pescador sem jangada .....	110
<i>Pablo de Brito</i>	
O nascimento dos nomes .....	126
<i>Geovanna Ferreira</i>	
De amor e de cinzas .....	145
<i>Arthur Caetano</i>	
Costume .....	156
<i>Mauro Reis Albuquerque</i>	
A estranha .....	175
<i>Clarisse Fukelman</i>	
Visitante (in)esperada .....	191
<i>Beatriz Caetano Silva</i>	



## Prefácio

O ano era 1965, período inicial da ditadura militar. Em Minas Gerais, um escritor começava a chamar atenção da crítica e do público por conta do estranhamento que causavam seus contos. Filiado a um movimento que se articulava por toda América Latina, Murilo Rubião se utilizava do fantástico para criar um mundo à parte, governado por acontecimentos desconcertantes e insólitos, que também era o nosso mundo, a realidade que habitamos. Em suas histórias, animais falantes, situações inexplicáveis, seres mágicos e assombramentos se incorporavam, sem surpresa, à banalidade da rotina, em perfeita associação com o prosaico. Um mundo imaginário, a um só tempo bizarro e familiar, que hospedava 19 narrativas reunidas em duas antologias publicadas, de forma quase rudimentar, num intervalo de cinco anos.

Nenhum autor brasileiro escrevia, nessa época, como Rubião. Sua literatura inusitada era uma ruptura e também um chamariz. Influenciado pela Bíblia, pela mitologia grega e pela obra de Machado de Assis, o mineiro foi precursor de um gênero que se ramificou por gerações futuras, não apenas pelo universo temático, mas pela maneira velada e perspicaz de se utilizar de

simbolismos e alegorias para exercer a crítica social, sobretudo contra os regimes totalitários. Em sua primeira coletânea, *O ex-mágico*, o conto que empresta nome ao título traz um narrador que vê seus poderes fabulosos desaparecerem, depois de se tornar funcionário público e ser afetado pelo tédio e pela burocracia. As possibilidades de interpretação ofereciam uma leitura que se desgarrava do real para tratar de verdades pessoais e coletivas pelo caminho do absurdo, quebrando a moldura de repressão e censura que enquadrava o país. Ao menos por meio da ficção, era uma nova voz que fazia notar o que existia e não podia ser dito, frontalmente contestado.

Assim, voltamos para 1965, quando Rubião publicava seu terceiro livro, *Os dragões e outros contos*. Embora ali estivessem muitos de seus textos mais celebrados, um procedimento curioso saltava aos olhos. Dos 20 contos que compunham o volume, 12 eram republicações, versões editadas das narrativas das antologias anteriores. E, aqui, você, leitor deste prefácio, pode estar ponderando: depois de dois livros lançados de forma quase amadora, o autor fez um apanhado de sua obra, aproveitando a chegada do reconhecimento. Sim e não. Realmente uma tiragem mais robusta apontava para a consagração que viria no quarto livro. No entanto, a partir de *Os dragões e outros contos*, as republicações seriam uma prática que seguiria com o autor por toda

sua carreira. Em 44 anos de trajetória literária e nove livros em vida, Rubião escreveu 33 contos, mas publicou 113, dos quais 80 eram versões reescritas. O exemplo mais notório está no conto “O convidado”, que, entre escrita e reescrita, levou 26 anos para ser finalizado.

De todos os adjetivos possíveis para classificar Rubião, talvez o mais adequado seja meticoloso. Toda sua obra se resume a contos — de tamanhos variados, mas, na essência, contos. A opção pela literatura fantástica se tornou sua identidade, sendo um nome indissociável ao gênero, uma espécie de epíteto para designá-lo. E tão quão característico, está o rigor com a linguagem. Em seus textos, nota-se uma procura incessante pela palavra exata, pela clareza narrativa, pelo encadeamento preciso dos componentes que sustentam a trama. Um processo consciente de se debruçar sobre o próprio imaginário, revisitando os relatos ficcionais para modificá-los em elementos acrescidos, trechos subtraídos, recriações que geram variantes ou contos gêmeos, com o aspecto levemente distinto, como se ele, o autor, do mesmo modo que um de seus personagens insólitos, pudesse transmutar a própria aparência. No decorrer do tempo, Rubião se comprometeu ao trabalho de multiplicar uma história, sem que esta perdesse sua unidade primária.

Em entrevista concedida ao editor e jornalista José Adolfo de Granville Ponce, em 1981, o escritor mineiro

definiu, assim, sua relação com a escrita: “Sempre aceitei a literatura como uma maldição. Poucos momentos de real satisfação ela me deu. Somente quando estou criando uma história sinto prazer. Depois é essa tremenda luta com a palavra, é revirar o texto, elaborar e reelaborar, ir para frente, voltar. Rasgar”. Declarações dessa natureza fizeram com que, ao longo dos anos, estudiosos da obra de Rubião analisassem essa conduta circular da perspectiva freudiana ao mimetismo entre tema e forma. Alguns artigos definem o comportamento do autor como obsessivo-compulsivo, alguém impellido a perseguir uma perfeição inatingível. Outros defendem uma teoria de que a contínua metamorfose que sofrem seus contos reflete a condição de seus personagens capazes de mutações extraordinárias no próprio corpo ou no ambiente. No pouco que falou sobre isso, Rubião sempre o fez pelo ponto de vista narrativo. E, no fim das contas, essa é a maneira mais incontestável de se observar tal procedimento em prol da excelência do texto.

A leitura mais atenta de seus contos revela um autor que entendeu como poucos a peculiaridade do gênero. A sobriedade da linguagem, a necessidade da concisão, a participação do leitor na interpretação daquilo que é sugerido, que se camufla em implicitudes. Rubião não se dedicou incansavelmente aos seus textos por mero capricho, mas para acumular uma ampla e profunda

experiência, amadurecida sem pressa, capaz de discernir que, ao contrário do romance, o triunfo do conto está associado ao consenso de que menos é mais. E aí se evidencia o papel dos elementos fantásticos em se valer de artifícios visuais e representações para expressar além do que o formato concede.

Em alguns dos 13 contos que integram esta coletânea dos vencedores e das menções honrosas da quinta edição do Prêmio Literário Máquina de Contos, o insólito se manifesta como componente de histórias que impressionam ao trabalhar o tema num crescendo de tensão e desconcerto. A escolha pelo sobrenatural mostra autores que, embora estrepantes, arriscam-se com sucesso em enredos repletos de camadas, lançando mão desses múltiplos sentidos para explorar assombros individuais e sociais. Narrativas em que a realidade se veste de máscaras ambíguas, mas também se despoja de fantasias, retorna a um passado monárquico, expõe as cicatrizes abertas da ditadura militar, embrenha-se por um país de pluralidade, urbano e profundo, polifônico. A diversidade e o alcance nacional são, afinal, características do prêmio.

No entanto, a despeito dos variados traços regionais, das diferentes flexões e estilos, todos os contos demonstram, assim como se comprometeu o escritor mineiro, um apuro com a linguagem dentro das limitações que cobra esse tipo de narrativa, imergindo, com

destreza, o leitor em seus universos concisos, de modo a proporcionar uma experiência marcante. Em cinco anos, o prêmio se consolidou como uma via respeitável de descoberta de autores inéditos, mas também como um catálogo de histórias fascinantes, que permite o reconhecimento de talentos por todo o Brasil. De volta à entrevista, Rubião comenta o seu aparecimento como escritor, fazendo um aceno para próximas gerações: “Acho que, em determinado momento, o escritor pode fugir um pouco da realidade, mas ele sempre acaba dela participando, até mais do que o cidadão médio, vendo no futuro formas que possam melhorar e ajudar o homem do presente”. Os contos a seguir fazem parte desse movimento, tornando-se mais um notável acréscimo de uma iniciativa que, no futuro, será vista como o início de uma história, o desabrochar de uma carreira. Que os leitores que virarem essas páginas sejam os primeiros nessa jornada!

Sérgio Tavares e Tiago Velasco,  
jurados do 5º Prêmio Literário Máquina de Contos



## Matias vazio de si

Raquel Ferreira De Andrade

Matias, o coveiro, nunca foi homem de muito tamanho. Mas, no começo, pelo menos, era inteiro. E isso bastava.

Era a compaixão calada do vilarejo, encravado não muito longe do Acaba-Vida, no miolo quente do Goiás. Matias dava conta do rito da partida do mesmo jeito que distribuía o cálice de vinho da Santa Ceia, com fé mansa e mão firme. Tudo fazia por entrega. Nunca quis reconhecimento, nem gratidão. Era da cepa dos que fazem por devoção, e não por aplauso. Na fé que lhe crescia, Matias sempre buscou a presença do divino, sem perceber que já carregava Deus.

Foi num dia de calor pesado, com a pá apoiada no joelho e o suor escorrendo pela espinha dorsal, que Matias disse em voz alta a oração mais antiga que tinha. Queria ser menos de si para que coubesse mais de Deus. Prometeu ali, entre os túmulos, que pagaria o preço. Pediu com verdade de alma e foi atendido.

Na manhã seguinte, escutou o primeiro sussurro legítimo. Não do céu. Veio das tripas, que ferviam feito garapa pura em tacho de cobre. Dali em diante, a fome mudou de jeito. Já não era de comida. Era uma fome

funda, afiada, dessas que não se mata com pão. Começou miúda: uma manhã sem café, uma janta que passou esquecida. O corpo parecia se ajeitar para receber coisa maior e mais santa. Matias estranhava, mas observava para melhor entender.

Esse tempo na vida de Matias se estendeu por uns meses. Sem que desconfiasse, Matias andava se comendo por dentro. Dentro das roupas, parecia ter menos dele. As camisas e calças eram sempre ajustadas, obra das mãos de Gracinda, costureira do vilarejo. Ela pegava as peças para refazer as costuras e dizia:

— Mas de novo, irmão Matias? Não cansa de minguar?

— Fazer o quê, irmã Gracinda, deve ser de tanto esforço. Cavar dá trabalho.

Até que um dia, de tanto as unhas atrapalharem o manejo da pá, ele puxou com os dentes as beiradas delas. E lhe pareceu bom. Sentiu uma satisfação tamanha que foi puxando unha por unha inteira, arrancando com cutícula e tudo, deixando os dedos banguelas. Uma vez que a digestão se dava, Matias começou a enxergar as cores do mundo com fluorescência de sonho. Sentou-se à sombra do pequizeiro, num banco de madeira feito de tábua equilibrada sobre duas latas de tinta vazias. Fechou os olhos, querendo que o real não atrapalhasse o que o espírito tinha para mostrar.

No escuro das pálpebras, imagens se formaram. E, junto delas, uma voz macia, bonita, avisando: no outro dia, um caminhão vindo da capital ia tombar ali perto, carregado de galinhas vivas. Soube que as aves que não fossem roubadas pelo povo iam morrer na pista e o cheiro da carniça ia se espalhar no ar por dias e dias.

Na tardinha do outro dia, correu a notícia entre os vizinhos: tinha galinha de graça esparramada na beira da rodovia. Dava dó deixar perder. Quem quisesse que fosse buscar. Mas que se apressasse, porque, com aquele calorão de colar língua no céu da boca, as coitadas não aguentavam muito tempo. E, de fato, não aguentaram. O cheiro de morte se espalhou por dias até que fizeram um mutirão para catar as galinhas mortas e enterrá-las.

Enquanto isso, Matias esperava que as unhas brotassem de novo. A espera valia cada segundo. Porque toda vez que ele comia as unhas, junto das cutículas, lhe vinham imagens do futuro.

Num domingo, logo após a escola dominical, Matias conversou com o pastor, homem bom e piedoso. Disse que não se preocupasse. O dinheiro da compra de um novo órgão para a congregação chegaria ainda naquela semana. E, na quarta-feira, o dinheiro veio da capital na forma de doação da igreja sede. O pastor entendeu que era coisa de Deus falando com Matias. E ainda

deixou que o coveiro fizesse oração de púlpito. Mas só aconteceu uma ou duas vezes.

As unhas ainda não tinham dado conta de crescer. Matias olhou para os dedos e resolveu descobrir que gosto tinham. Beliscou de leve a ponta, mordeu devagar e arrancou um naco da própria carne. Sem dor, sem sangue. Era como carne de fim de semana, daquelas curadas no sol. Engoliu o pedaço e se abençoou por dentro. Sentiu o assombro bom de prisão que se quebra.

Viu na luminescência que Tico Leiteiro pediria a mão de dona Cira, viúva de Olair, em casamento e receberia um não certo. Para poupar o compadre do vexame, Matias foi até a casa de Tico e contou a ele sobre sua visão.

— Não vai lá, não, compadre... que você leva um não bem dado da viúva Cira. Eu vi isso ontem em oração.

Tico não era muito de crer em sonho alheio, mas no compadre ele acreditava. Nem estranhou que Matias soubesse do pedido que andava ruminando. Mesmo assim, respondeu:

— Ah, Matias... Mas tem coisa que a gente precisa fazer mesmo sabendo do tombo. Vou lá porque meu coração só vai sossegar depois. Se for pra tomar um não, que seja de cara limpa e chapéu na mão.

Tico vestiu sua roupa de domingo, passou água-de-colônia, colheu margarida, flor de bogarim do

próprio quintal e fez um pequeno buquê. Foi bater na porta de dona Cira. Quando ela abriu, nem recebeu um bom-dia. Tico declarou seu apreço com toda a coragem que tinha no peito e pediu a viúva que se casasse com ele. Mal acabou de falar, a viúva respondeu, certa:

— Tá doido é, Tico? Deus me livre. — E fechou a porta na cara do leiteiro, coitado.

Matias acertou. A notícia se espalhou. O povo passou a procurá-lo todos os dias. Queriam oração, benção, palavra certa. Formavam fila na porta de sua casa. Ele, sempre gentil, tirava um pedaço de si para depois se entregar por inteiro àquele povo sedento de rumo. O corpo ia mirrando, é verdade. E, quanto mais minguava, mais santo ele ficava e mais transparente de tão sagrado.

Ele teve visão de casas que ainda não tinham sido construídas, armazéns dando lucro, uma família comprando cavalo novo, um rapaz aceito na faculdade da capital. Soube que os peixes do rio morreriam por conta da exploração de níquel. Ficariam sem peixe por um bom tempo. Sorte que ainda tinha porco no chiqueiro e vaca no pasto. A profecia se cumpriu.

Às vezes, era coisa fácil de entender. Mas nem sempre era simples. Teve visão dos netinhos que Gracinda ainda não tinha: uma menina cheia de magia desde o primeiro choro, e um menino que só ia descobrir seu dom depois de bater de frente com a morte e voltar. Viu um vento brincando de dançar com um rapaz no alto

da colina, os dois rindo. Nem tudo ele entendia, mas cada visão puxava Matias para mais perto do divino.

Aí, num dia desses de setembro, Gracinda estava ali, remendando mais roupa de Matias. Reparou que ele estava diminuindo. Não era sobre emagrecer, que isso ela estava cansada de saber. Tirou uns bons dedos do punho das mangas para roupa não ficar muito longa. Deu bainha nas pernas das calças porque Matias estava mais baixo. “Mas osso encolhe?”, ela pensou. Não tinha jeito de doença. Sentiu que podia ser opressão maligna, dessas que vem sorradeira. Antes de entregar as roupas ajustadas, decidiu conversar com o pastor. Ele escutou com sua calma típica e resolveu confirmar a fonte de preocupação de Gracinda. O pastor era homem bom. Pena que confundia livre-arbítrio alheio com negligência sua.

O pastor foi até a casa de Matias, levando consigo a costureira. Ela carregava as roupas dobradinhas, tudo ajeitado. Deixou em cima da mesa da cozinha, coberta por uma toalha de renda de bilro já bem antiga. Os três se acomodaram nas poltronas da sala, daquelas que afundam só de encostar. E ali, com o chapéu na mão e o cenho franzido, o pastor foi dizendo, com jeito de quem se preocupa:

— Irmão Matias, parece que você não está bem. Irmã Gracinda me contou que toda vez tem que ajustar essas roupas suas. Diz ela que nem o pano acompanha

mais. Sei que é homem de fé e anda jejuando muito. Mas tem que se atentar pra saúde. Tem ido no doutor? Tem se alimentando? E essas unhas aí roídas... o que é isso, meu filho?

Matias ajustou a postura, limpou o suor da nuca com um lençinho de bolso e respondeu com os olhos acesos, mas mansos:

— Pastor, não sinto fome normal. É fome de Deus. Eu bem ando me sacrificando pra ouvir Ele. E pra servir melhor o povo d'Ele. Igual tá escrito, né? “Convém que Ele cresça e que eu diminua”.

O pastor escutou com atenção, coçou o queixo e se levantou devagar. Antes de sair, olhou pra Gracinda e disse que não era nada demais. Capaz que era verme intestinal, coisa comum para quem mexe com terra de cemitério. Nada que um punhado de semente de abóbora não resolvesse. Gracinda até quis retrucar, dizer que aquilo era outra coisa. Mas o pastor, com aquele jeito de homem de Bíblia, arrematou: se João Batista comia gafanhotos no deserto, Matias podia comer as próprias unhas. A costureira resolveu que era melhor ficar quieta depois disso. Tem silêncio que é oração, e tem desconfiança que é mais útil emudecida.

Ninguém mais no povoado estranhava a magreza de Matias, nem as faltas no corpo. Para eles, profeta bom era desses que jejuava até sumir. E coveiro que se preza vive ferido de pá e enxada, é da lida. Todo

mundo sabe. Tanto que, de vez em quando, alguém levava um barbatimão curtido para as feridas dele. Mas Matias nem lembrava de passar.

O dia chegou em que Matias teve uma visão do seu próprio futuro. Nunca fez questão de saber sobre si, lhe importava abençoar o povo e pronto. Mas naquele dia recebeu a primeira palavra que lhe dizia respeito. Soube, sem sombra de dúvida, que em algum momento seria o porta-voz absoluto de Deus naquelas bandas. Chorou quietinho, ali mesmo, empurrando terra com os pés sobre um canteiro de crisântemos no cemitério. Resolveu ser ainda mais temente na entrega, mais devoto na caminhada e mais quebrantado diante do desígnio do Alto.

Veio, então, o tempo esperado. Matias avisou que ia se recolher por quarenta dias para buscar a face de Deus. Pediu para não ser incomodado, que era coisa séria. O pastor, com o peito cheio de orgulho, passou o recado de púlpito no culto de domingo, e o povo obedeceu.

A porta se fechou sozinha às costas de Matias. A chama da lamparina acendeu com um estalo leve. A Bíblia, já tão manuseada por ele, se abriu por vontade própria no livro de *2 Reis*. As coisas obedecem sem comando quando a fé é funda demais. Matias pôs-se a ler, feito quem assina um testamento. Lembrou que a semente só cresce depois de morrer na terra. Pensava

na ossada do profeta Eliseu, que fez o soldado morto ressuscitar. O porta-voz de Deus naquelas terras.

Matias acabou a leitura, viu o pôr do sol pela janela e se despediu da paisagem. Arrancou os próprios olhos sem dor ou dificuldade e comeu. Mastigou devagar, provando da própria vista. Voltou-se para fora, e os dentes cavaram em si mesmo o seu túmulo. O corpo em que ele morava morria ali, por escolha. Matias virou do avesso e rasgou músculos rijos chegando nas vísceras mornas. Retorceu-se e alcançou tendões e nervos. Revirou-se para triturar cartilagens e osso poroso. Não havia pressa ou desespero. Era entrega plena. Matias sorriu sem boca, sem forma, pela última vez.

Terminou de se comer com serenidade e desapareceu. Deixou de ser.

Restou apenas a dentição inteira. A dentadura, cansada de tanto mastigar, caiu exausta sobre a mesa da cozinha. Adormeceu sobre o forrinho de renda de bilro, cada dente reluzindo com a fluorescência que só o profeta enxergava antes.

Durante quarenta dias, ninguém bateu naquela porta. Nem pra pedir oração, nem pra trazer barbatimão para os machucados de Matias. Nem para trazer as sementes de abóbora, que Matias nunca comia mesmo. Mas o período acabou. O sol clarinho atravessou os umbrais das casas e todo povo sabia que era dia do profeta aparecer.

O pastor foi até a casa de Matias para lhe dar bom dia e ver como passava. Bateu, chamou, empurrou a porta. Só encontrou silêncio e ausência. O ar na casa era espesso, carregado da última respiração. Nem sinal do profeta. Só uma dentadura adormecida sobre a mesa, brilhando feito beirada dourada de Bíblia nova. Parou diante dela. Ou era um milagre ou uma pergunta grande demais. Matias? Sim... o que sobrou dele. Compreendeu a entrega e sentiu uma vergonha que não soube explicar. Com lágrimas nos olhos, resolveu tratar aquilo com o mesmo carinho que um Vaticano sertanejo o faria. Pegou o artefato sagrado com cuidado para não o acordar e colocou numa caixa de sapato que estava num canto. Levou consigo a dentadura que ficaria num cômodo da igreja por um bom tempo. O pastor se calou por horas em respeito à voz que Matias ouviu e que ele próprio nunca teve coragem de escutar.

Por alguns anos, ninguém, além do pastor, se atreveu a tocar os dentes de Matias, guardados num quartinho junto ao gazofilácio. Ninguém imaginou que ainda havia manto de mistério para se levantar.

Um dia, uma menina desajuizada (crianças mágicas sempre o são) encontrou a dentadura. Dizem que foi a netinha de Gracinda. A menina depositou a ofertinha dentro da dentadura em vez de colocar dentro do ofertório. Para espanto dela, os dentes tilintaram e uma voz grave ressoou alguma profecia especialmente para

ela. A criança chamou sua avó e o pastor aos berros. Os dois adultos foram conferir do que se tratava. Pediram à menina que colocasse outra moeda e escutaram a dentadura falar:

— Hoje à tarde, o Tico Leiteiro pedirá a mão de Generosa, filha de Alceu, em casamento. Ela dirá sim.

E foi o que aconteceu.

Logo a fila se formava diante da dentadura como antes se formava na porta da casa de Matias. Moedas eram colocadas entre os dentes, e profecias certas eram entregues. A dentadura dizia quem ficaria rico, quem adoeceria, quem jamais voltaria de uma viagem. Tudo se concretizava. Claro que as moedas não eram engolidas, não havia garganta, nem tinham para onde ir. Os dentes se abriam muito educados para que o pastor recolhesse cada moeda (e, às vezes, notas dobradas), encaminhando todos os recursos para compras de cestas básicas e a reforma da Casa do Senhor.

Gracinda não desconfiava mais. Tinha dia em que chorava pensando em Matias, mas não de tristeza. Era saudade do assombro. Por sua vez, o pastor se tornou mais atento nas dores, mais interessado nos sinais e mais generoso nos conselhos. Tico, feliz e casado, agradeceu a Deus pelo compadre que ensinou que cada “não” é fogo lento que cozinha um “sim”.

Por falta de matéria ou de foto, o dia chegou em que ninguém mais lembrava do rosto de Matias. Mas todos

passaram a escovar os dentes e orar antes de dormir, mesmo que não soubessem para quem. Às vezes, é assim que o divino se acomoda: no costume. Dizem que, no fim do dia, dá para ouvir um ranger de esmalte no vento. Alguém ainda mastiga o mistério do mundo.

A dentadura já foi homem de pouco tamanho. No final, era voz de Deus. E isso bastava.



Nascida em 1979, **Raquel Ferreira De Andrade** tem formação em gestão financeira e administração estratégica. Amou os números ao notar que tempo de música também se conta. Brasiliense que viveu fora, cresceu por dentro e trabalhou em embaixadas. Hoje, apoia imigrantes que transformam rotas em lares. Cria três filhos paleolíticos, prepara refeições medievais e escreve poemas vitorianos. Tudo pelo preço justo de um vinho ruim. Aprendeu com a avó que não se vai até deuses com as mãos vazias. Por isso, guarda um pote de orquídea para Isabel Allende, caso a encontre um dia. Resta que floresça.

# Batismo

Wesley da Silva

O homem na foto é seu pai.

O cabelo escorrido até o ombro, o sorriso aberto sem um dos caninos, o chapéu pousado no peito. O registro é de quase 20 anos, de uma das festas que o sindicato realizava no primeiro de maio.

Rodrigo guarda a foto no bolso do moletom, sente o toque gelado do cano do revólver. Deixa as mãos escondidas ali dentro para esconder o tremor.

O velho larga o copo plástico de café em cima do console. Reclama que a bebida está fervendo o céu de sua boca.

— Tudo certo pro batismo?

— Tudo — responde o jovem. Sua voz sai indiferente conforme o desejado.

Os dois estão confinados no Escort do velho, num beco próximo a um posto de gasolina abandonado. Lá fora, a neblina castiga o mundo, num breu embranquecido de madrugada de inverno. Ele dá partida no carro, as luzes iluminam o asfalto, então diz que precisa fazer um trabalho antes.

— Imagina que é um aquecimento, guri.

Cruzam a cidade vazia como se fossem os donos dela. Ferragens e curtumes de portas fechadas. Casas e prédios de janelas apagadas. Homens e vira-latas disputam o lixo nas calçadas. Nem mesmo os ônibus e os caminhões de lixo saíram de suas garagens ainda.

Minutos antes, Rodrigo esperava a chegada de Garcia no posto abandonado. A cabeça chafurdando nos motivos que o levaram até ali, no dinheiro perdido em apostas, nas armadilhas de empréstimos armadas pelo desgraçado do Adirlei.

E, agora, dentro do carro de um velho que fede a perfume barato de farmácia, ele segue no sentido bairro-centro até desembocar na BR-116. Encosta a cabeça no vidro da janela, vê as luzes dos postes escorrerem pela rodovia, os faróis dos caminhões que, de vez em quando, pedem passagem na pista.

Mataria seu próprio pai no primeiro dia de emprego. E mesmo nem sendo cinco da manhã, já era tarde demais para pedir as contas.

Garcia liga o rádio, e uma série de notícias começa a pipocar. As escalções de Grêmio e Inter para a próxima rodada do Brasileirão, acidentes de trânsito pelas estradas do estado. Ele veste um abrigo azul da Reebok, os fechos do bolso tilintam conforme as mãos manobram o volante. Mais parece um daqueles senhores que saem de manhã cedo para caminhar no parque do que um matador de aluguel.

Seu pai também vivia de abrigo. Um abrigo do Grêmio, da época da Kappa. Há filmagens dele em reportagens da televisão local sobre as greves do fim dos anos 90, apontando e cuspiendo para a câmera como se quem estivesse atrás dela fosse o dono da fábrica. E as listras tricolores em destaque na imagem, no meio do piquete repleto de bandeiras vermelhas.

— A gente tá indo pra onde?

— São Leopoldo.

— E tu conhece a pessoa?

— Claro que não. Faz parte do trabalho tu não saber nada, guri.

Rodrigo pensa no filho da puta do Adirlei. Andando pela casa de dois pisos sem reboco na parede, o baú da cama e os armários do quarto transbordando malotes de dinheiro. De roupão, cueca e pantufa, azucrinando a coitada da mãe para passar um café da manhã.

— Mas alguma coisa tu deve saber.

— Tem que saber como é a fuça, o endereço. Mais do que isso tu não vai querer.

Garcia abre o porta-luvas, tira uma touca de lã. A calvície já tomou conta do topo de sua cabeça, mas o que resta do cabelo grisalho chega a esconder sua nuca. Para Rodrigo ele lembra o vilão de um filme de terror antigo, que perseguia adolescentes em corredores de funerária e cemitérios. O pai nunca reclamou de ele

assistir a filmes desse tipo quando criança. O pai nunca se importou com nada.

— Depois desse desvio, já é o lugar. Tu fica no carro.

Ele estaciona o Escort numa estrada de chão próxima a um matagal. Garcia desce do veículo e desaparece entre os eucaliptos.

Já são cinco e vinte da manhã na tela do celular. A chave de ignição esquecida no carro é um convite para Rodrigo fugir. Se ele ao menos conhecesse alguma coisa de São Leopoldo, se ele ao menos não tomasse uma bala na cara de Adirlei assim que botasse os pés de volta na Vila Kraemer. O peso do revólver dentro de seu bolso é como um saco de pedras empurrando seu cadáver para o fundo do mar.

O velho aparece de novo saindo das árvores. Para em frente ao vidro do carona. Um cigarro aceso entre os dedos amarelos.

— Desce. Vou precisar da tua ajuda.

Enquanto seus pés amassam galhos e folhas secas, Garcia explica que o alvo dele é a dona de um restaurante. Coisa rápida, de entrar e sair. O problema era o caminhão de hortifrúti no meio da rua abastecendo o estoque da futura vítima.

— Bota essa máscara também. Rende o pessoal do caminhão. E aí eu termino o serviço lá dentro.

O fedor de naftalina da máscara de pano faz os olhos de Rodrigo lacrimejarem.

— Como tu consegue?

— Consigo o quê, guri?

— Fazer isso.

O velho parece abrir um sorriso debaixo da máscara.

— Eu imagino que a pessoa maltrata um cachorrinho. Fica mais fácil apertar o gatilho.

Garcia corta caminho por um terreno baldio para chegar aos fundos do restaurante. Já o outro contorna o terreno até dar de frente com o baú do caminhão, uma maçã gigantesca pintada no aço. O revólver já não parece mais tão pesado em sua mão, e ele o aponta para o trabalhador sentado na boleia. A luz da tela do celular ilumina a inexpressão do rosto dele, como se o cano de uma arma fosse algo corriqueiro.

— Já levaram nosso dinheiro ontem, colega. Se tu quiser pode ficar com o celular, é da firma mesmo.

— Desce, porra — sua voz falha ao tentar parecer ameaçador — Tem mais alguém contigo?

— Lá dentro — diz o trabalhador rendido, as mãos erguidas na altura da cabeça.

O outro homem sai do restaurante, também de mãos erguidas. Na fresta que a porta deixa aberta, Rodrigo vê de relance o velho apontando a pistola, respingos de sangue no ladrilho branco.

Conduz os dois funcionários até o baú do caminhão e, com o revólver tremendo em suas mãos, ordena

que ambos entrem. Assim que eles somem de vista, escuta o assovio do velho e depois o segue pelo capim alto do terreno baldio até se enfiar mais uma vez dentro da mata de eucaliptos.

Param de correr somente quando alcançam o Escort velho de guerra. Uma vez dentro do carro, tira a máscara e sente o ar puro novamente. O velho também está ofegante em seu assento. Ele abre a carteira, estende um bolo de dinheiro para o jovem, o elástico carcomido quase arrebentando com a quantidade de notas.

— Tava no caixa. Pega pra ti, guri.

Mais uma centena de bolos como esse, e a dívida de Rodrigo com o Adirlei seria quitada.

\*\*\*

Os dois estão sentados lado a lado na mesa do restaurante, de frente para a porta de entrada. Ficar de costas pra ela é um convite prum tiro na nuca, é o que Garcia diz, dessa vez usando uma jaqueta preta impermeável. O abrigo do trabalho anterior foi devidamente guardado no porta-malas do carro.

Rodrigo toma um gole do refrigerante com limão e gelo. Depois do último assassinato, rodaram o Escort por mais algumas horas até pararem para almoçar em Porto Alegre. Tira do bolso a foto de seu pai e lê no

verso dela o endereço que irá a seguir, a caligrafia quase infantil de Adirlei.

— Conhece Gravataí? — o velho pergunta.

— Não — e dessa vez a resposta do jovem é sincera: na última vez que ouviu falar de seu pai, há uns cinco anos, ele ainda vivia em Novo Hamburgo.

O espeto corrido chega na mesa dos dois. Garcia circula a ponta do garfo no pedaço da fraldinha que deseja, e a lâmina do garçom desliza sobre a carne, derrubando um naco malpassado no prato do velho. Rodrigo faz que não com a cabeça, e o garçom se encaminha para a próxima mesa. Nem sequer tocou na comida desde que se serviu no buffet. Em compensação, Garcia devora a pilha de arroz, massa e carne, a boca lambuzada de molho.

— Já atirou alguma vez na vida?

Rodrigo lembra da vez em que seu pai o levou para a chácara de um dos seus colegas do sindicato, quando ainda era uma criança. À noite, todos saíram para caçar preás no meio do descampado, empunhando lanternas e espingardas de chumbinho. Ficou atrás do pai o tempo inteiro, como um cachorrinho assustado, se encolhendo a cada disparo, a cada grito. Os preás mortos foram a entrada do churrasco.

— Não.

— Eu lembro desse cara — diz o velho, entre um pedaço de carne e outro — Roque, algo assim?

— Roque é o apelido dele — responde Rodrigo, e a comida no seu prato parece cada vez mais impossível de engolir — Pensei que tu não soubesse nada do teu trabalho.

— Cara grande de sindicato não tem como não conhecer, guri. Eu mesmo já fui metalúrgico quando tu nem era nascido, e o jaguara tava em todas. A lista de quem quer ele morto deve ser do tamanho da 239.

O jovem se retira da mesa e caminha pelos corredores apinhados de gente faminta até o banheiro. Permanece um tempo dentro do cubículo, contemplando a privada encardida e os desenhos sexuais entalhados na parede. Lava as mãos com o último suspiro do sabonete líquido. Fixa os olhos em seu próprio reflexo no espelho até eles se recusarem a chorar. Quando retorna para a mesa, o velho está selecionando outro pedaço do espeto corrido.

— Vai ser assim, guri — Garcia muda o tom de voz para algo mais grave, a boca ainda suja de comida. — A gente vai dar mais umas voltas, depois pega a 290 e chega em Gravataí de tardezinha. E tu faz o teu trabalho somente quando escurecer, entendeu? E eu não sei que merda tu fez pro Adirlei pra parar aqui, mas tu precisa de mais profissionalismo, seu merdinha.

Rodrigo enfia o garfo num punhado de legumes, engole a comida em silêncio.

\*\*\*

O sol é uma mancha vermelha no horizonte quando chegam na casa do pai de Rodrigo, na zona rural de Gravataí. Garcia estaciona o Escort numa rua paralela à rua do alvo, divididas por um córrego e uma plantação de feijão. Com o pouco de luz que ainda resta, o jovem vê de longe o terreno do pai: uma casa simples de madeira cercada de árvores, com um punhado de vizinhos a metros de distância, mas próxima da rodovia estadual ao ponto de escutar o zumbido dos motores.

Talvez seu pai já estivesse fugindo nos últimos anos. Ele que sempre reclamava da infância na roça e que, em contrapartida, valorizava o chão de fábrica que moldou o resto de sua vida. E agora aí, quase no meio do nada, convivendo com o cheiro de esterco na porta de casa.

— Dá uma circulada antes, guri. Vê se ele tá em casa primeiro. Temos a noite inteira.

O vapor que sai da boca de Garcia desaparece no ar como a fumaça de um palheiro. Segundo ele, o inverno é a melhor época para matar alguém: é o momento do ano em que Deus economiza a luz do sol e nos deixa na escuridão por mais tempo.

Rodrigo atravessa a pontezinha de madeira que corta o córrego. Anda com as mãos no bolso do moleton e as costas curvadas pelo frio.

O poste ilumina as grades descascadas do portão. Como parte de um instinto adormecido, bate palmas na frente da casa do próprio pai. Uma voz vinda de dentro das janelas fechadas diz que o portão está destrancado. Uma voz familiar para Rodrigo, perdida no tempo.

O quintal que seus pés pisam tem a grama aparada, e a varanda de colunas de madeira tem uma coleção de folhagens penduradas no teto. Escuta passos do outro lado da porta, fiapos de luz escapando pelas frestas.

Seu pai estende a mão assim que a porta é aberta. A cabeleira escorrida tem mais fios brancos do que Rodrigo lembrava, além da barba cerrada que tomou conta do rosto, sempre aparada antigamente. Fora isso, é o mesmo Roque de cinco anos atrás.

— Filho?

— Pai.

— Que tá fazendo? Entra, entra, tá uma friaca aí fora.

O pai esfrega as mãos nos braços cobertos por um blusão de crochê, arrastando as pantufas até o sofá. Rodrigo fecha a porta, senta-se ao lado de Roque. De onde está sentado, a lâmpada no teto é ofuscada pela cabeça do pai, como se fosse uma auréola.

Há uma mesinha de vidro no meio da sala e uma televisão de tubo em cima de um armário envernizado. Um pôster do Campeonato Brasileiro de 1996 na

parede, os jogadores gremistas perfilados e compenetrados antes da decisão.

— Me desculpa — começa Roque depois do silêncio compartilhado entre os dois.

E prossegue com o fato de que não deveria ter sumido assim do mapa, deveria ao menos ter mantido contato. E da mesma maneira que admite o erro, também o justifica com o divórcio e o conseqüente afastamento da mãe de Rodrigo e de todo o resto da família, seguido de um acidente de trabalho que lhe deixou encostado no INSS.

— Cada dia foi ficando mais difícil de te chamar, entende?

Rodrigo não entende. Até porque os dois se encaram agora por razões completamente diferentes. A fala de Roque é carregada de um remorso fervido a banho-maria, em um preparo que durou anos. Como se todo seu discurso de reconciliação tivesse sido ensaiado inúmeras vezes, na ânsia de um ator escondido atrás das cortinas do palco.

Já Rodrigo nunca pensou a fundo no reencontro. Talvez um dia trombasse com ele no corredor de uma farmácia ou de um supermercado, ou talvez, quem sabe, o avistasse do outro lado da calçada, seguindo a vida dele com outra família. Mas nada o preparou para o que vive agora: a figura solitária e ressentida do pai, um eremita no interior do estado, o gelo do revólver que

atravessa suas luvas de couro, o sorriso sádico que deve estar aberto no rosto de Adirlei neste exato instante.

Ele põe a arma sobre a mesa de centro, o tambor gerando um estampido contra o vidro. O pai olha para o revólver, em seguida para Rodrigo. E então estende sua mão até encostar no ombro do filho.

\*\*\*

Garcia vê o jovem ao longe na frente do portão. A silhueta minúscula iluminada pelas luzes amarelas dos postes. Quando ele some dentro do terreno, o velho sai do conforto do Escort e encara o frio da noite, as tábuas da ponte de madeira rangendo sob seus pés.

A passada é calma, sem pressa, quer ver de perto o batismo do guri. Ele para no acostamento do outro lado da estrada de chão e se acocora na grama. Suas juntas doem por um tempo, mas o corpo se acostuma.

A mão esquerda tateia o bolso da jaqueta, encosta num maço de cigarros. O fogo ilumina seus dedos amarelos de fumo. A casa permanece em silêncio, pontuado mais ainda pela ânsia do tiro. Aquele revólver vai ser um barulho qualquer para o restante da vizinhança, mas será ensurdecedor na memória do guri. A fumaça sobe por sua cabeça e desaparece no ar, o silêncio persiste.

Escuta os passos de um cachorro se aproximando. É um daqueles vira-latas peludos, cheio de nós entremeados no pelo marrom e preto. A boca é contornada por uns fiozinhos de barba branca.

— Vem cá, cusquinho, vem, vem.

Larga o cigarro na terra e acaricia o cachorro, primeiro no topo da cabeça, depois na barbicha branca. O cusco balança o rabo em resposta.

Escuta o barulho do portão deslizando pelo trilho. Não sabe quanto tempo já passou com o cachorro, mas continua com o carinho enquanto Rodrigo atravessa a estrada de chão.

Sob a luz do poste, o olhar do jovem é inexpressivo, as mãos imóveis dentro do bolso do moletom.



**Wesley da Silva** nasceu em 2001, em Novo Hamburgo, onde vive até hoje. Na carteira de trabalho, é definido como redator de manuais técnicos, mas gosta de ver a si mesmo como alguém que passa boa parte do tempo pensando em escrever ficção. De todas as suas influências, considera que Ana Paula Maia, Cormac McCarthy e Roberto Bolaño são as mais recorrentes em seus textos. Já teve contos publicados nas newsletters *Faixa* e *Pulpa* e nas revistas *Alinhavos* e *Escambanútica*.

## Tira de borracha

Antonio Sodré

Fim do expediente. Fechou sua loja. Na calçada daquela rua escura teve um pressentimento ruim. Há alguns dias um companheiro no bar avisou:

— Eles estão fechando o cerco.

Quase sempre andava armado. Em casa, na loja, nos bares e até na casa de amigos. Preferia cair atirando do que ser capturado. Justamente naquele dia tinha esquecido de trazer o revólver. Mal começou a andar, e dois carros, freando bruscamente e queimando pneus, o encurralaram. Um atrás e outro na frente. Homens armados desceram. Sua hora chegara.

— No chão! No chão! — gritaram.

Passou pela sua mente sair correndo. Pensou melhor. Decidiu enfrentar sua fortuna a ser executado naquela rua. Deitou-se no chão, rendido. Um homem amarrou as suas mãos enquanto outro o vendava com uma tira de borracha. Seu mundo escureceu. Foi revisitado. Tomaram-lhe a sua carteira e chaves.

Recordou de sua mulher e de seus dois filhos. Morava sozinho naqueles tempos. Mudou-se por conta própria jurando que um dia voltaria. Não queria envolver sua família naquela guerra. Tinha uma foto deles na

carteira. Erro infantil. Agora estavam expostos, pensou com o estômago embrulhado.

A tira estava muito apertada. Provocava uma dor lancinante. Tinha a sensação de que seus globos oculares iam estourar a qualquer momento. Já amordaçado, gritou inutilmente de dor. Ainda colocaram um saco em sua cabeça quando o obrigaram a entrar em um dos carros. Estava no banco de trás entre dois capangas.

O carro andou por um bom tempo. Ele entendeu o que estava acontecendo. O carro dava voltas e voltas pela cidade para que ele não tivesse nenhuma chance de saber para onde o estavam levando. Esses não são amadores, pensou.

Chegaram ao destino. Tiraram-no do carro e o levaram para dentro de uma construção. Ninguém falava. Ouvia apenas o som dos sapatos pisando no chão de madeira. Abriram uma porta. Mantiveram a venda e a mordação, tiraram-lhe a roupa e o amarraram a uma simples cadeira dobrável de metal. O chão daquela sala era de concreto. Jogaram-lhe um balde de água fria. Deixaram ele sozinho por horas. Quantas, não saberia dizer. O suficiente para que, com a boca seca, seu corpo começasse a tremer de frio a tal ponto que a cadeira virou de lado e caiu no chão. Quando pensou que estava em seus últimos suspiros, homens entraram. Deram-lhe água e o secaram. Retiraram sua mordação. Quis gritar e levou um tapa. Tentou dizer algo e levou um soco

no estômago. Entendeu que não era a hora de abrir a boca. Recebeu alimento. Um pouco de arroz com batata. Puseram a mordação e o deixaram sozinho.

O que eram horas pareciam minutos, e cada minuto, uma eternidade. A porta abriu. Pelo barulho, percebeu que colocaram uma cadeira de metal à frente. Um homem se sentou nela. Nunca mais se esqueceria daquela voz.

— Quando eu terminar com você, você terá me contado o nome de todos os seus companheiros, os lugares que vocês frequentavam, o que faziam e o que pensavam. Tudo. Entendeu?

Não houve resposta. Continuava amordaçado e vendado. O homem levantou-se e, batendo a porta, foi embora. Inclinarão sua cadeira. Puxaram seus testículos. O choque causou tanta dor que desmaiou. E assim continuaram. Quando pensava que ia morrer de sede, davam-lhe água. Quando pensava que ia perecer de fome, mais arroz e batata. Quando sentia algum alívio, um outro choque. Fez um esforço descomunal para manter alguma conta do tempo, mas logo desistiu. Sempre que parecia que ia dormir, um dos homens dava-lhe tapas no rosto. Entre uma porrada e outra, perdeu dois dentes.

O homem entrou novamente na sala e sentou-se à sua frente. Dessa vez tiraram a tira de borracha que o vendava. Estava cego de um olho. A sala era iluminada

apenas por uma lâmpada presa a fios elétricos que saíam de um buraco no teto. Não havia mais nada. O chão, o teto e as paredes eram de concreto cinza.

— Você sabe por que eu não uso máscara? Os meus homens usam porque eu mando. Eu não preciso. Quando a gente estiver no meio do que faremos com você, você me pedirá para morrer. Quando você tiver me contado tudo, talvez eu te mate, talvez não. Não importa. Não vai ter sobrado nada de você — um capataz levantou sua cabeça. — Então me olhe bem nos olhos. Veja bem quem eu sou, pois o resto de sua vida miserável me pertence.

Fez um gesto para que tirassem a mordaza.

— Por favor, meu Deus...

Mandou seus homens voltarem a amordaçá-lo.

— Não é isso que eu quero ouvir.

O homem saiu da sala.

Os choques e os banhos de água fria voltaram. Agora também, de tempos em tempos, cobriam sua cabeça com um saco, sufocando-o. Defecou e urinou na cadeira. Deram-lhe alguns panos para se limpar. Carregou suas fezes com as próprias mãos e as colocou num balde com produto químico. Fizeram-no lavar os panos. Não conseguia pensar em nada, só sentia dor e frio. De vez em quando, um homem entrava na sala e o examinava. Estava mascarado como os outros, mas parecia ter conhecimentos de medicina. Tomava sua pressão, checava seus sinais vitais e tirava sua temperatura. Falava com

os outros homens mascarados. Às vezes parecia pedir que o enxugassem e parassem com a tortura. Outras vezes, dava sinal verde. Não acreditava que um médico pudesse fazer parte daquilo. Não queriam matá-lo, pelo menos não agora. Pouco se passava por sua cabeça. Tanta aflição não deixava espaço para pensamentos. O olho cego latejava. Em um dos raros momentos em que conseguiu pensar em algo, lembrou-se da decisão de não sair correndo pela rua quando eles chegaram. Arrependeu-se. Preferia estar morto.

O homem novamente entrou na sala. Sem falar nada, ordenou que tirassem a mordaça.

— Pelo amor de Deus, me mate... não aguento mais — balbuciou.

— Ainda não é o que eu quero ouvir — mandou que o amordaçassem novamente.

O homem tirou a foto de sua família e lhe mostrou.

— Quem sabe eles não me contem o que quero saber.

Amordaçado novamente, tentava gritar “Eu falo tudo, pelo amor de Deus, eu falo”, mas Deus não pertencia àquele lugar. Uma nova rodada de torturas começou. Agora inclinavam-no, colocavam um pano cobrindo sua boca e seu nariz e despejavam água. Sentia que aquela água ia invadir seus pulmões a qualquer momento. Repetiram a técnica diversas vezes. E ele, naquela cadeira, sempre acordado.

O homem novamente entrou na sala e fez o comando para que tirassem sua mordação.

— Eu falo tudo, tudo que você quiser saber, eu falo.

O homem saiu da sala sem dizer uma palavra. Tiraram as amarras que o prendiam na cadeira. Trouxeram-lhe suas roupas. Estavam largas. Perdeu peso. Ficou mais um tempo esperando. O quanto, só Deus sabia. Deram-lhe água e um isopor com arroz e batata. Comeu com a mão, sem se importar com os vermes que estavam no alimento. Também os mastigou. Nada mais lhe importava.

Foi levado até um escritório. Atrás de uma simples mesa de madeira, sentado em uma cadeira presidente estava o homem sem máscara. Sentou-se de frente para ele. Em cima da mesa, um gravador. Apertou um botão, e a fita começou a rodar.

— Pronto, fale, rapaz.

Disse tudo que sabia. Nomes, codinomes, lugares de encontro, atividades e planos. Não omitiu nenhum detalhe. Clarificou todas as questões. Ao fim, um silêncio perturbador. O homem então perguntou:

— Sua família está envolvida?

— Não, senhor — falou no único momento em que mostrou alguma agitação.

O homem desligou o gravador e fez um sinal para que homens mascarados o levassem. Amordaçaram-no novamente, amarraram suas mãos e puseram a tira de

borracha, vendando seus olhos. Deixaram ele esperando numa cadeira em outra sala. Essa tinha o chão de madeira. Pessoas entravam e saíam com frequência. Tinha certeza de que iriam matá-lo ali mesmo. Desejou que o matassem ali mesmo. A espera era somente mais uma forma de tortura.

Com um saco na cabeça, o colocaram no banco de trás de um carro. Como da primeira vez, ficaram dando voltas e voltas para que ele não pudesse encontrar o lugar que fora seu cativo. Quando rodaram o suficiente, tiraram o saco, as amarras e a venda e abriram a porta do carro ainda em movimento. Jogaram ele para fora. Rolou no asfalto. Era noite. Quando conseguiu se reerguer, correu para casa. Já não tinha mais a chave. Sem saber com que forças, quebrou a tranca e invadiu o próprio lar. Coletou todas as suas reservas e colocou o revólver na cintura. Sentou-se atrás da porta, esperando pela alvorada. Ligou o rádio para saber quantos dias se passaram. Demorou para acreditar que só o mantiveram em cativo por cerca de quinze dias. Jurava que havia ficado preso por meses. Sua mão esquerda tremia.

Já de manhã, correu alguns quilômetros para a rodoviária. Olhava para trás constantemente. Temia ser seguido. Comprou passagem no primeiro ônibus que ia para o interior. Encostou sua cabeça na janela enquanto as casas ficavam cada vez mais espaçadas. Viu as árvores

passando, algumas plantações, bois, cabras e pequenos casebres. Sua visão foi ficando embaçada. Sentiu um calafrio. Desmaiou.

Sentiu a água fria em sua testa. Abriu os olhos. Uma enfermeira segurava um pano molhado em sua frente. Estava com febre. Voltou a dormir. Foram vários os momentos de breve consciência no meio da sensação de apagamento e de calafrios. Não conseguia falar. Um homem de jaleco branco vinha examiná-lo de tempos em tempos. Notou a camisola hospitalar embaixo dos cobertores. Estava em algum tipo de hospital.

A febre arrefeceu. Já ficava consciente a maior parte do tempo. Tentou, mas não tinha forças para se levantar. Ao lado de sua cama, o médico se sentou no banco giratório de metal.

— Meu filho, você chegou aqui desidratado, com uma forte infecção na boca e disenteria. Teve sorte, vai sobreviver. Te dei antibiótico e controlamos a febre. Bem, essa seria a hora de me apresentar, mas vi as marcas no seu corpo. Não posso ter as pessoas que fizeram isso com você perto dos meus pacientes, das minhas enfermeiras e da minha família. Somos um ambulatório simples. Atendemos os moradores da região. Por isso lhe peço que não fale nada. Não quero saber sua história. Nada de nomes. É o mínimo que pode fazer pela gente, concorda?

Concordou.

— Minha arma? — sussurrou com dificuldade.

— Sim, está guardada. O dinheiro também. Tudo lhe será devolvido na saída. Em alguns dias, você já deve estar bom. Menos seu olho. Colou a retina, nunca mais vai enxergar com ele. Colocaremos um tapa-olho. — Depois de uma pausa de alguns segundos falou: — Eu sinto muito pelo que fizeram com você.

Passou mais uns dias recuperando-se. As enfermeiras o ajudaram a andar. Primeiro, alguns passos pelo quarto. Aos poucos, aventurou-se no corredor. Já conseguia falar, mas ficou a maior parte do tempo calado. Cumpriu a promessa feita ao doutor. Sem febre, passou a fazer as refeições na lanchonete do ambulatório. A comida não tinha gosto, pelo menos, não para ele. Recuperado, chegou a hora de partir.

Deu adeus àqueles que salvaram sua vida sem dizer uma palavra.

Na rodoviária, comprou uma passagem para uma cidade mais distante da capital. Ao chegar, procurou por uma pensão. Comprou algumas roupas e objetos de higiene pessoal. No quarto alugado, quando abriu a torneira para escovar os dentes, o barulho da água corrente fez com que ele sentisse falta de ar. Sua mão esquerda tremia mais fortemente. Fechou a torneira e se sentou na cama. Ofegava. Parecia que todo aquele sofrimento estava ali, do lado dele, só esperando uma brecha para tomar conta do seu corpo por completo.

Tentou dormir um pouco, mas não conseguiu. Com um frio na barriga, fechava os olhos e via a cara daquele homem sem máscara.

Foi para o bar. Tomou uma garrafa inteira de cachaça. Bêbado, voltou para a pensão e finalmente apagou. No dia seguinte, voltou ao bar. E no outro dia, e no outro. Começava a beber cedo, logo depois do almoço. Bebia até o bar fechar. Alguns tentaram falar com ele, que não queria conversa com estranho algum. Sem cuidados, sua barba e cabelos cresceram.

A bebida mascarava a culpa. Entregou todos os seus companheiros. Provavelmente passariam pelo mesmo que ele passou. E se pegaram sua mulher, seus filhos? Ideia insuportável.

Uma noite, um pouco antes de o bar fechar, quatro jovens o cercaram.

— Esse pirata bêbado vem toda a noite aqui. Toma todas. Véio, paga uma rodada para a gente?

Nunca foi chamado de velho, mas não estranhou. Já tinha notado que seus cabelos brancos vieram antes do tempo.

Não respondeu ao pedido, apenas colocou seu revólver em cima da mesa. Três dos jovens saíram correndo. O que ficou o desafiou.

— Pensa que me mete medo, véio? Enfia essa pistola no rabo!

Ele abriu o cilindro e tirou cinco das seis balas. Girou o cilindro com força e engatilhou a arma. Apontou o cano para a própria testa e apertou o gatilho. Nada. O jovem que restava saiu correndo vociferando:

— Véio maluco!

Colocou o cano dentro da boca e apertou o gatilho. Nada. Colocou o cano embaixo do queixo e apertou novamente o gatilho. Nada. Se não tivesse desmaiado de bêbado uma hora a bala acharia sua cabeça.

O dono do bar o enxotou do seu estabelecimento, não sem antes roubar o revólver. Foi cambaleante para a pensão. Encontrou seus poucos pertences do lado de fora. Gastou tudo que tinha e não pagava o aluguel fazia tempo.

Passou aquela noite na rua. Acordou com o sol na cara, com uma mão estendida em sua direção. Era um membro da Assembleia. Foi levado e acolhido pelos crentes que o vestiram como um deles. Entrou para a congregação. As vozes e os cantos eram reconfortantes. Até mesmo a voz do pastor com seus estranhos agudos. Preenchiam um vazio insuportável. Fugia do silêncio para que sua mente não voltasse àquela sala de concreto cinza. Aguentou a abstinência do álcool e parou de beber.

Por anos trabalhou para a igreja em troca de sustento. Fez de tudo um pouco: ajudava com a faxina, reformava casas, auxiliava no culto, varria a rua, lia as

escrituras. Morava num quartinho atrás da igreja. Conversava com o pastor com frequência. Queria saber se Deus o perdoaria pelos seus pecados, sem nunca mencionar pelo que passou. O pastor pedia-lhe fé, e fé ele tentava ter.

Apesar de tudo, a cada ano que passava, parecia que carregava um peso a mais. Não sabia explicar o quê exatamente. Um dia, com a igreja vazia, caiu ajoelhado. Perguntou ao Senhor como poderia existir tamanha dor e vilania. Como Ele explicava esse sofrimento que crescia com o tempo, mesmo querendo ser esquecido. Não ouviu resposta. Levou as mãos ao rosto e, em lágrimas, apoiou sua testa no chão. Chorou como não chorava desde menino. Levantou-se e, ainda em lágrimas, falou alto: “Perdoe-me pelas minhas fraquezas, mas veja as minhas cicatrizes. Vou deixá-Lo. Já levaram minha alma faz tempo, só sobrou o casco.”

A hora de procurar sua família chegou. Assim, talvez, pensou, morreria com um pouco de paz se estivessem bem. Na beira da estrada, pegou carona com um caminhoneiro rumo à capital.

Chegou à porta de onde sua mulher morava quando foi levado. Ouvia o barulho de crianças brincando dentro da casa. Pequenos demais para serem seus filhos. Ficou quase uma hora sem se mover. Não sabia o que dizer. Tomou coragem e bateu à porta. Sua mulher abriu. Parecia ter envelhecido apenas alguns anos.

O rosto era quase o mesmo que ele tinha deixado para trás. Ela demorou para reconhecê-lo. Com a porta entreaberta, falou:

— Meu Deus, tinha certeza de que estava morto.

O que faz aqui?

— Me pegaram.

Ela levou a mão à boca.

— Entre.

Sentaram-se na mesa da cozinha. Ela ofereceu um café, mas ele aceitou um copo d'água. Ficaram um olhando para o outro.

— Você sumiu. Por que não voltou antes?

— Não tive forças. Chegaram perto de você e dos meus filhos?

— Não. — Um peso enorme saiu de suas costas.

— Os pequenos brincando no jardim são seus?

— Sim. Uma hora tive que seguir com minha vida.

— O pai é um bom homem?

— Sim, nos trata muito bem. Homem honesto. Não deixa faltar nada.

— E meus filhos?

— O mais jovem saiu por aí. Se juntou ao movimento dos sem-terra. Disse que queria ser que nem o pai.

— E você deixou? — falou atordoado.

— E o que eu ia fazer? Sua mãe tentou te impedir de entrar no partido, não? Acendia uma vela todas as noites e orava por você até morrer, lembra? Faço o

mesmo. Quem sabe tenho mais sorte que sua mãe e vejo ele novamente.

— E o mais velho?

— Casou. A moça é boa, mulher direita. É pedreiro. Mora mais para longe, na periferia. Tem dois filhos lindos. Me visitam sempre.

Pela primeira vez em muito tempo ele deu um sorriso.

— O que aconteceu com seu olho?

Ele balançou a cabeça. Não queria falar do que passou.

Ficaram alguns minutos em silêncio, olhando um para o outro.

— Você sumiu... — os olhos se encheram de lágrimas.

— Me perdoe.

— Não sei se consigo — disse, enxugando as lágrimas.

Ele se levantou.

— Melhor eu ir. Não vou atrapalhar. Fico contente de saber que você está bem.

Enquanto ele andava em direção à porta, ela falou:

— Espere. — Pegou uma caneta e escreveu em um pedaço de papel o endereço do filho mais velho. — É um menino bom, sempre foi. Vai gostar de ver o pai.

Na rua olhou para aquele pedaço de papel sem saber o que fazer. Caminhou até achar um bar. Por pouco não pediu uma cachaça. Saiu de lá com as

indicações de como chegar ao endereço no pedaço de papel.

Quase ao anoitecer chegou à casa de seu filho. Reconheceu naquele homem que jogava bola na rua com duas crianças seu rebento. Ficou parado, sem reação.

— Pai, é você?

O filho caminhou até o pai e o abraçou.

— Mãe falou que você podia aparecer, estava te esperando. Eu sei o que fizeram com você.

Choraram juntos.

— Entre, entre. Venha conhecer seus netos e sua nora, vamos...

— Não quero atrapalhar.

— Insisto, não é trabalho nenhum. Hoje o senhor dorme aqui.

Foi apresentado a todos. Ganhou um abraço acolhedor da nora. O filho menor perguntou por que sua mão tremia tanto. O maior perguntou se ele era um pirata.

— Pare de besteira, meninos! Deixem seu avô em paz.

Ouvir a palavra avô o alegrou de um jeito que nem se lembrava que era possível.

— O senhor vai ficar aqui o quanto precisar.

Jantou com sua família. Sopa de legumes. Naquela casa a comida tinha gosto.

Com a ajuda dos vizinhos e amigos, o filho construiu um puxadinho para o pai. Quarto e banheiro.

Tudo muito simples. E assim ele passou a morar com o filho. Dava aulas de reforço escolar para as crianças do bairro para ganhar alguns trocados. Jogava dama e baralho com os netos. Adotou um vira-lata que vivia em sua cola.

Um dia, sentado na cadeira de balanço, ouviu a voz de seu torturador. Mesmo após tantos anos, ficou pálido como um fantasma, e o coração veio-lhe à boca. O homem estava sendo entrevistado. Pela televisão, viu aquele homem anistiado, general de quatro estrelas da reserva do Exército Brasileiro e cheio de honrarias, sendo elogiado pelo governador. Assumiria a pasta da Secretaria de Segurança.

Olhou para o filho e os netos que jogavam bola na rua de terra.



**Antonio Sodré** é estudante de letras na Universidade de São Paulo (USP). Gosta de transformar histórias em contos e micro-contos. Já foi publicado em revistas literárias, antologias e por meio de concursos literários

# O último baile do Império

Ana Clara Mansur

“Mas como ainda estamos longe de ser livres!”

— Lima Barreto

Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1889.

Lenora estava sentada em frente à cama do quarto que dividia com o marido. Tinha em suas mãos um alicante e um broche feito de latão. Ela o torcia de maneira habilidosa para terminar a sua imitação do brasão dos Bragança. Olhou para o seu grande relógio de parede: quase dez horas. Alguns minutos depois, o barulho da sola de sapatos contra o chão de taco começou a ecoar pelo corredor. Em seguida, o ruído do trinco da porta ressoou pelo quarto. Lenora nunca sabia com precisão quem vinha trancar seu quarto todas as noites. Costumeiramente era um dos empregados, às vezes era o seu marido em pessoa.

Assim que teve a certeza de estar sozinha, Lenora tirou a camisola pela cabeça. As manchas de esperma no tecido ainda lhe davam ânsia de vômito. Ela cobriu a sua nudez com um vestido verde-musgo, uma touca e um avental branco. Em seguida, pegou o seu broche de

latão e o colocou no bolso do avental. Lenora abriu a gaveta de sua penteadeira, pegou um maço de notas de réis que havia roubado da carteira do marido e escondeu o dinheiro no espartilho.

Ela foi em direção ao guarda-roupa e tirou uma corda improvisada feita com vários de seus vestidos. Não parecia muito confiável, mas tinha passado a tarde a reforçar os nós com linha e agulha. O próximo passo envolvia o dossel da cama. Ela amarrou a ponta de sua corda improvisada na coluna de madeira. No processo, acabou danificando, para além de qualquer reparo, algumas das peças de seda importadas da Europa. Mas não tinha problema, na manhã seguinte já não teria mais ninguém para usá-las.

Com urgência, abriu a janela e desceu o corpo cuidadosamente pelo parapeito. Na metade do caminho, escutou o ruído do tecido começando a rasgar. A única reação que teve foi a de erguer as mãos em frente ao rosto, como se aquilo fosse protegê-la de alguma coisa. No momento seguinte, Lenora estava esparramada em seu canteiro de hortênsias. Ela se levantou e, enquanto marchava em direção ao portão de entrada, só o pensamento de liberdade passava pela sua cabeça. Maria seja louvada, pela primeira vez na vida algum de seus planos mirabolantes tinha chance de dar certo. Lenora empurrou a fechadura com força, e a estrutura de metal se abriu com um rangido.

Finalmente livre, seu olhar se cruzou com o de um cavalheiro na calçada. Aquilo foi no exato momento em que ele terminava de chamar um coche de aluguel. De uma maneira mais brusca do que lhe convinha, Lenora correu para cortar o rapaz e se enfiar antes dele dentro da carruagem. Ignorando os gritos de protesto, ela colocou o braço para fora da janela, entregou algumas notas de réis para o condutor e pediu para que partisse para o Paço Imperial.

A silhueta da cidade maravilhosa se descortinava diante da janela do veículo. Um grupo de crianças de libertos começou a correr atrás da carruagem de Lenora com os braços estendidos, esperando por algo que nunca iria chegar. A baronesa fechou a cortina e colocou a cabeça entre os joelhos. Depois do 13 de maio, a única coisa que o movimento abolicionista tinha de fato conseguido foi fazer com que o açoite da senzala fosse substituído pelo da miséria. A cidade estava encruada com seus prédios coloniais sujos, com as estruturas públicas malcuidadas e os libertos deixados para morrer à míngua nas ruas.

O Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão, que conquista mais triste. João Maurício mesmo, o marido de Lenora, tinha discursado em plenário que, se feita, a abolição tinha que ser gradual, em prol do próprio interesse dos cativos. Se o senhor de engenho não cuidasse deles, quem iria? Aparentemente,

não seria nem ele, nem a Coroa. Tudo isso para não desagradar gente poderosa como o barão de Cotegipe. Lenora não sabia como o governo podia ter tanto medo dele, ela já tinha visto o pior que o marido tinha a oferecer e sobrevivido. Era, no mínimo, absurdo pensar que a própria família real não parecia se julgar capaz de fazer o mesmo.

O Paço Imperial começou a surgir no horizonte, sinal de que estavam chegando. Lenora saltou de seu transporte, desamassou a saia do vestido verde e olhou ao seu redor. Logo em frente, sob as águas da Baía de Guanabara, estavam amarradas dezenas de barcos destinados a levar convidados ao Baile da Ilha Fiscal.

Lenora tirou do bolso do avental seu pequeno broche com o brasão imperial e o colocou do lado esquerdo do peito do vestido. Caminhou pela orla até chegar ao Cais do Peixe. O lugar não estava tão bem iluminado e tinha um odor de dejetos humanos. Uma quantidade considerável deles viajava por uma canaleta a céu aberto que vinha desaguar ali do lado. Não por acaso, naquela parte do cais, era onde aportavam as balsas encarregadas de levar a criadagem para trabalhar na festa.

Um grupo de funcionários esperava seu momento de partir para a Ilha Fiscal. Estavam todos vestidos com seus uniformes verde-musgo, a cor da Casa Real do Brasil. Lenora estava orgulhosa da sua versão do uniforme que replicava até mesmo os detalhes das listras

amarelas. Ela baixou a cabeça e tentou se camuflar em meio à multidão para entrar na balsa sem ser reparada pelos controles de segurança. Houve um momento em que Lenora pensou que um dos guardas ia chamar a sua atenção. No entanto, antes que pudessem de fato tomar alguma ação, a balsa já tinha subido seus portões e começado o trajeto.

A embarcação deslizou pelas águas cariocas até a parte de trás da Ilha Fiscal. Mesmo naquela posição, já era possível testemunhar a magnitude das festividades. A construção da ilha era dividida em dois pavilhões decorados com alguns elementos, como o brasão da Casa de Bragança. Ao fundo, o navio encouraçado chileno Almirante Cochrane ornava a região costeira com luzes que poderiam rivalizar com o próprio Cruzeiro do Sul.

A razão daquela noite era uma celebração para a marinha chilena e, aproveitando a ocasião, também uma comemoração das bodas do conde d'Eu e da princesa Isabel. Era engraçado, pessoas tinham sido abandonadas para morrer de fome, mas a princesa salvadora ia passar a noite degustando canapés de salmão. Os novos brasileiros não tinham teto nem comida, mas o sorvete a ser servido na festa para comemorar a sua liberdade já estava sendo preparado em pequenos pratos de porcelana encomendada de Sèvres. Prioridades.

Os criados dirigiram-se ao mordomo do Paço Imperial, que os dividiu em grupos para cumprir as tarefas.

Alguns foram para a cozinha, outros foram encaminhados para servir bebidas, outros para as sessões de chapelaria e o grupo de Lenora ficou encarregado de limpar os banheiros. Em resposta, ela se misturou ao grupo encarregado do salão, pegou uma das garrafas de champanhe e avançou em direção à festa antes que alguém percebesse que a equipe das latrinas estava defasada.

Lenora colocou um sorriso cordial em seu rosto e começou a sua missão de busca entre os convidados da festa. Ela se julgava protegida em seu disfarce, quem olhava para a criadagem? Certamente nenhuma de suas amigas da alta sociedade. Embalada por uma versão da “Ária da Rainha da Noite”, de Mozart, Lenora se descuidou. Como resultado, um par familiar de olhos acabou a encontrando. João Maurício sentiu uma pontada no coração ao reconhecer aquela figura esguia e estranhamente feliz. Se o uniforme pudesse gerar dúvida, as mechas de cabelo louro que escapavam pelos cantos da touca davam certeza ao barão de que aquela era a sua esposa.

No meio da pista de dança, valsando com o pai, estava a joia da coroa da aristocracia brasileira. O visconde do Bom Retiro girava alegremente com sua filha, Selune Pedreira do Couto Ferraz, em seus braços. A jovem aristocrata era bela e poucos diriam que fazia parte da família da Casa Imperial. Os Bragança não

eram famosos pela beleza. Na verdade, durante uma visita ao Rio de Janeiro, um compositor estrangeiro se viu atônito, pois nunca antes tinha encontrado “*tanta gente feia reunida, mas pelo menos gostam de música*”.

Selune, mesmo tendo escapado da primeira afirmativa, terminou por se enquadrar na segunda. Como seu tio de consideração, o imperador em pessoa, a jovem gostava de financiar os estudos de artistas locais. Alguns anos antes, a marquesa tinha decidido apadrinhar a carreira de uma promissora pianista, à época, chamada Lenora Pimenta Bueno.

Pedro Augusto, por sua vez, era o neto preferido do imperador, e isso era suficiente para que fosse um dos solteiros mais cobiçados do Império. Ele se aproximou de Selune e do visconde, com um gesto galante, pegou a mão da moça e lhe beijou os nós dos dedos. Lenora sentiu a boca ficar amarga e baixou os olhos, mordida pelo ciúme. Havia algo na projeção social que a masculinidade do príncipe dava a Selune, que Lenora invejava não ser capaz de proporcionar. Naquele momento, o velho Pedro II passou perto de Lenora e tropeçou em um dos tapetes. O imperador cambaleou e quase levou um tombo, mas foi amparado por Machado de Assis.

— O monarca tropeçou, mas a monarquia não caiu.

O velho senhor exclamou, tentando manter o bom humor. Deveriam tê-lo deixado cair, às vezes aquilo podia ensinar àquele senhor a crescer algum colhão.

Um pouco mais adiante da pequena comoção, a condessa de Iguazu chamou Lenora, acenando com a taça de cristal vazia. A baronesa se apressou em atendê-la, mas não conseguia desgrudar a atenção da moça no centro da pista de dança. Selune era a mais bonita das convidadas, mas a atenção de todos estava na princesa Isabel, que dançava com o conde D'Eu.

Era engraçado ver aquela senhora, sempre tão carola, dançando e bebendo de maneira tão mundana. Ela se portava como uma santa por ter feito o mínimo. Mas estava justificada em sua santidade, no meio dos seios usava uma Rosa de Ouro. Aquele ornamento papal era uma comemoração apostólica pela sua assinatura na Lei 3.353. É assunto tão sagrado esse de segurar uma caneta. Machado de Assis deveria saber disso muito bem, tinha a fama bem merecida de melhor pluma do Império. Talvez fosse por isso que Lenora o avistou novamente no meio da multidão, rindo, bebendo e saudando a princesa.

Mas nada daquilo importava agora. Se Machado e os outros abolicionistas estavam seguindo com suas vidas, então ela faria o mesmo. Entretanto, Lenora se sentia angustiada pelo que estava deixando para trás. Ia sentir falta de animar com suas músicas as reuniões dos escritores que financiava com o dinheiro do marido. Agora, quando Pedro Augusto avançou em direção a Selune para tirá-la para uma dança, a taça da condessa

de Iguazu começou a transbordar. Aquilo fez com que Lenora se assustasse e a garrafa escapou por entre seus dedos para ir direto ao chão.

O champanhe se espalhou pelas pedras polidas até quase encostar nos sapatos de Selune. A baronesa se ajoelhou para fazer menção de que iria limpar com o avental. O olhar felino de Selune encontrou o de Lenora, que respondeu com um aceno tímido de cabeça. A marquesa desviou o rosto com rapidez e fez um sinal com a mão para que uma outra criada se ocupasse daquela bagunça. Um pouco mais distante, João Maurício assistia à cena, sentindo-se humilhado ao ver sua esposa de joelhos, esfregando o chão para os seus inimigos políticos.

Selune fez uma reverência rápida para o pai e saiu da pista de dança. Passados alguns segundos, Lenora foi convidada a também se retirar. De volta entre a multidão, a baronesa apertou os olhos até conseguir distinguir uma silhueta graciosa indo em direção ao parterre. Ela se apressou para ir ao seu encontro, desviando dos convidados que lhe faziam acenos pedindo por seus serviços. Estava centrada em chegar ao vergel, mas ignorava o ébrio barão que a observava.

Lenora seguiu para a entrada pela parte norte do jardim. De repente, ela se viu envolta em uma mistura confusa de flores, árvores ornamentais e pequenas velas decorativas. Todas as trilhas de cascalho eram ladeadas

por uma vegetação ornamental estranhamente densa. Foi preciso vagar um pouco até encontrar Selune, sentada em um dos bancos do parterre.

— Você deve ser a única mulher do Império que foge do Pedro Augusto como o diabo foge da cruz.

O tom animado na voz de Lenora morreu quando Selune desviou o rosto. Contudo, ela não se levantou para ir embora, e aquilo como uma permissão para que pudesse se sentar ao seu lado. Com os dedos trêmulos, pegou a mão de Selune entre as suas. Quando a marquesa não fez menção de interromper o toque, Lenora se sentiu validada o suficiente para beijá-la no pulso. Lentamente, fez uma trilha com os lábios pelo braço da marquesa. Quando chegou à curva do pescoço, Lenora fez seu caminho em direção à boca. Entretanto, Selune virou o rosto.

— Para quem me chamou de traidora da causa e disse que nunca mais apareceria, estou surpresa de te ver aqui. E ainda por cima vestida como a criadagem, você não tem vergonha? Pensei que ia passar o resto da vida presa na sua torre de marfim com a cara amarrada porque as coisas não foram do jeito que você queria.

Selune tinha o ar triste, desapontado. Ela fazia de tudo para olhar para todos os cantos, menos para Lenora.

— Eu errei, me perdoa. Mas o meu sumiço não foi por birra, quer dizer, no início, sim, mas depois, não.

O que aconteceu foi que um secretário do Patrocínio vendeu para o João Maurício alguns dos papéis com os montantes que eu doei para a Confederação. Ele não ficou nada feliz em descobrir que eu estava desviando o dinheiro das doações que ele fazia para o convento da Lapa.

Lenora deu um suspiro e avançou para perto de Selune. Estendeu o braço para tentar puxar uma das camadas de renda da saia. O gesto fez com que a manga do seu próprio vestido mexesse para revelar os pulsos tingidos em púrpura. Selune percebeu que os edemas também escondiam feridas com crosta e marcas de pus. Aquilo fez com que a sua má vontade desmoronasse.

— Você deu um escândalo no plenário e depois nunca mais deu notícia. A luta abolicionista não era sua para se apropriar desse jeito. Você é uma baronesa, Lenora.

— E você acabou de virar marquesa. Aliás, deve ser a primeira do mundo que é também republicana. Como isso soa? Ter livre acesso ao imperador e ao Paço Imperial e, ao mesmo tempo, ficar de conspiração com os liberais.

Selune crispou as sobrancelhas, suas bochechas se inflaram de raiva. Ela tinha vontade de estapear Lenora e, talvez, só talvez, também cobri-la de beijos logo depois.

— Minha mãe era uma cativa que morreu na senzala, e essa boa gente carioca faz questão de me lembrar disso todo santo dia. A minha luta é por ela, para dar para mais gente a chance que ela não teve de escolher o próprio futuro. Mas e você? Qual é o seu objetivo nessa luta para além de espezinhar o seu marido?

— Você, sua boba. Eu estou arriscando a minha vida aqui porque eu preciso que você saiba que eu te amo.

Selune arregalou os olhos e sentiu o rubor da vergonha queimar-lhe o rosto. Em algum lugar perto delas, ecoou o ruído de galhos sendo quebrados, mas as duas estavam muito absortas uma na outra para poder perceber.

— Nunca tinha ouvido suas juras de amor, você nunca fala nada sobre nós como um... casal. Nem quando a gente se deitava nas noites em que o corno do Cotegipe ia para a Bahia. Mas será que você pode falar de novo? Eu quero escutar.

Lenora deu um sorriso torto e puxou a marquesa pela cintura para senti-la por inteiro. Beijou-a até precisarem se separar para tomar ar.

— Não quero ser o seu plano de escape, só porque você se frustrou com o seu ativismo.

Lenora beijou suas bochechas e a pressionou contra o tronco de uma árvore de chuva de ouro. Os dedos da baronesa apertaram os quadris de Selune, que respondeu envolvendo o pescoço da outra com os seus braços.

Lenora colocou a perna para frente, de maneira que seu joelho ficasse próximo ao topo da coxa de Selune. Mesmo com todas as camadas de tecido, Lenora sabia que ela estava tomando a sua dose de prazer.

— Você nunca foi. E eu sou sua, se você ainda me quiser. Mesmo se não quiser, o meu coração é seu para fazer o que desejar com ele, inclusive quebrar. Mas se eu puder escolher, quero te seguir aonde quer que você for.

— Mas isso tem que ser por mim, e não pelo que a Isabel fez com a Lei Áurea. Eu sei que você queria mais, muita gente queria mais. Mas pelo menos a gente venceu, de certa forma. Ninguém dos Clubes da Lavoura vai ganhar indenização.

Lenora descansou o polegar no queixo de Selune e inclinou melhor a cabeça dela para que pudesse ter mais acesso à sua boca.

— Eu não me importo mais.

Naquele momento, o relógio da torre bateu doze badaladas. Os convivas ergueram suas taças de champanhe e gritaram vivas ao Império enquanto fogos de artifício coloriram o céu da baía.

— Eu não acredito, é realmente você. Me avisaram, quantas vezes me avisaram que você não passava de uma desviada. E cego de amor, eu não queria acreditar.

As duas se desgrudaram com um sobressalto. Foi com certa surpresa que Lenora encontrou João Maurício,

com o rosto contorcido pela dor e empunhando uma pequena pistola de duelo com a mão direita.

— Eu cheguei a acreditar que você tinha se arrependido, sua devassa mentirosa. Eu te dei um sobrenome, eu te dei uma vida de rainha e só pedi o seu amor em troca. E você concordou.

Ele soluçava, e ranho escorria pelo seu nariz. Seus olhos brilhavam com uma mistura de ódio e repulsa. Selune pousou a mão na base da coluna de Lenora, tentando transmitir-lhe força.

— A culpa é sua por acreditar em mim. Eu menti, menti quando disse que o seu amor era suficiente para mim.

Lenora tentava manter seu bravado, mas Selune percebia a força que ela estava fazendo para não gaguejar. Ela deu um passo à frente e se colocou entre aquele marido e sua esposa.

— Deixa ela ir embora, senhor barão. Lenora nunca foi sua para guardá-la como uma cativa. Agora, abaixe essa arma. A gente ainda pode conversar, nós dois sabemos que o senhor pode ser muita coisa, mas não é um assassino.

Selune não conseguiu acabar de falar. Um sonoro tapa lhe acertou a bochecha, com tanta força que ela acabou perdendo o equilíbrio.

— Nós éramos felizes. Até você aparecer, sua Jezebel. Onde você estava quando ela foi parar na sarjeta?

O rosto de Selune estava marcado pelos contornos da mão de Cotegipe. Um pequeno filete jorrava da ferida aberta na parte onde ele usava seu anel de sinete. Lenora avançou sobre João Maurício disposta a morrer, mas resoluto em causar um estrago antes de ir. Ela cravou as unhas no rosto dele e tentou atacá-lo nos olhos. João Maurício respondeu, pegando-a pelos pulsos e jogando-a no chão.

As mãos do barão foram para o pescoço da esposa. Lenora se debatia com violência, mas não conseguia recuperar o ar. João Maurício tinha as mãos geladas, como a relíquia anacrônica de uma monarquia em um continente de repúblicas.

— Pode morrer em paz, minha querida, eu vou te seguir daqui a pouco.

A visão de Lenora começou a ficar turva, ela estava com dificuldade de pensar pela falta de ar. A baronesa conseguiu ver os dedos de Selune nos ombros de João Maurício. Ele deu uma cotovelada para trás e as mãos da moça desapareceram. Lenora tentou mover o pescoço, gostaria de morrer vendo a sua amante, se possível. Encontrou a marquesa esquadrinhando a grama enquanto buscava pela pistola de maneira desesperada. Quando a encontrou, apontou a arma e gritou para que João Maurício saísse de cima. A única resposta que teve foi o barulho da baronesa tentando respirar.

Selune se levantou e correu até os dois. Vendo Lenora perder as forças para lutar, ela encostou o cano da arma na parte de trás da cabeça de João Maurício e puxou o gatilho. O corpo do barão caiu em seguida, esmagando sua esposa. Era quase da mesma maneira que ele costumava fazer depois de tomar o seu prazer no leito conjugal. Ela se contorceu para sair debaixo do barão e acabou aos pés de Selune.

O olhar da marquesa estava preso ao cadáver. Ao perceber isso, Lenora tirou seu avental empapado de sangue e o jogou sobre o que havia sobrado do rosto do marido. O peso feito pelo broche de latão alojou o símbolo imperial na cavidade recém-aberta. A pistola de João Maurício ainda estava fumegante na mão esquerda de Selune, o cheiro de pólvora misturada ao sangue impregnava o ar. O penteado da marquesa estava desfeito, sua maquiagem borrada e o vestido de baile maculado por pedaços de crânio e cérebro. Ela tremia violentamente da cabeça aos pés, mas não chorava, não gritava.

— Não se preocupe, Sel, vai ficar tudo bem, prometo para você. Se precisar, nós vamos falar a verdade. Quem matou esse desgraçado fui eu.

Lenora a abraçou com ternura, aninhando a cabeça de Selune em seu peito. Contudo, por mais que assim o quisessem, não poderiam ficar daquela forma para sempre. As duas se separaram, Lenora segurou Selune

gentilmente pelos ombros e a guiou até os barcos. Atrás delas, os últimos resquícios dos fogos de artifício morriam no horizonte. Entretanto, enquanto subornava o piloto de um dos barcos para levá-las de volta para o continente, Lenora nunca tinha sido tão livre.



**Ana Clara Mansur** nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. Formou-se em Direito pela UFMG, mas encontrou na diplomacia a verdadeira vocação. Em suas obras, cria uma ponte entre a rigurosidade acadêmica e a liberdade da ficção que traduz a perspectiva de quem almeja viver entre culturas e fronteiras. Com sua literatura, compartilha o fascínio que sente por narrativas capazes de dialogar com conflitos sociais e refletir sobre a complexidade humana.

# A casa dos outros

Fernanda Zanelli

## I

Está parado a dois passos da lixeira branca, a mais encantadora do quarteirão. Ajeita os óculos em cima do nariz. A arandela pendente na varanda, ao estilo colonial, treme com o vento do início da noite e povoa o muro com longas sombras que lhe parecem velhas conhecidas. A casa da rua Godofredo Aprígio, número 35, é a sua paixão há muitos anos.

A cerquinha de madeira não a protege totalmente. Bem longe disso. A 35 floresce no terreno descoberta de muralhas, câmeras, guaritas, em desacordo com a maioria das casas do bairro. Ele pula a mureta lateral, como de costume, e aterrissa as botas nas palmeiras. Sua baixa estatura e magreza, de quem se alimenta há anos de nicotina, favorece certas peripécias, a despeito de não ser mais nenhum garoto.

Tropeça numa raiz de árvore saliente e, por pouco, não chama mais atenção para si. Tem certeza que o infortúnio é uma punição: não fora capaz de penetrar em seu jardim com a devida gentileza. Decide que é imprescindível um pedido de perdão pelo desastroso

recomeço. Olha bem lá no fundo das duas janelas mais altas, e a arandela estremece outra vez, promove uma espécie de chapinhar de estrutura enferrujada. Aquilo basta para que ele retome sua marcha.

Abre o zíper da mochila e de lá retira o necessário. Sempre visita a casa aos feriados prolongados, pois, em ocasiões assim, o herdeiro Sodré migra para o litoral com a família, entupindo o porta-malas de boias coloridas, baldes com desenhos de caranguejos e peixinhos. Já os observou nesse ritual, não são fiéis a 35, espalham-se em quantos imóveis tiverem disponíveis. Uma promiscuidade medonha. Quantas casas, piscinas e arandelas são capazes de acumular? E, para quê as têm, se não são capazes prover o que precisam?

Os Sodrés não pagam sistemas de monitoramento 24 horas. Dos poucos que não optaram pela muralha revestida de trepadeira, talvez coroada por uma cerca elétrica. Seria mais reconfortante se a razão fosse financeira, mas nunca foi. O real motivo ele vê por toda parte: samambaias distribuídas no quintal, mandalas pendulando, uma estátua com corpo de gente e cabeça de elefante, luzinhas no tronco do ipê e o detalhe infalível: a caixa de compostagem que por pouco ele não chutou com o bico enlameado da sua bota. Devotos de composteiras são de rejeitar a segurança. Gostam de ostentar as portas escancaradas para abrigar mendigos, ainda que naquele bairro não existam sequer vira-latas.

É preciso ser honesto: câmeras e cadeados não o impediriam de entrar. Nada o impediria. No entanto, toda aquela hospitalidade o agride. Treme com a possibilidade de que a sua 35 fosse violada por um qualquer. Tantas vezes se ofereceu para drenar as calhas entupidas de folhas e lama, dar uma olhada na caixa de gordura, aferir a tensão das tomadas, examinar as manchas escuras das paredes para diagnosticar hematomas benignos de sujeira ou o curso de uma inevitável contaminação por mofo. Tantas súplicas para voltar a servi-la e todas as vezes recebeu uma negativa. “Imagina, cuidar da casa é uma terapia”, ouviu do herdeiro. Temerários, os novos Sodrés. Não sabem sequer colher as frutas que despencam sozinhas das árvores, como se sentem à altura daquela missão? Mas se os fedelhos eram os donos dela, o seu ofício era maior: ele era uma das vigas que a mantinha em pé.

Se Deus tivesse o costume de olhar por sua existência medíocre, seria testemunha do esforço que fez para tirar a 35 de sua vida. Tentou substituí-la a qualquer custo: trabalhou em dezenas de casas — verdadeiras mansões — limpando piscinas, mexendo em canos e fios elétricos e até como segurança noturno. Nada adiantou. Nenhum assoalho era aquele, nenhuma coluna tão forte e delicada. Se está ali, prestes a abrir a porta da cozinha cuja fechadura ainda é a antiga, é porque não teve opção.

Repara nos potes de vidro expostos em prateleiras, como se, no lugar de troféus, ostentassem temperos. A maior parte com pós e ervas das quais ele nunca ouviu falar, embora desconfie que tenham viajado mais do que a família Sodré — empilhados em porões de navios no lugar de ocuparem acentos de couro. Talvez, antes disso, tenham circulado em cestas trançadas, no dorso de algum animal de colheita ou nas costas dos muitos homens que pelo mundo são tratados como animais de colheita.

As canecas são de uma cerâmica grosseira. Ou melhor, de barro. Gosta de dar as coisas o nome que elas têm. Nas gavetas, amontoam-se as cumbucas de madeira, tigelas de sopa em listras, algumas com silhuetas de gato. Por toda parte, há uma recorrência obsessiva por felinos. Nos armários superiores, os mais escondidos, repousam as antigas porcelanas claras, com ramos de rosas pintados e frisos dourados na base e nas bordas. Aquilo, sim, combina com a aura da 35 e com a velha família Sodré. Que tipo de geração prefere usar tigelas de feira a porcelana de porte inglês?

Esbarra na prateleira, e uma das xícaras arrebenta em cacos pelo piso. O que mais o incomoda não é a flacidez irreversível de seus músculos, mas o barulho: sempre achou que ser ruidoso e desastrado são dos piores defeitos que alguém pode ter. No entanto, lá está ele, acudindo os pedaços da porcelana no chão.

De joelhos, encontra um par de olhos que o espreita nas sombras, embaixo do gabinete da pia. O gato branquíssimo, de nariz rosa achatado e olhos azuis, é um novo morador. O bicho não parece assustado com o invasor. Ao contrário, disfere contra ele uma incontestável nobreza e talvez repugnância da qual ele próprio se descobre condescendente.

Soube da doença pelo tremor, no instante em que não conseguiu acertar uma azeitona com o garfo. O resto foi comprovação inútil. Meses de agulha nas veias, sondas de todo tipo por suas cavidades. Desde então, tornou-se um exímio exterminador de louças. Mas isso não o impede de insistir com as xícaras, pois não abre mão de servir-se de um café. Não encontra o pó nas tradicionais embalagens laminadas, mas depara-se com os grãos. Por curiosidade, e falta de opção, se põe a moer café numa máquina portátil, enchendo a xícara com uma água turva. Cospe ao primeiro gole e dá de beber o restante para o ralo da pia. Considera o arrote dos canos um sinal de reprovação.

No canto da sala, o reencontra. Está lá, sufocado entre as estantes de livros, que não passam de caixotes de feira empilhados, vendidos por uma fortuna em lojas modernas de móveis. O relógio jaz num coma profundo, como todo relógio sem corda. E o que dizer de uma casa sem relógio? Não tem pulso. Abre a portinhola de vidro, retira um pino e o insere nos três orifícios

do móvel, girando com cuidado. Como um choque de desfibrilador, o ponteiro volta a se mexer. À meia-noite reconheceria a sua voz e, ao meio-dia, talvez ele lhe contasse um último segredo.

Por sorte não inventaram de destruir a passagem de gesso em arco, a que dava para a sala de jantar. Na parede, a fotografia do patriarca: o famoso doutor no centro, cercado por sua prole. Não enxerga a si mesmo, apesar dos anos de dedicação. Quem se importa? É dele o suor que mantém a casa, ainda que o faça clandestinamente e resista como a mesa de jacarandá, firme sobre os quatro pés entalhados.

Senta-se à mesa, gosta de imaginar a chegada do jantar. O lustre ainda é uma nuvem de pequenas contas de cristais pairando sobre todas as gerações de mandíbulas que mastigam carnes nobres e mancham os dentes de um líquido que poderia ser sangue, mas costuma ser vinho.

Vai ao bar, gasta o pouco da dignidade que ainda lhe resta contorcendo os punhos e a boca para puxar do gargalo uma simples rolha. Colhe, do suporte acima de sua cabeça, a maior de todas as taças. O vinho no cristal converte-se em nota musical — basta uma única gota daquela uva para o aroma da terra úmida tomá-lo pelo avesso.

Doutor Sodré gostava de Frank Sinatra, escutavam juntos quando serravam os ossos. A voz grave de

Sinatra ainda ressoa entre as paredes do seu corpo, embalada por uma orquestra interna: o gosto na boca, o ritmo dos pés, os tímpanos atentos, a melodia que, de tão íntima, é também a única que poderia florescer em seu peito, onde ele segura com as duas mãos firmes seu par, a taça cheia. Por quase não escutar sua música favorita, ela ainda mantém aquele frescor sublime. Gosta de preservar o cérebro livre do fastio de uma obra de arte repetida à exaustão.

Sempre que visita a 35, recolhe-se no quarto principal e veste o pijama dobrado na gaveta como um envelope de carta. A despeito do esmero com as roupas, a porta do armário geme o descuido da manutenção. O móvel embutido lhe conta pelas dobradiças rangentes o quão difícil anda sua vida naquele quarto, tal qual a vida dele também não fora branda, em nenhum dos quartos que esteve.

Enfia o pé numa espécie de sapato felpudo que imita a pata de um bicho. A espuma agrada os dedos, massageia os passos sobre o carpete caramelo de pelos grossos. No banheiro, encontra um cesto de vime com livros. Pega o que está no topo da pilha e percebe linhas grifadas com o mesmo lápis que marca a página. Segue a leitura anterior, na intenção de distribuir seus próprios grifos, mas não encontra nada que justifique o esforço — também a literatura não escapa ao péssimo gosto daquela gente. Não compreende como gastam

tempo debruçados em obras não consagradas. Diferentemente das historietas de autores nascidos ontem, a qualidade dos clássicos já foi atestada pelo tempo.

Pega a escova de dentes, passa a língua para sentir o exato gosto da boca anterior. Percebe notas de fumo, menta e talvez alguma especiaria dos potes de vidro. Cisma que o fumo é artesanal, por certo ilegal — uma dedução baseada na cara apalermada do dono da escova, estampada em todos os porta-retratos. Maconheiro. Um inútil, esse Sodré, muito diferente do patriarca com quem aprendeu o ofício de ler os corpos; o gênio que lhe ensinou a decifrar as técnicas para compreender os anseios da 35 só pelo gemido das tábuas.

O lençol macio lhe dá uma sensação de que a vida poderia ser quase boa. As mãos exploram o terreno debaixo do travesseiro e encontram um tecido gelado e escorregadio. Diz olá para a camisola rosa, que ainda conserva o perfume da esposa dele, o herdeiro Sodré.

Senta-se na cama envolvendo a camisola nos braços, atravessando-a em seu colo, apoiando as alças numa mão e acariciando a barra rendada com a outra. Dentro dela pode sentir braços e pernas, uma pele morna para se aninhar. Quer adormecer entrelaçado nela, seus pelos agarrando ao pano liso, as rendas lhe fazendo cócegas na parte interna das coxas, mas outra coisa quer mantê-lo desperto. Lambe a pele, que imagina

alva, de veias azuis, segurando-lhe a nuca com dedos fortes, todos os músculos rígidos. O gozo verte o líquido viscoso, a camisola agora é rosa escura na parte inferior. Explode em suas narinas o perfume impregnado no tecido e pressente que é o suor dela escorrendo em seu peito.

## II

O relógio o acorda à meia-noite, como esperado. O gato, antes embolado na cama, salta no carpete. Percebe que os ponteiros trabalham cada vez mais alto ou, vai ver, são passos que estão cada vez mais perto.

## III

O ar da manhã é fresco e o ajuda a afastar a cólera habitual. As folhas transpiram orvalho, e, das casas vizinhas, exala o perfume de um café decente. Uma disposição inesperada o faz querer dar fim a agonia do guarda-roupa — sabe bem como é ser devorado por dentro. Tira peça por peça dos cabides, verte a gaveta de calcinhas na cama, também a de meias e cuecas. Apanha na área de serviços a seringa com o antídoto, enfia a agulha nos furinhos da porta e, por fim, imagina os grunhidos de uma sociedade inteira de cupins agonizando. Mais um prazer que a casa lhe proporciona.

O gato lhe enrosca as pernas. Já o considera da família: os gatos pertencem às casas, como também ele pertence à 35. Deita-se no jardim e afunda no torpor de uma grama alta e maltratada. Sonha acordado naquele colchão. O beija-flor a sugar as dálias na ponta de galhos vergados, os raios de sol acertando as penas escuras do pássaro, projetando nelas um azulado fluorescente; a brisa provocada pelas asas é um sopro que dissipa as nuvens no céu.

Deitado, com os braços abertos, decide: a camisa não voltará para a cama. Como a flor delicada que era, e mais ainda agora, preta de seu material, irá plantá-la no jardim, e ela o fertilizará por toda a eternidade. Com o trabalho feito e as unhas sujas de terra, acocora-se na horta de pimenta vermelha, coentro e manjerição. Entre as folhas pontudas de cidreira, percebe ramos intrusos de capim. Capim dissimulado de cidreira. Está num impasse: tirá-los dali seria uma injustiça? O mato é a planta brotada sem cuidados e que, mesmo assim, vinga. Sobrevive a despeito do abandono. Sabe que mato é uma ficção perversa: toda planta tem nome, filiação, origem e história. Há quem argumente que o mato não tem serventia. Não serve para a salada, cozido, chá, enfeite, não serve para nada. Ele pensa que utilidade é um conceito muito controverso, pois no geral se atribui propósito justamente aos que são servidos.

Caminha para os fundos do terreno, e lá está a pequena fonte de pedra. Um rosto de mulher esculpido na brancura da lapa. Em suas mãos unidas, uma flor que também é o orifício por onde deveria jorrar a água. Mas o tanque está seco, o mosaico de azulejos são cacos soltos e empoeirados. O trabalho em relevo na parte exterior da pedra desbastado pelo tempo e pelo descuido. Felizmente ele sabe como devolver a vida a ela, bastam algumas horas com as ferramentas que sempre foram a extensão de suas mãos, e de novo veria a água aninhar-se naquele ventre.

Horas depois, mergulha o rosto na água gelada da fonte. Os respingos ferem as lentes dos óculos, mas não é necessário enxergar. Como uma dama, aquela casa também esconde seus tesouros, e, para encontrá-los, sabe que precisa se valer de outros sentidos, ir além dos cômodos mais óbvios.

Sente na garganta as badaladas do meio-dia — é o coração que reconhece o chamado dela. Livra-se de todos os vestígios que por ventura tenha deixado para trás. É cuidadoso, como a nova família Sodré nunca foi e, por isso, está certo de que eles vão continuar a viver com seus gatos e composteiras, como os bocós que sempre foram, sem desconfiar de nada, sem nem notar as pequenas melhorias feitas ali, principalmente no jardim. Não reclama, isso até lhe confere uma vantagem: a intenção nunca foi tirá-los da casa, mas não chamar

atenção para os rastros de sua presença. Ao menos por um tempo.

Desce a escada na área de serviço e arrasta a estante dos produtos de limpeza. Remove-a com cuidado e encontra a parede falsa de madeira amarelada, a que ele havia colocado a pedido da matriarca, anos antes. A chapa fina sela a passagem para o pequeno aposento subterrâneo cuja atmosfera sempre foi cultivada pela umidade do solo e ausência de luz.

Tira da mochila a maçaneta arredondada do tamanho de um punho, pesada como uma pedra maciça. Encaixa a peça sem dificuldade e, num instante, rompe em seu interior, apontando para dentro do cômodo um feixe de lanterna que corta as partículas de pó. O mofo queima o nariz, arrepia a nuca. Um arrepio diferente daquele que aflora quando uma mordida na goiaba revela uma larva; não, trata-se de outro tipo. Um arrepio de quem presente um êxtase iminente.

A sala é bem menor do que ele lembrava, o de praxe ao retornar para um lugar do passado. Os objetos, porém, são os mesmos: a maca metálica no centro, os suportes das lâmpadas logo acima dela e, embaixo, os baldes devorados por ferrugem. Era ali que o doutor Sodré depositava o conteúdo interno de seus pacientes.

Na época, o vigor da pouca idade o impedia de sentir qualquer empatia pelos defuntos. Não se impressionava e gostava de ajudar. Cortava as roupas com a

tesoura, guardava as vísceras em sacos plásticos e ajudava a costurá-las de volta dentro dos corpos, dando pontos com agulhas curvas como se fossem roupas de couro. Depois os levava para a câmara refrigerada para protegê-los do ataque voraz de bactérias famintas, autorizadas a entrar depois do sinal — o último suspiro.

Nunca perguntou ao médico legista por que a preferência por trabalhar no velho porão. Não precisava, igualmente sentia o prazer de estar entre aquelas paredes úmidas. Adorava servir às autópsias em que o doutor brincava de desvelar os mistérios das mortes mais abruptas da cidade. Aquilo não era de fato uma tarefa clandestina, pois os pedidos chegavam pela corporação policial. Mas também não era oficial o médico levar aquele tipo de serviço para casa — mesmo num tempo e numa cidade em que era comum escolher qual lei respeitar e qual ignorar.

Não só levava os corpos para a casa como, noite adentro, o doutor assobiava feito um passarinho o som de Sinatra, escutando com atenção o que cada unha fora do lugar tinha para lhe contar. Para o delegado responsável e amigo da família, o costume estranho do médico não um era problema desde que trouxesse para o caso uma solução rápida.

O estojo de bisturis não está lá, tem quase certeza que foi dona Glória quem o apanhou no dia em que selaram o quarto. A data na qual o coração do doutor

parou, o ponto em que a casa começou a ruir, e, com ela, sua alma devota a esfarelar. Por isso não haveria outra ocasião mais propícia para estar ali — a semana de aniversário de morte do velho Sodré. Se é que a morte tem o direito de aniversariar — de repente se pega com essa questão.

Dispensa os bisturis. Sempre foi afeito a uma dança mais lenta do que as lâminas são capazes de ofertar. O doutor manejava a faca com agilidade, assim como ele, seu criado, rapidamente estancava qualquer hemorragia que atingisse os canos naquelas paredes. Formavam uma ótima dupla, ele e o doutor. Não se tratava de pederastia, absolutamente. Estava mais para um pai. Alguém que passa a um jovem, ainda que sem querer ou saber, o caminho certo para se tornar um homem.

Estando ali, as lembranças o invadem com facilidade: o alicate cortando a lateral de muitas costelas, as mãos enluvadas removendo-as como uma tampa. O doutor salivava quando abria uma caixa daquelas. Se a fascinação do velho era pelos segredos que os corpos lhe contavam sobre a morte, a dele sempre foi pelos segredos que a casa revelava sobre a vida daquelas pessoas. Era ainda mais obcecado por aquele cômodo, o escondido, onde só ele estava autorizado a fazer a limpeza. E por isso mesmo escolhe estar ali naquela tarde e em mais nenhum outro lugar.

Decide que está na hora.

Do lado de dentro, arrasta com dificuldade a estante de produtos de limpeza e bloqueia a própria passagem para fora. Descarta a placa fina de madeira, a parede falsa, e começa a erguer outra no lugar dela, com os tijolos e cimento que já havia descido antes ao catre.

Deita na maca. Não há mais pressa, o relógio pode trabalhar no seu ritmo, o tempo que lhe resta dedicará a ela, como sempre. Espeta em seu braço uma de suas agulhas, a última, bem dosada da substância exata.

Olha para a porta selada e suspira: enfim, sós.



**Fernanda Zanelli** é da periferia de São Paulo. As causas sociais sempre foram o seu campo de atuação e um traço comum dos textos que produz. É especialista em escrita literária pelo Instituto Vera Cruz, doutoranda pela ECA/USP, com pós-graduações na área da sociologia, política e gestão cultural. Já foi selecionada como autora estreante no clube Amora livros e contemplada pelo edital artístico da Lei Paulo Gustavo (SP).

# Igapó

Diego Itabira

As palafitas que sustentam Zé Santino trepidavam com o macaréu que lhe atingia as margens, ele ouviu, no profundo de si, o estalar da madeira sob seus pés vacilantes e temeu o banzeiro que lhe atravessava a alma. É na intimidade de um lar que as maiores atrocidades acontecem, e o franzino Zé conheceu cedo a ruindade ferrenha que lhe abrasou o peito, desenhando a cicatriz-teia que percorria sua pele até o ombro num enlace pungente. Lembrava-se bem do cheiro de que-rosene, dos gritos de Rosário, sua mãe, de ser tomado pela coragem que sempre lhe escapava na presença do maldito pai. Lembrava-se também do fogo deformando sua pele, banhada pelo líquido incandescente e faminto que só cessou quando, num ímpeto, atirou-se pela janela da casa, no rio que corria entre as vigas de sustentação. Tudo era tempestade, ventania e corisco em seu corpo miúdo, resistente menino que persiste em continuar.

Era fim de tarde e a penumbra já estendia sua capa fria sobre o povoado do Tombo do Jutuá. Uma reza triste retumbava na beira do rio, iluminada por velas e banhada por lamentos. Em uma das mãos, o choroso

Zé segurava o brinquedo que talhou com a mãe, sentados no trapiche do quintal. A outra estava atada firme à mão enrugada da avó, que fez vigília desde o derradeiro dia, na esperança do rio devolver-lhe a filha encoberta pelas águas turvas repentinas, num breu barrento e voraz.

Maria Juraci suplicava ao povo do fundo, entoava doutrinas nos sussurros, num pedir de silêncio, o clamor materno que ecoava nas profundezas, remexendo o lodo do leito do rio, carregado nos braços da preamar que aguava as distâncias. A brisa soprou um alento, ela a reverenciou gentilmente com a mão no peito, agradeça pela resposta das águas que somente ela ouviu. Desde menina, ouvia as vozes que vinham das águas e, com o tempo, aprendeu a decifrá-las.

Entoou então um lamento, clamou ao rio por misericórdia, a voz altiva silenciou a reza do povo, retirou o chocalho do cós da saia branca com anágua abundante, camadas que carregavam sua ancestralidade, e tremulou no compasso da melodia chorosa que lhe rasgava o peito, partia a alma de pena e maracá.

Cessou o canto quando a palavra “pranto” vocalizou no vento, prendeu o chocalho de volta ao cós, apanhou o barquinho de miriti das mãos do neto que o segurava junto ao peito, leve como quase nada, e pôs a vela pobre tão fina quanto um dedo de esperança, derramando a cera quente sobre a madeira maleável

que gemeu com o calor. Houve silêncio de toda a gente, enquanto Maria Juraci caminhou até a beira do rio Mapuá, ajoelhou-se com certa dificuldade na areia úmida e deixou ir a pequena embarcação guiada pela frágil chama na escuridão densa que imperava nos céus do povoado. Enquanto afastou-se da beira, rumando no refluxo do rio que devia lhe arrastar de volta à terra, mas não o fez, uma força invisível empurrava adiante o barco-farol até certo ponto, quando enfim cessou seu navegar predestinado. Pôs-se rijo, como se fosse preso por âncora invisível, no meio das águas, e brilhou tremulante a chama insistente.

Zé Santino observava atento e sentiu o corpo amorteecer em ondas, indo e vindo em seu peito retesado, sem saber por que sentia ou nomear o que sentia. Agarrou-se à avó com mais afinco, ela por sua vez lhe acariciou os cabelos pretos, arrancando-a do torpor dos nós de incertezas que lhe sufocavam o coração aflito.

Dois homens, sem ordem alguma, porém já certos do que deveria ser feito, adentraram as águas da noite banhados de fé, caminharam até onde deu pé, os braços ligeiros empurravam as correntes no rumo da chama que ainda brilhava demarcando o lugar. Ao alcançarem o miúdo farol, mergulharam fazendo com que redemoinhos fizessem a luz dançar num giro cintilante. Os minutos que se sucederam pareciam eternos, até que o vento prendeu a respiração aguardando o

retorno. Quando surgiram à tona, seguravam longos cabelos escuros que reluziam a lua nos fios grossos, a vela apagou-se num sopro apressado, havia cumprido sua sentença, enquanto os dorsos dos homens banhados de sereno moviam-se arfando, os músculos rijos arrastavam a si e o que apanharam no fundo.

Zé Santino sentiu-se paralisado quando o corpo era conduzido para fora do rio, sujando-se no barro-sangue, os braços num pêndulo mórbido desenhando linhas incertas no chão. Aproximou-se com reserva, segurando o braço trêmulo da avó, da roda de gente que se formava em torno do que o Mapuá vomitou. Os murmúrios ecoavam, sussurros e lamentos atingiam o menino, que esforçava-se para permanecer de pé, mesmo com o caminhar vacilante, os passos mais difíceis que já deu em sua breve vida.

Maria Juraci ajoelhou-se e acariciou o rosto sem vida, banhado de paz, apesar da violência que lhe calou a voz, e chorou, banhado de lágrimas salobras a pele de água doce da filha morta, sentiu a maior dor de todas as dores que já passou na existência, a dor mais lacerante que já sentiu doer. Zé Santino, ao ver a casca da mãe sem ela vestida, sentiu-se afogar mesmo estando em terra firme, faltou-lhe a respiração, faltava-lhe um pedaço que o fez ruir. A ausência causada pela morte é o padecimento dos que ficam. O menino beijou a terra quando seu corpo perdeu sustentação e mergulhou na

escureza silenciosa do nada. Mesmo não sabendo dar nome à tempestuosa fúria que o tombou, uma última palavra brotou antes da queda: vingança.

O velório foi na luz do meio-dia, o mormaço açoi-tava a moleira daqueles que não se protegiam do sol que aquecia a terra do cemitério do Tombo, no fim da estrada de piçarra, cercado por taipas. O padre Dalcir, um homem de idade com olheiras profundas que lhe marcavam os traços, secava o rosto suado com a toalha branca, vindo da vila de São Sebastião, do outro lado do Mapuá, para dar as exéquias, apesar da resistência de beatas da capela que se recusaram a rezar pela alma de uma suicida. Mesmo pressionado, ele decidiu realizar o funeral, amigo de décadas de Maria Juraci, que o ajudou inúmeras vezes quando a fé não era o suficiente para levantar um enfermo ou salvar uma criança atormentada. Vocacionado desde menino, nasceu e cresceu no Tombo, saiu apenas para os estudos na Igreja, na capital, com a certeza do retorno ao lugar das raízes, para guiar as almas a Deus, sabendo que existem muito mais segredos a mais do que as escrituras podem revelar, e Maria Juraci domava esses saberes e ritos além de hóstias e água benta.

O caixão, feito com madeira doada pelos vizinhos do povoado, foi pregado com esmero em formato de caixa por Seu Preguiça e repousava na terra revolvida por pás na beirada da cova aberta pelo povo durante

o raiar do dia. A boca úmida circundada de raízes famintas aguardava o corpo que tornaria em vida os seus fluidos, a terra não se importa com a *causa mortis*, qualquer morte é acolhida por seus vermes da mesma forma. O povo do Tombo, homens, mulheres e crianças, num silêncio piedoso, aguardava o ritual começar. Maria Juraci, usando uma bata branca para que a alma da filha não se perdesse na jornada, estava com a cabeça amarrada por um lenço com nó na nuca, quase não se via os cabelos grisalhos que se confundiam com o tecido alvo. Zé Santino, com olhos-cadentes, o brilho que despencava na escura cova que o assustava, prendia a respiração, tentava unir na cabeça os acontecimentos que o levaram ali e temia o porvir.

Maria Juraci ergueu o rosto, sentindo a brisa que soprava do profundo da mata que circundava o cemitério, todos silenciaram para ouvi-la falar. Mas não falou, posicionou os braços na frente do corpo, a palma das mãos abertas ao céu, entoou então a doutrina triste de despedida que dizia o que queria dizer entre as melodias de pesar. Contava que aprendeu com sua mãe, que aprendeu com a mãe dela, vindo nas correntes que unem o sangue dos seus. Um dia ela cantou o adeus à mãe, era a filha, Rosário, que deveria cantar para o seu corpo sem vida, é inevitável pensar que tudo aquilo estava errado, não devia ser assim. O lamento da doutrina ecoou no povo, nas árvores, na terra, no rio. O padre

aguardava pacientemente que a velha amiga entregasse o que tinha de entregar à alma da filha. Houve silêncio após o último verso que perdurou por minutos além da última palavra entoada.

— Meu povo — o padre rompeu a quietude, ajustou a estola roxa com detalhes dourados no pescoço breado —, vamos começar a despedida da nossa querida Rosário, que deixou este povoado no dia de ontem e que nos fará falta. Quero iniciar esse momento com um versículo — a voz do padre estacou de súbito.

O rito foi interrompido pelo ronco da caminhonete que surgiu em meio ao poeiral que enevoava a estrada de terra que conduzia à entrada do cemitério. Os olhares curiosos aglutinaram-se na tentativa de ver quem iria surgir da tempestade que castigava os olhos, um furacão de vermelho-sangue. O homem alto abriu a porta, adornado de brilho nos pulsos e dedos, usando chapéu que nublava os olhos azuis cinzentos, a pele avermelhada não da poeira, mas do sol da lida no garimpo, transpirando azougue dos poros. Caminhou seguido por dois sujeitos com armas na cintura, os passos cadenciados, sem pressa, rumo ao rito fúnebre transpassado pelo seu aparecimento. Estevão era trovão, sua presença era capaz de dissipar momentos. Pororoca barrenta que arrastava. Maria Juraci sentiu o ventre abalar, remexendo violento, arranhando, lutando, ódio, mágoa, tudo junto, um rio revoltoso que

adentrava seu mar. Zé Santino ergueu o olhar e viu o pai caminhando em sua direção, pisando forte na picarra avermelhada, um estranho familiar, e sentiu a cicatriz do peito arder novamente como da primeira vez, os filamentos se agitando na pele quando o soco lhe atingiu o rosto e seu corpo mergulhou na cova escura que acolheria o derradeiro descanso de sua mãe, a rebordosa repentina que chegava sem alerta e tombava a rabetá dos desavisados.

— Tua mãe se matou por ter filho viado, seu filho da puta — esbravejou Estevão, o dedo em riste na direção da boca faminta da terra. — Por ti e por aquele outro fresco ali. — O olhar acusatório na direção do menino Dimas que, sem reação, permaneceu entorpecido, petrificado.

O povo do Tombo agitou-se, entre cochichos e olhares, uns afastaram-se, outros baixaram a frente. Dimas, fulminado pelo semblante envergonhado da mãe, sentiu-se afundando no mundo, tragado pela vergonha e desejou compartilhar a cova fria com Santino, pelo menos estariam juntos.

Zé Santino, ainda menino, na cova que não era sua, mas tornou-se sua quando sua mãe decidiu mergulhar no rio Mapuá sem intenção de emergir, a condenação de perder quem o defendeu, o ensinou, o amou. O temor desaguava no peito queimado, águas que não desfazem as chamas, ele não entendia por que sentia-se

outro estando nele, sentia-se vestido na pele errada. Maria Juraci acertou o terço no rosto de Estevão, o fio torcido rompeu-se em contas brancas chuviscando sobre Santino que tentava em vão encontrar o eixo para se erguer da sepultura fria, mas pensou, por fim, e se toda aquela terra caísse sobre ele, e se ele compartilhasse o caixão com a mãe? Afinal, ele morreu também no fundo do rio, nem toda morte é dor, tem morte que é alívio.



**Diego Itabira** nasceu em 1989, na cidade de Belém do Pará, e é formado em Comunicação Social. É apaixonado por literatura desde a adolescência, período da vida em que começou a escrever suas primeiras linhas. Em seus textos, dedica-se às narrativas sobre a Amazônia, fomentando protagonismo ao povo e à cultura nortista. Sua escrita é influenciada por Dalcídio Jurandir e Guimarães Rosa.

## Encontros

Luciana Campos

Lá vem Tereza, passando aquele pano encardido no chão, tentando deixar esse lugar menos deprimente. Joga sobre o piso umas gotas de concentrado de eucalipto e laranja que seu vizinho mesmo faz e lhe dá sempre um bocado. Compartilha conosco o aroma mais agradável que esse lugar tem ao longo da semana, que é exatamente no dia que Tereza vem.

O cheiro chega antes dela e antecipa o dia de conversa com minha nova amiga. Acho que posso chamá-la assim. Ela passa primeiro nos corredores principais, antes que a equipe mude o turno e todos sapateiem os corredores, impedindo a limpeza. Em seguida, vai para as alas dos adultos, homens, mulheres, alcoólatras, e, por último, a ala que chamam infantil, embora não seja composta por crianças, mas jovens problemáticas como eu. A maioria adolescente. Mesmo depois que eu e Janine fizemos dezoito anos, continuamos aqui.

Então o cheiro, ora mais eucalipto, ora mais laranja, vai se impondo no ambiente até que se aloje nessa ala, junto à chegada de Tereza.

Desde suas primeiras palavras, ela tem sido pra mim um repouso na lucidez. “Oi, Nina, como tá se

sentindo hoje?”. Puxou um banco – que até ali não tinha qualquer significado, depois virou nosso refúgio – e sentou-se ao meu lado sem exigir resposta.

Alguns dias depois, trouxe um livro entre os dedos. Puxou o banquinho, sentou-se, me mostrou a capa. Leu o título e perguntou se eu queria ouvir a história. Um aceno de cabeça foi suficiente. Assim começamos.

Desde então, Tereza lê pra mim coisas que, por algum motivo que nunca me conta, acha que vale a pena. Esse interesse pela minha companhia, pela minha presença – uma presença que foi primeiro sem palavras, porque estas me custavam um esforço demasiado – foi pra mim uma surpresa. O que será que ela quer? O que acha que posso lhe dar?

Não sei dizer ao certo quanto tempo duraram os encontros até que florescessem em mim as primeiras palavras. Em instituições como essa, é difícil calcular o tempo a longo prazo. No início entendia cada dia como o conjunto de quatro refeições. Uma semana eram três sessões de terapia ocupacional, um filme morno bem infantil e duas rodas de conversa com as demais adolescentes, quando ouvíamos as mazelas, as alegrias e as loucuras de quem encontra caminho nas palavras. Cada sessão com o psiquiatra significa um mês. Mas, às vezes, dizem que hoje vai ser com a doutora Emiliana, e isso confundia tudo. Antes da terceira semana, já

era possível confundir a janta com o almoço. Desisti de contar.

Aceitei esse lugar, onde somos todas tão rejeitadas, não funcionais, meninas quebradas. Há algo de reconfortante. Aqui não esperam nada de nós.

Um dia Tereza amparou o rodo na parede, torceu o pano no balde e o pendurou na vassoura de um jeito que parecia que a vassoura havia ganhado uma cabeça. Sorri. Secou as mãos com tanta atenção, que me pareceram as mais delicadas e bonitas que eu já vi. E aquelas mãos, já tão marcadas pelo trabalho, foram até sua bolsa e tiraram de lá um caderno de capa amarela surrado, folhas impressas de um lado só e duas canetas. Pegou nosso banco e veio para perto de mim. Tinha um semblante bonito e misterioso de quem descobriu uma novidade. Nem me cumprimentou. Não perguntou como eu estava. Não deu tempo para meus silêncios. Descobri uma brincadeira que talvez você goste. Eu gostei tanto! Trouxe para brincarmos juntas.

Depois contou que ouviu o médico comentar com a psicóloga que eu gostava de escrever, enquanto ela limpava a sala de reuniões onde algumas pessoas da equipe conversavam antes da reunião mensal. Pelo visto, foi uma das coisas que minha família disse quando me trouxe. Que eu escrevia “compulsivamente”.

Deixou papéis, caderno e caneta sobre o colchão da cama onde eu estava sentada e saiu. Voltou com

uma mesa pequena, que ficava na extremidade do quarto. Me explicou a brincadeira: fazer duas colunas de palavras aleatórias, uma de substantivos, outra de verbos. Senti que havia certa tensão nesse dia. E era interessante sentir coisas fora da rotina. Ela não sabia se eu ia topar, eu não sabia se eu ainda conseguia sentir vontade com as palavras. Fiquei olhando Tereza, enquanto sentia minhas sobrancelhas suspensas.

Pegou ela mesma um papel e colocou as primeiras palavras, lendo-as em voz alta, como se não prestasse atenção em mim. ÁGUA, PÓLVORA, CÉU, PILATES, e riu sozinha. Disse que sempre achou essa palavra engraçada para seu significado. Qual palavra você gosta? Claraboia, eu disse. E Tereza riu um riso frouxo e tão sincero, que em seguida olhou ao redor, como se alguém pudesse chegar de repente e o que é isso de risadas sinceras aqui? E repetiu baixo: claraboia. É muito boa mesmo, e anotou. Agora precisamos de uma coluna de verbos. ROMPER, BRINCAR. O que você me diz? FALAR. Ela anota e aguarda para ver se vou desentocar mais alguma palavra, olhando para as já postas no papel.

Então me diz que temos ÁGUA, PÓLVORA, CÉU, CLARABOIA, ROMPER, BRINCAR E FALAR. Percebo que esqueceu pilates, mas é uma palavra feia que não quero dizer.

Agora a brincadeira é formar uma frase com essas palavras. Quer começar?

— ...

— Vou começar. A pólvora rompe o céu.

— Claraboias brincam...

— De falar com a água.

Sorrimos.

Tereza anota as frases, diz que achou bonitas. Também achei.

Assim começamos. Me permiti amar Tereza.

Tive uma boa noite de sono. Escrever me fez bem. Encontrar Tereza me fez bem. Tereza me pegou pela mão e me conduziu a um caminho de palavras. Me reconduziu, ela diria. Escrever tem construído um lugar melhor pra mim dentro dessa cinzura.

Senti fome. Comi. Quase uma sensação inédita.

Os médicos associam essa fome aos medicamentos que tenho tomado. Mês passado apareceu um comprimido amarelo no meu copinho. Acho que estão tentando outro remédio. Se for isso mesmo, então todos vão imaginar que essa fome é um sucesso medicamentoso. Mas eu sei que é Tereza. Não posso explicar, mas sei, genuinamente, que sua amizade tem feito muito por mim. Ela não é uma amiga comum, que eu poderia ter desejado. Eu não saberia imaginá-la.

Se minha família fosse me apresentar, dizer quem sou às pessoas que não me conhecem, diriam que “é uma menina com problemas que ninguém entende. Não come por nada, mesmo havendo comida. Quase não responde ao que perguntamos”. Minha mãe diria que é um jeito de chamar atenção. Um jeito errado. Melhor seria se eu me dedicasse a cuidar da minha beleza e fosse a encontros sociais com minhas amigas. Quais amigas?

O que sinto, ou melhor, o que não sinto, é fome. Comer me é um sacrifício. Então me trouxeram pra cá. Eu até quis vir. É mais fácil ser sozinha estando em uma instituição como essa. Uma solidão compartilhada que, talvez por isso, parece um pouquinho menos solidão. No final do dia, após a troca do turno da equipe, às sete, quando nos deitamos em nossas camas para aguardar os efeitos dos últimos medicamentos e dormir um sono induzido, é quase reconfortante estar entre essas jovens tão problemáticas quanto eu, em graus, tipos e problemas tão variados.

Durmo. Não sonho.

Comecei a gostar das palavras quando criança. Lembro do livro de capa branca com casinhas em tons pastéis, letras grandes, bem desenhadas na capa.

Gostava de passar a tarde relendo-o. Quando pegava um livro novo, me sentia desafiada e gostava da sensação.

A casa era silenciosa, e me parecia fundamental sustentar aquele estado das coisas. Quando brincava com os bonecos dos meus irmãos, mais interessantes e aventureiros que a Barbie e a Suzy, brincava em silêncio, criava os diálogos na minha cabeça e, assim, aprendia a esconder meu mundo. Posso dizer que minha imaginação me permitiu chegar até aqui. Pode-se dizer também que nela tenho me isolado.

Não sei quando descobri a escrita. Mas sei que nunca a vi como lazer ou expressão de criatividade, mas só um jeito de dizer, de poder tirar de dentro de mim o que era proibido falar em voz alta. O proibido, na verdade, era a voz, que sempre era alta, como deve ser as vozes das crianças que anseiam por compartilhar o mundo.

O desprezo é um veneno lento, transmutado em falta de tempo, introspecção. Você cria explicações que o justifique, que disfarce seus efeitos danosos. É um sentimento que mais parece um não sentimento. Ausência de. Tanto.

Foi construindo meu mundo que sobrevivi ao silêncio dos meus pais. Criei pra mim explicações que tornavam a vida possível por meio de uma postura tão compreensiva que só uma criança poderia ter.

Tereza hoje vem me visitar. É incrível que ela venha como minha visita. Penso que ela vai sair de casa, no seu dia de folga, pra vir me ver e me trazer um bolo, que tem muito tempo que só como comida de hospital – ela diz sempre. Me pergunto o que ela vê em mim, o que desperta seu interesse. Não tenho ideia, mas vai ser o melhor dia desde que esse lugar virou minha casa.

Saio da cama no último minuto, quando não é mais possível suportar os berros-ordens. Essa maneira de falar com gente que não tem ninguém que proteja. Minha rebeldia tem sido demorar sempre o máximo que der, me agarrando a mim naquele estado esperançoso e sóbrio do dia, entre o despertar e o abrir de olhos.

Entro no banho, Janine vem agitada me contar seu sonho terrível. Escuto com a atenção possível e tento retê-lo em minha mente, sentindo já os efeitos dos primeiros medicamentos do dia. Janine me atrai com sua disposição avassaladora e seus sonhos metafóricos, que a ancoram na realidade. É nos sonhos que ela organiza o mundo real de uma maneira viável. Amo Janine no meu silêncio. Seus sonhos me trazem notícias de outros mundos.

Boto um vestido e giro sobre mim mesma, num esforço de ver como estou. Aqui não há espelhos, nos vemos pelos olhos dos outros e pelos olhos da imaginação. Nos dias de visita podemos tirar o uniforme.

Faz tanto tempo que finalmente me acostumei com a aspereza do tecido.

Será que Tereza vem mesmo?

De repente, essa pergunta me assola. Estava tão imersa na expectativa de encontrá-la que não considerei todas as possibilidades dela não vir. Pode acordar indisposta, ter tido um imprevisto, uma noite mal-dormida, uma urgência familiar. Perdeu o ônibus ou cansou-se de esperar por ele. Decidiu que era melhor dormir um pouco mais, onde já se viu acordar cedo no dia de folga para vir ver uma pessoa abandonada. Uma pessoa como eu.

Tem grandes chances de Tereza não vir. Na verdade, ela apenas disse que viria. Não, não apenas disse. Conversou com o médico, pediu autorização, contou sobre nossa aproximação. Por que faria tanto? Porque parecia ser o que deveria fazer. Agora, às oito da manhã de um sábado, quando seu despertador tocou, o mais provável é que tenha mudado de planos.

Depois da primeira visita de Tereza, passei a ter a quem esperar nos finais de semana. Ela não vinha sempre, mas vinha sempre que podia. Minha mãe, por outro lado, quase não aparecia. Mas deixava em mim o desconforto da possibilidade de encontrá-la num sábado que Tereza venha. Sinto que ela jamais entenderia que fui capaz de fazer uma amiga aqui dentro, que, de tanto

me querer bem, vem me visitar com mais frequência que meus pais.

Meu pai aparece uma vez por mês, normalmente durante a semana mesmo. Me disse que conversou com o médico e pediu uma exceção por conta de seu horário de trabalho no contrato novo. Não me interessei muito pelos detalhes. Gosto que me traga livros e que converse comigo como se não estivéssemos nessa instituição onde ele decidiu me internar. É estranho, mas isso me dá alguns minutos de intervalo do cotidiano insosso. Sempre que ele vem, escrevo em um papel os livros que gostaria. Escrevo dois ou três nomes, e ele me traz um. Comentou que tenho uma lista infinita e que alguns livros são muito adultos pra mim. Eu mesma não sei se entendo algo desses assuntos que você lê. Não quer algo mais simples? Você tem só dezenove anos, pode ler uns romances bobos de amor e príncipes. Dou um meio sorriso, como quem não leva a sério a pergunta. Ele fica trinta e cinco minutos e vai embora para voltar dali a um mês, com um novo livro da lista que Tereza tem me ajudado a montar. Desde que meu pai me perguntou se eu queria alguma coisa, e percebi sua disposição em me dar algo que ajudasse a aplacar a culpa de visitar a filha uma vez por mês, ficamos animadas com a possibilidade de ler coisas que não chegariam facilmente em nossas mãos.

Fecho os olhos, imagino Tereza saindo de casa, beijando a avó, dando um sorriso gentil à sua irmã,

dizendo que logo volta e que hoje lhe traz uma surpresa da padaria. Chega no ponto de ônibus, aguarda muito, aproveita para ler, continua no ônibus, quase dorme, quase sonha. Chega.

Não me pergunto mais por que Tereza vem, o que vê nos meus olhos quando nos encontramos. Talvez a gente compartilhe dessa tristeza que mais parece uma meia que escorrega e dobra embaixo do pé. Uma hora você desiste de arrumar a meia e se acostuma a viver com o incômodo.

Meus pés não pisam as bordas do mar, tampouco areias. Faz tempo que só sinto sob mim esse chão tão gelado que não há separação entre nós. Para fugir desse sentir-se sem vida, mantenho minha mente em espumas de marés sempre que dá. Quase nunca. Momentos de quase-lazer. De olhos abertos, vidrados, finjo ver enquanto voo. Às vezes, sinto o cheiro do mar em minhas lembranças.

Do mar sabemos pouco, podemos quase nada com sua imensidão imprevisível. No entanto, admiramos tanto a vista, que sentimos prazer em afundar naquele azul sem fim, sem começo. Uma admiração assustadora, por tanta grandiosidade e mistério. E, sabendo tão pouco, nos atiramos ao mar feito crianças.

A natureza é a mãe de todas as metáforas. Basta olhar.

No verso de minhas pálpebras, vejo besouros de tantas estampas, e os detalhes de desenho animado que eles têm.

Nesse lugar onde a alegria nunca esteve, não há, claro, quase nenhuma variedade de seres. Então tenho dedicado atenção às formigas, daquelas bem pequenas. É preciso ser discreta para habitar esse espaço com liberdade. Me pergunto se seu hábito noturno foi requisito para sobreviver aqui ou uma adaptação perspicaz. Provavelmente a primeira opção. Tenho muito tempo para pensar.

Meus hábitos noturnos, ao contrário, foram uma óbvia adaptação – igualmente perspicaz? Desde que passei a decidir quais remédios e doses vou tomar, tenho melhorado muito da imaginação. Há alguma liberdade nisso. Quebrar regras deve ser um sinal de melhora. Certamente é um sinal de sanidade. Tenho sentido, em minhas noites transgressoras e despertas, vontade de me encontrar. De estar com minhas lembranças. Com meus dias na praia, vendo o mar de dentro, comovida sem saber por quê.

Hoje é meu último dia nessa instituição. Tereza vem para me levar. Completei vinte e um anos ontem.

Vou-me embora. Tereza assinou os papéis e vem me buscar.

\*\*\*

Desde que encontrei os diários, ando imersa nessa vida, nesses escritos que quase não reconheço como meus. Cabe tanta vida, tantas memórias e esquecimento na trajetória de um ser humano... Mas sou eu também aquela Nina. E, por esses escritos, diminuimos nossas distâncias. A jovem Nina e a velha Marina.



**Luciana Campos** nasceu em 1988, no subúrbio do Rio de Janeiro, e morou em muitas cidades e estados antes de voltar para o território fluminense. É antropóloga e socióloga, sempre interessada nas relações humanas, em especial tudo o que diz respeito às emoções, às faculdades e perturbações mentais. Reencontrou nas oficinas de escrita oferecidas pela Jarid Arraes o desejo antigo de escrever. É uma das fundadoras do Besouro Dourado - Clube de Escrita Criativa para Mulheres, espaço de prática e partilha, no Sana/Macaé-RJ.

# Um pescador sem jangada

Pablo de Brito

Os pequenos caranguejos chamavam a maré, com a pata maior meneando repetitivamente para si. A maré, por sua vez, cúmplice dos mistérios do rio, não viria tão breve, ele sabia. *Ou virá?*, pensou, arqueando a sobrancelha.

Não era um homem tão supersticioso, mas nos últimos tempos tem se tornado assim. Tentando dar ouvidos à sua mulher, ao menos se permitia pensar que, talvez, os deuses realmente se comunicavam através das situações cotidianas. Mas não seria o caso, *a maré secou há pouco, vento calmo e bom tempo para pescar, não é?*, disse em pensamento, e ao dizer, beijou dois de seus dedos da mão direita e os levou à água.

– Não é?

– Falou comigo, papai? – a menina dançava na água, que dava nos tornozelos, dando pequenas pausas em que se abaixava para pegar os mariscos nos quais pisava.

– Não – sua voz secou, tal qual a água do rio diminuía. – Quantos já pegou?

– Muitos e muitos. Acho que uns... oito – a afirmação saiu quase como uma pergunta, menos seca que a voz de seu pai, menos seca do que o rio.

Ele riu, ou ao menos quis rir. Com certeza a menina havia pego mais de oito mariscos. Oito era sua idade. Cada ano que passava, ela aprendia um número novo e achava que isso queria dizer que ela já era uma moça feita. *Uma hora, assim como eu, você para de contar e esquece a idade*, quis dizer para ela, antes de tentar, sem sucesso, calcular quantos anos ele tinha.

A foz do Rio dos Milagres era um local muito bonito, principalmente nos momentos em que estava enchendo ou secando. Visitantes de quase todo o território ducaniano vinham toda semana à cidadezinha litorânea de Nova Nadir, seja para aprender a pescar com os “melhores pescadores do continente”, como se chamavam, em busca de novas oportunidades de vida, ou para fazer os passeios de jangada, no caso daqueles que não precisavam de uma vida nova. Mas aos poucos essa realidade ia mudando. Hoje, as margens da foz dão lugar ao mato que se deixou crescer ao redor, que são o refúgio dos jangadeiros que não aderiram às novas políticas de controle do governo, e tudo que passa cortando o mar e o rio são olhares de medo com cheiro de peixe e corrupção.

Luís viu mais cedo as jangadas na praia, agora enumeradas. Todas elas. Com os números e letras que ele

não reconhecia. Os militares detinham controle financeiro e de posse sobre as jangadas e os barcos, e por isso nada mais pertencia a ninguém. Aqueles que não concordaram com isso tiveram seus pertences confiscados pelos cobradores de impostos, que passavam de cidade em cidade montados em seus suntuosos elefantes, e suas jangadas foram destruídas. Seus destroços agora dão lugar a espadas de madeira, para treinamento dos jovens de Nova Nadir que decidiam suas vidas ao serviço militar. Foi o caso de sua jangada, a Castelo do Mar, tão bonita jangada, verde e branca em sua pintura, que agora se encontrava em algum lugar entre os destroços jogados no centro da cidade. Seu pai o ajudou a construí-la com esforço, quando ele ainda era um menino, e a jangada ainda trouxe alimento à sua casa por tantos e tantos anos. *Vida de merda! Tudo que a gente faz na vida só nos traz preocupação e desgosto. De que valeu a pena tanto esforço?*, reclamava em pensamento, que rivalizava a atenção de Luís em sua cabeça com o som da risada de sua filha. *Pelo menos coloquei comida na mesa*, falou a si mesmo em resposta, baixando a cabeça.

Ontem sonhou que era capitão. Ou pirata. Ou qualquer coisa que não fosse um pescador cuja própria jangada não fosse dele mesmo. O vento salgado batia em seu rosto em alto-mar, ao lado do grande mastro de seu navio. Canhões de eixo giratório, bandeiras, três velas pretas e pinturas vermelha e branca de caveiras

de mulheres-peixe que riam ao vento adernavam sobre os tripulantes de vários lugares do mundo, trabalhando incansáveis para o bom funcionamento do navio, cujo exterior era revestido de cascos de tartaruga, impenetrável, preparado para se proteger de tudo e de todos. E além de todas as outras coisas de pirata, dos quais não sabia o nome, estava sua mulher de volta. Era um sonho que não lhe pertencia — parecia emprestado de alguma criatura para além-mar.

Ao acordar, nada era real. Não havia navio, nem tripulantes. Não havia sua mulher.

– Papai, olha o que tem no peixe que o *sinhô* pegou. Olha!

– Não é nada, menina – *será que não é?*, pensou.

– O que é isso? – a menina estava ansiosa. Olhava para o peixe e para o pai, esperando uma resposta, enquanto coçava a perna.

– São larvas de mosca, só isso.

– Mas, é... mas o *sinhô*, é... pegou... pescou, esse peixe ainda agora, *né?*

A menina tinha razão. Não tinha dado tempo das moscas colocarem ovos no peixe, e nem dos ovos terem dado lugar às larvas. Eram grotescas, pulsantes, de cor púrpura manchadas de ébano e se moviam com uma inteligência que não pertencia a larvas de mosca. Tinham olhos. Um olhar que observa e corresponde de volta, como se espreitasse o observador para dentro de seus

olhos. Mas Luís não queria assustar sua filha e deixá-la mais ansiosa do que já estava, por isso respondeu:

– Não, esse é de mais cedinho, antes da gente *vim pra cá*, pra esse lado – mentiu.

Mais cedo, antes deles irem para a foz, quando o sol ainda não tinha nascido, Luís conversava com seus colegas jangadeiros sobre pesca. Depois de três dias no mar, voltaram com mulheres-peixe que brilham, usadas para iluminar as ruas da cidade com o líquido que produzem pela durabilidade e pelas cores, com o tamanho de dois homens altos em pé cada uma. Cinco delas, e as cinco com o mesmo problema: ovos e bichos roxos e pretos comendo-as de dentro pra fora, se movendo, com oito tentáculos cada bicho e olhos humanos, como se roubassem rostos do mundo dos vivos para se multiplicarem. Não soube o que aconteceu depois. Seus colegas e suas jangadas foram confiscadas por pesca ilegal pelos militares, e as mulheres-peixe, levadas. Disseram que esse não era o nome certo da criatura, “mulher-peixe”, mas Luís não se lembrava o nome correto que os militares falaram que era; assim como dos bichos-polvo, tinham nomes difíceis. Quando mais novo, ouviu falar sobre as mulheres-polvo, que eclodiam seus filhotes em seres de outras espécies para reprodução, mas ele não acreditava. Ver o peixe na mesma condição o amedrontou e alimentou suas superstições. Não conseguia parar de pensar em sua

mulher. Ela, sim, sabia decifrar os sinais que os deuses mandam. *Doce Ana, espero que esteja melhor*, desejou em pensamento.

Seus pés estavam engelhados e suas costas doíam. Percebeu que estava na mesma posição, sentado na margem do rio com os pés para dentro dele, segurando uma vara improvisada com um pedaço pequeno de bagre que pescara na ponta e um pequeno arpão na outra mão para quando um peixe se aproximasse. Mas fazia tempo que só fazia pensar, sem se atentar à pesca. A realidade é que não sabia se queria pescar, como coisa real por fora, ou sonhar, como coisa real por dentro.

Levantou-se sem jeito, quase caindo pro lado. Suas pernas doíam, do tempo em que ficou sentado. A areia se movimentando junto a ele o fez se sentir vivo por um instante. Quis se sentir vivo depois daquele instante, como quando sonhou no dia anterior.

Não era um homem velho. Em Nova Nadir, as pessoas vivem o dobro do que ele já havia vivido. Diziam que o mar, a vida de pesca, o movimento da cidade e o companheirismo dos habitantes dali tornavam a vida deles mais longa do que no resto do Império de Ducan. O suposto passado mágico do continente de Nadir, com as criaturas que fundaram o território nadireu, a infraestrutura e as paisagens naturais, que tanto Luís ouviu na sua infância, fazia de sua colônia em Ducan um lugar de gente forte, dada ao trabalho, resiliente.

*Mas do que adianta tanto trabalho e resiliência, se em alguns anos estaremos mortos?*, pensou, e logo se culpou por pensar.

– Menina, tive uma ideia.

Ela não respondeu, só olhou para ele com as sobrancelhas arqueadas.

– Vamos pescar no mar – falou ele, com animação na voz. – Seu José disse que emprestava a jangada dele que *tá* escondida nos matos perto da praia. Aproveitamos que a maré acabou de secar e passamos o resto do dia e a noite lá. O que acha?

A menina estranhou seu pai, ele percebeu. Claro, após horas sem que falasse nada, ele começou a juntar mais frases em uma fala do que achava ser capaz de se comunicar com a filha. Não que não gostasse dela, mas o modo como dançava na água com os cabelos voando, molhados, catando mariscos, lembrava sua mãe. Tornaria-se como ela quando crescesse. *Se crescer*, pensou, com apatia, e logo afastou a ideia da cabeça.

– A gente pode ir lá pegar a jangada e a rede. *Vamo*, pega suas coisas e vamos andando – disse, apressado. Sentia como uma fâisca querendo virar fogo. Ele queria se sentir vivo, ou morrer tentando. *Acho que é al’amoá, o nome que disseram das mulheres-peixe*, lembrou-se.

Como se quisesse brincar com sua filha, pegou rápido suas coisas e as dela e correu pela margem do rio em direção à praia, seguido por ela, com a mesma energia.

Descalço, a areia petrificada cortava seus pés aos poucos, ele sabia, mesmo que fossem tão calejados que não o permitiam sentir os cortes. Desengonçado, deixava cair pelo caminho os peixes que não pescou, os mariscos que não achou e até partes das roupas que não eram suas. Tudo era dele, mas naquele momento não queria se sentir Luís, o filho e neto e bisneto de pescadores, um pescador, mas, sim, Luís, um homem livre, um homem vivo.

Chegou à jangada encostada perto dos coqueiros em um lugar mais afastado, na praia. A menina tinha desistido de correr, vinha andando, resgatando do chão o que seu pai deixara cair no caminho. Ia dizer a ela que não precisava, mas desistiu ao perceber que chamaria a menina pelo nome, como se soubesse.

A jangada era pintada de roxo, com duas listras pretas paralelas na horizontal. Lembrou-se das al'amoas que viu mais cedo e do peixe. Balançou a cabeça rapidamente em sinal negativo, para se esquecer da imagem em sua mente. Sem sucesso. Em um dos lados, na listra de cima, estava a numeração daquela jangada pintada de branco: RM479172938DNN. O que cada número queria dizer, Luís não sabia, nem que números eram. Sabia apenas que todas as jangadas começavam com RM e terminavam com DNN. Disseram que tinha a ver com os nomes do lugar... *não importa, pros infernos com essas jangadas e seus números!*, pensou. Pegou dois

troncos que estavam na areia, pôs debaixo da jangada, e começou a levá-la para o mar.

– Menina, sobe na jangada – disse ele, empurrando a embarcação pela água ainda abaixo de seus joelhos. Com a jangada livre, subiu com dificuldade, foi à mim-bura da frente e puxou a âncora que havia solto para que a jangada não se soltasse de suas mãos. – Pega esse remo e fica do lado direito do barco, menina.

– Qual é o lado direito, papai?

Não respondeu. Não sabia qual era o lado direito e o esquerdo. Apontou para qualquer lado, e ela foi.

Ele tomou o outro remo na mão, e começaram a se afastar da praia. No início, devagar, pois ele remava mais rápido que a menina, até que Luís pegou o remo dela e fez sozinho o trabalho de duas pessoas. A Filha do Mar, antigo nome da jangada na qual estavam, tinha uma tenda de tecidos em cima para proteger do sol, e bancos onde se sentar. Era grande, cabia mais de dez pessoas. Seu José a usava para os passeios que fazia com os comerciantes e nobres que iam à Nova Nadir. De onde estavam, Luís podia ver sua cidadezinha, outrora simples e tranquila, cheia de casas grandes, torres onde os militares moravam e um castelo sendo construído, ainda na metade, para onde viria alguma família ou representante do governo central em Ducan. *Que venham e levem com eles o cheiro de peixe da cidade*, pensou, como se quisesse algo que não sabia bem o que era.

Amava sua cidade natal, mas amaria vê-la totalmente mudada, assim como talvez se amasse, ou amasse sua filha, mas não faria questão de ver tudo diferente. *Se eu morrer hoje, talvez eu fique menos chato*, pensou. Olhou para sua filha e continuou a pensar, *se ela morresse hoje, talvez eu ficaria menos chato*.

– O que é isso na sua mão, menina? – perguntou ao perceber que ela brincava quieta havia um tempo.

– Eu te mostrei, antes, é, da gente subir no barquinho. É uma tartaruga que achei na praia. Olha – ele viu. Era pequena, assustada, assim como a menina. Seus olhos brilhavam mostrando ao pai seu achado.

Tartaruga era o animal preferido de Ana, sua mulher. Vivia falando sobre as lendas das tartarugas gigantes que levavam pessoas de todos os tipos pelo mar em seu casco, do tamanho de pequenas cidades, onde tudo era mais livre e feliz. Homens e mulheres de todas as cores, criaturas de todas as raças, vivendo em harmonia. Parecia piada, mas aqueles que sofrem conseguem facilmente criar histórias em que são felizes, em que não sofrem, e Ana era assim. Não era piada, ele sabia, mas uma lenda, longe da realidade.

– Sua mãe gostaria de você se *tivesse* aqui, moleca – ele falou, depois de refletir um instante sobre como, deles dois, só ele não merecia mais estar vivo. Autodepreciativo ele sempre foi, desde pequeno, mas nos últimos dias ele mesmo não tem se aguentado.

Ranzinza, apático, solitário, mesmo com a presença daquela que agora é a pessoa mais próxima dele.

Na água, os peixes-maestro regiam juntos a música do movimento da água. Sua coloração preta e rosa dava a eles imponência, e sua dança parecia uma marcha em preparação para a guerra. Peixes-espada e peixes-palhaço também se faziam vistos, e logo as araias e os peixes-sargento apareceram. A água límpida deixava tudo bem visível, e tudo era lindo. As algas e corais coloridos embaixo deles, os ouriços-do-mar e as tartarugas pequenas, tudo parecia tão perto e tão longe ao mesmo tempo. E à medida que pareciam perto, também sumiam.

Até sumirem de vez.

A água parecia ter subido muito em pouco tempo, mas Luís não se importou. Já tinha remado tanto que possivelmente chegaram em mar aberto. *Mas ainda vejo a praia tão perto*, percebeu. Não estavam em mar aberto. Lembrou-se dos caranguejos chamando a maré, como se não tivesse acabado de secar. *Não é para estar enchendo, só amanhã cedinho, ainda nem anoiteceu*, refletiu, amedrontado.

Mas como se tivesse coragem, pegou os remos novamente, e não remou de volta, mas para mar adentro. Remou até que seus braços queimassem de cansaço, como se quisesse provar para alguém que ele estava certo e o mar estivesse calmo. Não estava, ele sabia,

mas não se importou. Talvez não quisesse provar a ninguém, senão a si mesmo, que ele estava errado. Não queria tanto assim se sentir vivo, mas provar o gosto da morte uma vez.

Avistou ao longe uma ilha cuja existência ele não recordava em todos os anos que morou ali. No céu, as nuvens se tornavam densas e escuras, mostrando uma chuva pesada que não foi anunciada antes. O vento balançava a jangada exaustivamente, para um lado e depois para o outro, deixando não apenas a menina, mas também o próprio Luís, tão experiente e vivido nas pescarias em alto-mar, enjoados.

– Vamos voltar, papai, tô com medo – a voz da menina era trêmula como as suas mãos.

Luís não sabia o que fazer. Queria voltar, mas de igual modo queria ir mais adentro, quem sabe chegar na ilha que avistou, cujo tamanho aumentava tão logo o mar agitava. Continuou a remar em direção à ilha, como se sua filha não tivesse começado a chorar, sentada na mimbura traseira. Mandou que ela se calasse. *Doce menina, pensava, ainda não tinha vivido a sensação de realmente viver. Logo, logo estaremos bem, só mais um pouco.*

A primeira pancada, porém, veio inesperadamente. Subiu água na jangada, que bateu no rosto de Luís e entrou em seu nariz e boca, engasgando-o. Não prestou atenção na menina, mas viu que ela ainda estava dentro da embarcação. *Graças aos deuses!*

Recompondo-se, tentou se colocar de pé e desatar o nó que prendia a âncora no barco, a fim de não serem levados pelas ondas. Seus pés ardiam, ainda cortados, e seu joelho não tinha mais força. Apoiou-se nas bordas da jangada e depois no mastro que tentava segurar a vela. Soltou a âncora e a jogou ao mar. Não sentiu a âncora chegando no chão. Pelo contrário, subitamente a jangada foi puxada para baixo, e depois para a frente, em direção oposta à da praia, rapidamente. Veio então a segunda pancada, que o derrubou no chão.

Chovia bastante agora. A água da chuva aliviava a secura de sua boca, mas não parecia trazer consolo à menina. Ela chorava em meio a soluços, com “medo dos monstros do mar”, dizia.

– Não tem bicho que dê tanto medo como os homens lá fora, menina – ele respondeu, falando alto. Não percebeu a terceira pancada. – Os pescadores que vi desobedecendo a lei por dinheiro. Os militares que vi criando regras para “ajudar o povo”, mas abusando das virgens que encontravam nas ruas da cidade. Os velhos que vi entregando seus companheiros antigos e abandonando seu trabalho em troca de bebida e mulheres. Os jovens que vi matando uns aos outros e desejando lutar e continuar matando pelo imperador. Eles dão medo. Isso aqui – disse, batendo na madeira da jangada –, isso aqui não dá medo, menina. Venha, fique em pé com seu pai.

Ela se levantou cambaleante e correu em direção a ele, a única pessoa em quem ela confiava, e a única que conhecia. E enquanto se aproximava, veio a quarta pancada, que a fez cair para fora da jangada.

Luís sentiu seu corpo gelar. Lembrou-se dela pegando mariscos mais cedo, assim como Ana, sua mãe, fazia tão bem. Era sua profissão. Nasceu, viveu e morreu marisqueira, assim como Luís nasceu e morreria pescador, mas não viveu, isso ele não podia dizer que fez.

Como se quisesse salvar não sua filha, mas sua mulher, e trazê-la de volta à vida, preparou-se para pular na água turbulenta, mas logo foi puxado pela perna, que começou a queimar. Não podia ser outra coisa, senão o tentáculo de uma mulher-polvo. Suas ventosas faziam o corpo de um ser humano queimar por dentro e por fora, pelo que as lendas diziam, e atacavam os pescadores para eclodir suas centenas de filhotes por dentro deles. *Mas aqui?, pensava, vou ter o mesmo fim daquele peixe miserável e das al'amoas?*

Como se quisesse viver, pegou o arpão que estava na sua frente, no interior da jangada, e, ainda deitado com a perna imobilizada, enfiou o objeto no tentáculo do bicho, cujo corpo estava dentro da água, soltando-o de imediato. Jogou-se na água. Antes de mergulhar, porém, seus olhos viram a jangada sendo tomada por duas mulheres-polvo, roxas e pretas, que a destruíram com tudo que tinha dentro, e viu que a ilha estava mais

perto que a praia. Nadaria para lá depois de achar a menina. *É Luísa, o nome dela?*, perguntou a si mesmo antes de mergulhar.

Como se o oceano fosse sua casa, mergulhou para o fundo rapidamente, enquanto o tempo passava devagar. As mãos e os pés juntos pareciam saber o que estavam fazendo, pareciam terem sido feitas para aquele momento. As mulheres-polvo o alcançaram, mas ele já não se importava mais. Sentia-se vivo, e sua força era maior do que jamais teve. Uma agarrou sua perna, duas agarraram a outra, e logo outra apareceu à sua frente, mas ele continuou nadando. Todo o seu corpo queimava, em um ardor de quem vive, e cada ardência era uma lembrança esquecida voltando à pele.

Viu a menina no fundo, mas parecia perto. Contra tudo aquilo que o impedia, esgotou todas as suas forças nadando em sua direção. *É Luísa, sim, o nome dela*, pensava. *Ah, doce Luísa, pobre menina de pai tão ruim, espero que me perdoe*. Pensar nisso o fez enfraquecer aos poucos, e aos poucos ele percebia também que não respirava mais. Seus pés pararam, e logo seus braços. E logo seus olhos se fecharam. Então, ele entendeu — talvez nunca tivesse sido um homem. Talvez sempre tenha pertencido ao mar.

Sonhou que era capitão, ou pirata. Sonhou que era salvo. Sonhou que morria, e que vivia finalmente. Sonhou que a maré cheia que o mataria nunca mais

secaria sob seus pés. Luís sonhou que era tudo, menos um pescador sem jangada.



**Pablo de Brito** nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, em 2005, e é acadêmico de Pedagogia na UFRN. Desde cedo, se interessa pela leitura e pelo poder que as palavras têm de transcender a realidade. Martin e Tolkien são algumas de suas inspirações para a escrita, que o levaram a desenvolver, ainda em construção, um universo de fantasia. Não teve experiências prévias com premiação por contos, sendo este o início do que espera ser uma vida inteira de escrita criativa.

## O nascimento dos nomes

Geovanna Ferreira

“De que me vale ser filho da santa,  
melhor seria ser filho da outra  
Outra realidade menos morta,  
tanta mentira, tanta força bruta  
Pai (pai). Afasta de mim esse cálice (pai)  
De vinho tinto de sangue”  
“Cálice” — Chico Buarque e Milton Nascimento

### I

Se pudesse, ela escolheria logo a navalha na carne. Um só golpe, fundo e brusco, e o que sempre esteve aprisionado dentro das veias. Viria para fora: você nasceu em um hospício, Rosa. Para todos os efeitos, do ventre de uma louca.

Pronto.

Se tivesse chance, ela optaria pela honestidade da dor única. O líquido quente fluindo com encanto pela ferida-confissão. Escolheria o sofrimento somente uma vez, o corte grande demais, a mãe indigente por natureza, sua origem rota escancarada. Seu sangue

jorraria até se esgotar, até esvaziar a farsa. Como devia ser. E no vermelho a escorrer por costelas e joelhos, panturrilhas e calcanhares, a verdade genética e inescapável: não haveria nada do azul sanguíneo nem do pai e nem da mãe — aquela, reconhecida por instituições e seus códigos. Porém, primeiro, se enferrujou a lâmina. Vieram os dez meses de idade, vestidinho branco, o batizado, os oito anos, o Mickey e a viagem à Disney, os quinze pomposos, champanhe e valsa com o papai. Os dezoito anos e o carro zero de presente, o curso superior na federal, primeiro lugar! Depois, enfim. Eis os vinte, a maioridade tardia, que raiou com dois anos de atraso quando a mãe sorriu e desferiu o golpe inicial, sussurrou filha, já é hora.

Do quê? Rosa perguntou, acabando de soprar as velas sobre seu bolo.

De você saber.

Uma pausa e, após tantos beijinhos de boa-noite, as aulas de francês, piano e balé, as vitaminas de abacate e histórias de fadas, depois de muitos sábados no jockey clube e todas mensalidades caríssimas do colégio conceituadíssimo pagas, finalmente as palavras cortaram, chegaram no osso, a lâmina foi retirada da gaveta para rasgar o que encontrasse pela frente.

No caso, ela.

Rosa, você veio para nós com dias de vida...

Nos cantos da ferida, lá estava, o aviso. Por direito, segundo a matemática dos genes, os privilégios de uma vida nunca foram dela. Nem seus ursinhos de pelúcia importados, nem as pulseiras de ouro, muito menos o potro na fazenda do avô. Vazava, da infecção, o fato: Rosa nunca deveria ter pisado naquela casa, localizada no metro quadrado mais caro de Belo Horizonte. Alguns limites precisavam ser traçados, ainda que tardiamente. Por isso, que não se esquecesse: ela não era um deles, feliz aniversário!

Quem havia no antes? Nos dias de vida, no hiato entre a placenta e a certidão. Se houve uma chegada, houve também uma partida. Um cordão umbilical, um útero que, após tantas contrações e urros, ficou vazio e disforme.

O enigma roía Rosa de dentro para fora. Quem é minha verdadeira mãe? Rosa questionava, no banho, nos almoços, nos feriados, quando a mãe estava ao telefone com a melhor amiga ou alimentando o peixe do aquário.

Quem é?

Eu não sei, nunca soube.

Quem é a minha mãe? Rosa empunhava a navalha com satisfação. Se a mãe abriu a boca àquela altura dos fatos, se fez questão disso, Rosa bem podia mostrar os dentes também e questionar, desferir seus

próprios golpes. A moça deixava o filete de sangue escorrer pela dúvida e insistia de novo, já que nunca conheceu o não, a impossibilidade, o freio. Quem é ela?

Eu não sei.

A mesma interrogação. A mesma versão concedida.

Quem me trouxe a esse mundo?

Só Deus sabe.

Até que a mãe veio da sala de jantar segurando um jarro. Sem desviar os olhos das pétalas, disse sua mãe se chamava Judite.

Isso era tudo. Ela. Judite. Letras ocas. Nenhum sobrenome. Nenhuma chama. Cláudia não sabia? Sabia, sim. O pouco dito ardia em Rosa, jogava sal nos cortes.

Chamava.

A filha de duas e nenhuma agonizou aquele verbo por um ano inteiro. Conjugou em si o passado, o tempo verbal que tivera fim antes mesmo de ser. Uma palavra que, de repente, era ela inteira. Sempre foi, desde a primeira célula. Desde a concepção.

Judite.

Os fogos explodiram no céu, brindes foram feitos, alguém tossiu e o ano nunca pareceu tão novo. Os calendários mudaram, e o pai adoeceu. Já era 1972.

Rosa mudou-se para uma quitinete no Barreiro.

Judite. Judite. Judite.

O cardiologista encontrou no pai uma doença tão rara que era até difícil falar o nome.

Pelo jeito, a vida e, inclusive, a morte há tempos giravam em torno de nomes.

Em março, na sala, mãe, pai e filha montavam o quebra-cabeça, compra da última viagem a Paris. Falta-  
vam encaixar três peças para que o Palácio de Versailles estivesse completo quando calaram. O silêncio foi mais rápido, disparou flechas múltiplas, e Rosa esgueirou-se delas como pôde, disse: preciso ir.

Avenida Olinto Meireles, 618.

Ao invés dos carneirinhos dopados de remédio, quem a botou para dormir naquela madrugada foi a incógnita.

Judite. Judite. Judite.

Meses adiante, batidas na porta. O pai. Torceu o rosto quando aquela mesma porta se abriu e a face de Rosa foi emoldurada por um teto cheio de goteiras e paredes descascando. Sérgio permaneceu na soleira, um monumento covarde, incapaz de proferir a próxima palavra, que ele sabia, e ela sentia, desaguaria em uma pessoa exata. O desgosto atingiu o advogado bem no peito, que, por si só, já não era tão bom, como lembrou o doutor Silvério. Por fim, aquilo. Depois de tanto, sua filha única se ancorava em lugares deploráveis.

Lugares feitos de fiações velhas. E nomes.

Sandra. Procure Sandra.

Não ofereceu nenhuma explicação. Limitou-se a ditar com pressa para Rosa um endereço. Concluída a tarefa, deu um beijo na testa da filha e foi embora.

Sandra, que era o último elo de uma cadeia absurda. E abençoada.

Dependia do ponto de vista.

Sandra, que fazia a entrega final das crianças que Antônio negociava com famílias da região metropolitana e de todo o estado.

Antônio, que tinha Dora como fornecedora. Dora, que avisou: não tenho tempo para ladainhas, estou atrasada para a igreja. Sua mãe era do Colônia. Não me olhe assim. Me agradeça. Queria ter crescido no meio de mijos e loucos cagados? Isso. Barbacena. Aquele hospício. Você nasceu lá, e não sei, acho que sua mãe era uma tal de Wanda.

Talvez Rosa devesse catalogar seus machucados. Fazer um inventário das lesões enquanto o sono não vinha. Quantos golpes mais rasgariam a pele, confabulando uma vitória irreal sobre os órgãos? O que mais, meu Deus, havia para perfurar dentro dela? Talvez Rosa devesse sair, de madrugada mesmo, virar à esquerda, passar o hidrante, passar o cinema pornô da rua Madalena Vilás e, enfim, bater à porta de doutor Sérgio. Talvez devesse gritar me ajude, estou coberta de feridas

que não cicatrizarão jamais. As moscas logo vêm botar seus ovos nelas. Por favor, uma receita, uma pílula para dormir, para esquecer dos cortes, das larvas, ou quem sabe, para morrer, pois é ridículo seguir tomando suco de laranja de manhã, indo à manicure ou às aulas de redação jornalística no segundo horário das quartas, se vi a vida, primeiro, de dentro de um manicômio.

Talvez Rosa devesse ter dado meia-volta, entrado naquele mesmo vagão que a trouxera. Talvez fosse mais sábio simplesmente ir caminhando até o fim dos trilhos, ou quem sabe fosse melhor encher o peito e: estou procurando minha mãe, seu guarda. Não sei como ela se parece, quem ela é. Tudo que tenho são palavras alheias que dão indícios de que Judite é um nome já morto, que Wanda provavelmente nunca nem nasceu.

Quanto mais observava a feição carrancuda do guarda, mais Rosa notava que as portas do hospício estavam trancadas. Todas elas. Mas era preciso se agarrar à inconsequência, então oi, senhor, sou Rosa Pádua, residente de psiquiatria, UFMG, gostaria de conhecer o Colônia para fins de estudo. Checar uns registros. O diretor da instituição estaria no momento?

Nenhuma interrogação apaziguada no guarda, anzóis seguiam nos olhos dele.

Rosa tentou mais. Tendo um sorriso de menina como amuleto, embrenhou-se na mentira. Balançou a

carteirinha de universitária, que indicava que estava na faculdade, sem indicar ao certo o curso.

Quem te mandou vir? Veio tratar dos corpos? Ninguém avisou nada, rebateu o homem. Você vai atrapalhar. Volta depois.

Ou, de preferência, nunca. Era o que os anzóis ocu-  
lares comunicavam.

Espera! Eu preciso! De tanto. Entrar. Checar... corpos? A agonia de Rosa quase berrava, alcançou o quebra-cabeça dos pais adotivos. Ela encaixou aquelas três peças e montou o Colônia diante de si, seus mecanismos e ritos. Tirou das orelhas os brincos e os depositou na mão do desconhecido. Pois bem, mais palavras foram desnecessárias. O ouro era uma língua silenciosa, mas muito assertiva. Ele abriu a fresta no Colônia. Mínima, pela qual Rosa enfiou-se com dificuldade.

Bastava.

Bem-vinda! Grades, quantas grades, e janelas quebradas, olhares nas costas, nas quinas, nas portas. Uma porção de portas, fechadas, abertas, escondidas. E corredores vazios ou infestados. Alguém estava no chão, catando piolhos de uma cabeça. Alguém se arrastava, nu, completamente nu.

Onde estava o diretor que não via aquilo? Aliás, e os registros? Rosa cogitou a insistência. Nasci em 1950, de uma interna. Quer dizer, preciso conferir o arquivo,

em nome da ciência dos filhos de ninguém, dos óvulos fecundados por um infeliz acaso.

No entanto, Rosa só conseguia ir adiante. Dar um passo. E outro. O véu já estava rasgado, sobrava os trapos, e ela estava hipnotizada por eles. Desemboçou naquele pátio coroadado por muros, um jardim de loucos. Encolhidos, desconexos, recitando uma língua inexistente. Esqueletos que sonhavam com fantasmas, com pão. Uma moça linda bebia de uma poça. Outra, careca e sem dentes, ria. Céus! Agora o esquecimento seria para sempre uma miragem. Um banquete negado à Rosa. Mesmo com mil pílulas na goela, não haveria regresso. Tudo estava claro a ponto de cegar, de estourar os tímpanos. Ninguém acudia aquele choro. Um neném? Ninguém ouvia aquela mulher a não ser Rosa, ou percebia que ela podia ter dez ou cem anos. Ali. Ela. Erguendo suas mãos carcomidas enquanto cantava. Paizim do céu! Cê tá aí, no azul, no azulão! Cê tá! Tentando tocar Deus e seus anjos com uma cantiga.

Rosa tocou numa senhora. Era real, alguma matéria poderia resistir a tanta destruição? A desconhecida berrou, principalmente ao ouvir aquelas sílabas. Judite. Wanda? Rosa indagou uma outra mulher. De repente, uma bonequinha foi dada a ela, como uma oferenda. A doente segurou os dedos de Rosa e induziu uma carícia nos cabelos imundos do brinquedo. Magda, sussurrava. Magda.

Naquela boneca sem braços, Rosa acariciou sua própria mãe.

Magda... Maria... Vilma... Telma. A mãe podia ser qualquer uma, ou nenhuma. Era nítido. Nomes não existiam naquele lugar, nada podia vingar dentro daqueles muros.

De longe, sentados na escadaria, um outro tipo de louco a observava: os sãos. Um relance naqueles internos, e era percebida a maldição da lucidez em cada um. Enviavam, de sua imobilidade, uma mensagem: não diriam uma palavra sobre Judite, não teriam misericórdia. A busca era inútil. Viva ou morta, enfiada numa cova ou babando naquele pátio, nomeada como fosse, a mãe de Rosa estava na Morte. E a Morte era o próprio Colônia.

Bastava.

Rosa agachou-se. Pegou uma pedra e a esfregou no pulso. A dor seria o remédio. A pena. Claro. Se doesse, a redenção seria uma opção. Rosa urgia pelo golpe final, que seria dado por ela mesma. Estava viva, estava livre, e esse era seu pecado. O sangue começou a despontar na pele, um fio vermelho que, vinte anos atrás, começou a ser produzido dentro das tripas de uma desvalida.

## II

Sete noites. Sete vezes que a moça feita de sonho veio, sorrindo, perfeita, como se a desgraça nunca tivesse se

tornado a única lei. Sete beijos que Micaela lhe deu, seguidos de um mesmo pedido: seja forte, meu amor. Ela está chegando.

Sete manhãs que a detenta da cadeia-hospital acordou com o gosto dela na boca, mistura de morango e dúvida.

Quem estava vindo? Com sorte, a morte. Se tudo corresse como planejado, em breve suas próprias mãos se encarregariam do homicídio. Ironia das ironias, a obsessão por tirar a navalha de dentro do colchão para fazê-la dançar em seu pescoço a mantinha de pé naquele pulgueiro. Afinal, não. Eles não triunfariam. Nem os vermes uniformizados, nem as bactérias. Se morrer era o curso natural do Colônia e a paradoxal glória, a mulher que ninguém sabia como se chamava jurou que teria ao menos o direito de decidir como e quando se mataria. O sangue escorreria, sim, pescoço abaixo, quando chegasse a hora, e seria dedicado a ela. Micaela amava o vermelho. Rosas vermelhas, unhas vermelhas, vestidos rodados e vermelhos. No entanto, veja só, em meio à promessa escarlate havia a promessa de Micaela: alguém estava vindo.

Ah, Micaela. Para que tentar salvar o que restava dela? Micaela que agora não passava de uma memória incendiária. Ainda assim insistia em ser consolo. Sempre vivendo as cores do amanhã. O mundo nunca mereceu suas asas coloridas. Já era tarde para ela,

Micaela. A detenta já perdera a capacidade de sentir. Quase. Que sorte! Nada de fome. Nada de frio. Nem esperança, nem raiva. Desde que fora arrastada porta adentro, naquele dia lindo, desde o quarto secreto e os choques, desde as mãos e a saliva e as calças arriadas dos guardas, os ratos e carrapatos e as noites geladas e os cadáveres roubados por camburões, ela já não sentia a maior parte das sensações. Só a saudade teimava. A detenta era um vazio preenchido pela falta. Só ela tinha o passe, a permissão para reinar.

Ah, Micaela.

A cada manhã, cada colherada do mingau frio trazia à garganta a ânsia, pois era mensageira da ausência. Como suportar? Aquela lavagem após o bolinho de chuva que as duas faziam juntas nas tardes preguiçosas de Uberaba? Leite, farinha, ovos e açúcar. Açúcar nos dedos, no ar, nos lábios. O afeto era doce, era a receita que salvava os dias da órfã e da filha da entrevada. Micaela escapava para a casa da vizinha, desabrochava no endereço onde a detenta quando ainda não era detenta assava os quitutes mais gostosos do Triângulo Mineiro. Cada fornada tinha um ingrediente secreto e um nome todo seu. Esses bolinhos vão se chamar Pétales de Sol! Ela disse, sem saber que os bolos seriam esmigalhados, e as pétalas, arrancadas uma a uma. E foi logo emendando: esse biscoitinho é o Céu da Confeiteira, tão divino como a cor dos seus olhos, meu

bem. Sim, a poesia ia ao forno, saltava das guloseimas e, principalmente, delas. Desde o parto traumático, da placenta, havia sido tão dura a vida da confeitadeira, tão impiedosa para ela que como poderia ser errado? Tanta entrega, os batimentos desenfreados, os olhares. Mas era. Para os outros. Para todos. Para aquele menino que entrou e viu a tia acariciando a cabeleira da outra moça, a boca na boca, a pele na pele, o inegável ao alcance dos olhos de uma criança.

Nem a artrite e nem a artrose de Seu Simão o parou, os ossos gritaram e foram até o fim. A doceira foi dilacerada, já que bater não era suficiente, era preciso exterminar a vergonha. Foi surrada até virar uma massa semi-inconsciente no chão, tantos rios escorrendo de sua carne sacrificada. Mas não, ainda não estava feito, a honra familiar ainda era mácula. Portanto, ela foi arrancada dos lençóis pelos cabelos, foi jogada naquele vagão e, antes que o trem seguisse adiante na via sacra do demônio, o pai fez questão daquelas palavras: você matou sua mãe. De novo.

E agora, ela estava se aproximando. A loucura, finalmente? Ou talvez a avó que Lurdes jurava que viria salvá-la, ou quem sabe, a bebê de Gilda? Há um ano levaram a criança e nunca trouxeram de volta. Quem, por Deus, estava vindo? O dilúvio que lavaria as feridas dos cativos antes de os afogar? Tudo bem, ela podia esperar um pouco mais. Esperava naquele hospital há

talvez mais de mil dias. Que seria mais um? A detenta daria só mais um dia para que ela, quem quer que fosse, enfim entrasse naquele antro de horrores. Um dia, ou a navalha bailaria diante dos loucos. Amém.

### III

Parada no meio do pátio, era uma exilada de si mesma. De uma hora para outra, algo nela estava à deriva. O pouco que tivera do Colônia já fora demais, infectara todas as ilusões.

Só que seria adoecer uma segunda vez, deixar que Rosa se ferisse, que abrisse caminho na própria pele para que a doença entrasse mais. O crime maior seria permitir que ela mesma fosse o vetor para o Colônia imperar. O veneno que escorria daquelas paredes não podia alcançar a corrente sanguínea. Então a detenta correu até Rosa e puxou a pedra. Pausa. Os gritos da detenta ensurdecedores o bastante para que todos ao redor os congelassem, inclusive elas. Assistiram a pedra rolar no chão. Depois, olhares presos, o encontro de dois naufrágios. Como você se chama? A detenta deu de ombros. Nomes não valiam de nada. Ao longe, guardas de cara feia. Um segundo, e a decisão estava tomada. Foi a vez de Rosa tocar na moça e a puxar pela mão. Não havia Judite, Wanda e nenhuma mãe. Somente aquela desconhecida. Salvando ela,

Rosa salvaria todas. Até a si mesma. Logo: senhor, irei levá-la para estudos no laboratório da UFMG. Ordens do professor.

Não esperaram para ouvir a réplica do homem, cada passo dado era um continente, um território a ser conquistado, uma urgência. Espera! Voltem aqui!

Aceleraram a marcha, respirando o quase, flertando com o desastre, ansiando por aquela porta derradeira.

De repente, o guarda na frente das duas. Nem mais um passo possível. O interrogatório começou.

Não há nada estranho, senhor. São ordens que devem ser cumpridas.

Outro segundo, e a falácia era óbvia.

Rosa então desmontou o quebra-cabeça. Abriu a bolsa rapidamente, não havia tempo a desperdiçar. De alguma maneira, ela sabia que aquele momento viria. O ouro lhe dera passagem, e agora a moeda lhe deixaria ir embora. Milênios se passavam e algo não mudava: o tilintar dava a última palavra.

Rosa tirou um maço grosso de francos franceses da bolsa. Sobras de Paris, de Montmartre, Sacre Couer e pelas redondezas do Louvre.

Sabe meu pai? Capitão Pádua, do nono batalhão... é um grande fã do Colônia, eis o motivo de eu ter decidido estudá-lo. Admiramos muito o trabalho dos senhores! Mandou fazer essa doação para a nobre causa do hospital.

O homem sorriu também, encenou também. Captou as nuances, a sombra do cacetete, o brilho fosco da moeda europeia que foi parar em seus dedos. E, por fim, abriu a porta. As duas passaram, e o céu já era azul de novo. Adeus, catacumbas do (des)humano.

#### IV

Ainda era uma constante. Um zumbido doendo no fundo dos ouvidos. O medo. Entretanto, a caixinha de música, a manhã luminosa, as pessoas indo e vindo. A vida insistindo na coragem, em balançar sua bandeira branca do alto de ruínas.

Olhava-se naquela parede espelhada com a curiosidade de primeira vez. Cabelos limpos, um vestidinho florido no corpo ainda magro demais. No semblante, os resquícios de uma guerra. Havia um sopro novo nos escombros daquele rosto.

Oi, sussurrou ela, para si mesma. Olá, moça, cumprimentou um rapaz. Era jovem de uma juventude nascida da ignorância. De dentro da confeitaria, ele não podia ver o ranger dos dentes, o vômito, a criança mutilada.

Sente-se, vamos, se acomode enquanto vou buscar o cardápio.

Ela obedeceu. Antigos hábitos eram difíceis de abandonar. Acomodou-se na cadeira, diante da

mesinha. Em seu lugar, Rosa observava cada um de seus movimentos.

Para a sobrevivente era quase uma dor levantar os olhos, encarar de frente a tal vida. O cotidiano inebriava a ponto de agredir. Fora arrancada do útero da morte e agora restava ser uma recém-nascida alucinando com sons, luzes e tanta liberdade. Nas famílias ao redor, no aroma de bolo assando, nas flores do arranjo sobre a mesa, bendita era a liberdade.

Tocou nas pétalas. Com cuidado, sem certeza. Enfim, encarou Rosa, que seguia registrando suas reações. Compartilhavam do mesmo pensamento: o futuro ainda era uma ausência. Uma hipótese, uma hipérbole. Um assombro.

Mas... estavam ali. Entre música e aromas e risadas anônimas e o moço feliz que entregou o cardápio e perguntou o que iam querer.

A sobrevivente ficou zozona com tantas opções. Tantas promessas disfarçadas de culinária. Não soube escolher.

Rosa pediu por elas, por fim. Era preciso ensinar de novo, com paciência, à amiga, que o brutal já não era a rotina. Ora!

As tortas não demoraram a ser colocadas diante delas. E de novo, a incredulidade na dianteira enquanto a mulher cutucava o doce avermelhado com a colher. Como se convencer de que a ferida podia cicatrizar em paz?

Com o morango na ponta da língua. A torta da fruta tinha gosto, mas também perfume, riso e memória. Micaela, Micaela... não mais um delírio, e sim um juramento. No momento, o que a moça tinha era a certeza. Micaela estava em toda boa-nova, em toda centelha de seu recomeço. Não importava como, onde, ela ia reencontrá-la, juntar-se novamente ao sol, às flores, a cada parte bela das lembranças sua substância, Micaela em carne, osso e amor.

Ela deu mais uma garfada. O açúcar era retorno, era a digital. Bem mais que um mero ingrediente. Alquimia pura, acontecendo diante dos olhos de Rosa e do funcionário da confeitaria. Não chore, não, moça... foi logo pedindo ele.

Ela sorriu e escolheu a rebeldia. Chorou mais, chorou tanto. Encheu o peito de algo e contou: eu sou confeitadeira também. Sempre fui e sempre serei.

E como a senhorita confeitadeira chama? Agora o moço reluzia.

Mas não podia competir com a luz dela.

Mariana, prazer.



**Geovanna Ferreira** é escritora, professora, gestora de projetos educacionais e comunicadora. Mineira, conquistou a menção honrosa no Prêmio Governo Minas Gerais de Literatura 2017, com uma de suas paixões: o realismo mágico. Geovanna foi também menção honrosa do 4º Prêmio Máquina de Contos, finalista do Prêmio Off Flip 2023 e vencedora de uma dezena de outros concursos. Escreve do conto ao infante, do regionalismo ao contemporâneo, sempre buscando a primazia da palavra.

## De amor e de cinzas

Arthur Caetano

Talvez se a tua avó não tivesse sido morta pelos militares em 1975, durante a Ditadura Militar argentina, a tua mãe teria nascido, e eu teria reconhecido os teus olhos quando nos cruzamos pela primeira vez nos largos braços da Avenida de Maio. Se Lourdes tivesse recusado o convite da sua melhor amiga, naquele último dia de aula, para participar do movimento estudantil e não tivesse começado a fazer as reuniões na mesma casa onde vivia com a mãe e sua irmã mais nova, em Buenos Aires, ela não teria, aos 25 anos de idade, sido jogada, dopada viva, no Rio de la Plata por um avião militar, junto com sua melhor amiga e outros estudantes. Se a sua avó tivesse escutado aquele que seria seu futuro avô e queimado os livros, interrompido as cartas secretas e fechado os olhos como alguém que olha para uma parede em branco, ela não teria acordado atordoada em meio àqueles amontoados de corpos conhecidos, que submergiam com uma cruel lentidão antes de se juntar a eles no fundo do rio. Assim, talvez, anos mais tarde, a tua mãe não teria decidido estudar em Buenos Aires, e teria ficado em Gualeguay, aquele pequeno fim de mundo que você chamava de “*mi lugar*”. E, ficando,

não teria começado a estudar na UBA, nem engravidado de um professor de filosofia que preferia “dar aulas” particulares para as alunas, enquanto seu verdadeiro pai, que sempre dizia “*hay que trabajar como un negro*”, não teria se mudado para o Uruguai e formado uma pequena família em alguma cidade fronteira qualquer que não me recordo o nome. Mas também, meu amor, se você não houvesse nascido feliz e tivesse tido os olhos rebaixados, um sorriso apagado e um corpo curvado para sua própria desilusão adolescente, talvez você não teria conhecido o filho da puta do seu ex-namorado que, às vezes, oscilava entre dizer “*estás demasiada delgada, mi amor*” e “*estás demasiada gorda, mi amor*”, transformando tua aparência em um eterno encontro e desencontro. E, cansada de depreciar sua própria silhueta no reflexo do espelho, teus olhos cor de mel não teriam começado a abominar os homens com seus gestos primitivos de terror, tampouco a olhar de outra forma para a sensualidade do corpo feminino. Assim, talvez, se você não tivesse se apaixonado por uma garota que usava as roupas do pai só porque estava na moda usar *oversized*, teria reconhecido os meus olhos quando nos cruzamos pela segunda vez na sala Leonardo Favio, do cinema Gaumont. E se, por acaso, nossos olhos tivessem se encontrado, seria demasiado cedo. Naquela época, as palavras se ausentavam da minha boca, e eu, com meu mau castelhano engasgado

na garganta, passava os dias calado. E se, por algum motivo, acontecesse o juízo final e Deus viesse à Terra para julgar meu coração com um “dizei uma só palavra e serás salvo”, eu estaria condenado por toda a eternidade. Assim, não nos cruzaríamos pela terceira vez em um bar qualquer de alguma esquina de San Telmo, quando enfim os nossos olhos, cansados de tantos desencontros, resolveram se reconhecer pela primeira vez.

## II

***“Es que a veces me recuerdo de Rio, y me siento como un huerfano del mar.”***

Era um desses bares meio acabados, de fim de mundo, como aqueles que eu costumava frequentar no Brasil. Era uma terça tímida, sem pretensões de ser uma sexta ou um sábado, quando te vi de longe fumando entre aqueles *indies* sujos. Você usava uma boina meio estilo *belle époque*, e parecia uma hippie de Woodstock. Foi com a coragem de três fernets, talvez cinco, que te pedi um cigarro, e você, com a curiosidade na ponta da língua, me perguntou “¿de donde sos?”, e antes que eu pudesse te responder, essa mesma curiosidade já te fez emendar “¿De cuál parte de Brasil?”. Eu, com um sorriso de malandro, te disse “*Soy de Rio de Janeiro*”,

e teus olhinhos brilharam como duas das quatorze luas de Netuno. Justo eu, que no próximo mês seria da Bahia, e no seguinte, para ser mais exótico, do Amazonas. Embora nunca tenha pisado no Rio de Janeiro, nesse dia eu era carioca da gema, nascido e criado em Copacabana, ao ritmo do samba e da cerveja.

*“¿Tenés siempre los labios violetas? ¿Te das cuenta?  
A veces, si”*

Era uma época em que eu me deitava na vitalidade dos meus 24 anos, cursando o último ano de cinema, enquanto você, com os seus 18 anos recém-completados, começava filosofia na UBA. Sim, éramos jovens, e você ainda mais, porque os teus olhos estavam intactos, e, para mim, os meus últimos anos haviam sido de liquidificador, já não me sobravam as esperanças genéricas de farmácia. Eu vivia o ócio dos meus dias como um estudante medíocre, vagando entre cinemas baratos, repletos de aposentados amargurados, e roubando aulas de literatura e poesia em universidades alheias. No entretempo, me sentava em antigas cafeterias, de qualidade duvidosa, escrevendo meus horríveis poemas de amor, esperando apenas a noite cair como um vinho no copo, pra me embebedar com mais álcool que o meu corpo poderia aguentar.

*“Para mí, estar un cine es como estar en todos los demás.”*

Sim, nosso amor parecia sempre começar em uma sala de cinema, e se estendia por toda avenida Corrientes, passando pelos cinemas do CCK, Calcodephia, Cosmos; depois retrocedendo pela rua Paraná, com o San Martin e a sala Lugones, e assim seguindo o compasso até a avenida Rivadavia para chegar ao Gaumont, e finalmente dispersar por toda avenida Figueroa Alcorta, terminando, como sempre, em uma projeção no Malba. Era eu te mostrando os caminhos que me ajudavam a sobreviver em uma Buenos Aires que, às vezes, sufocava meu peito de saudades. E, como se soubesse da minha orfandade, você se virava para mim em cada sessão de cinema e, com uma voz muda, desenhava lentamente as palavras com os lábios: *“yo te amo, yo te amo”*. Assim, chegávamos no meu pequeno quarto, com os olhos afogados em ternura, prontos para nos jogar na linguagem dos corpos nus. Depois, envolvidos em um sentimento morno, acompanhado de café e cigarros, eu traduzia o silêncio noturno em poemas do Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, Hilda Hilst, e você se emocionava pensando que aqueles versos eram meus, que suas vozes eram minhas. Nosso amor se encaixava dentro de uma precisão estética parnasiana; tudo encontrava seu perfeito lugar: as palavras, os olhares, o silêncio.

***“Podríamos comenzar a bailar un vals, ¿no? O aprender a bailar salsa.”***

Buenos Aires era uma cidade que parecia se reconstruir a partir dos nossos desejos. Se queríamos escutar música, esbarrávamos com algum músico de rua cantando boleros cubanos; se tínhamos sede, entrávamos em alguma galeria de arte com uma exposição de quadros abstratos e nos embebedávamos com vinho; se estávamos entediados, encontrávamos na rua antigas fotos reveladas, fragmentos de cartas de amor, ou presenciávamos algum louco gritar na rua *“¡El mundo va a explotar y todos nosotros vamos a la mierda!”*. Desculpe, talvez esteja sendo demasiado sentimental, mas Buenos Aires era o fragmento mais importante de nossa pequena ilusão. Você dizia *“somos personajes de una novela barata, de folletines, que encontras bajo polvo en una librería de usados”* e eu te respondia *“somos personajes de un melodrama del cine clásico que aún no se saben personajes”*.

***“Abrite un poco esa ventana, que me estoy ahogando acá.”***

Havia uma época em que já não podíamos mais diferenciar nossos corpos. Eu vivia na imprecisa distância do teu corpo, e você se entrelaçava no meu em uma

dança frenética que oscilava, entre sufoco e salvação, entre princípio e fim. Passávamos tanto tempo juntos que víamos os mesmos filmes, líamos os mesmos livros, tomávamos a mesma taça de vinho, fumávamos o mesmo cigarro, tocávamos o mesmo e único corpo: o nosso. Submergíamos na massa cinzenta que nos envolvia, sem discernir se vivíamos de felicidade ou tristeza, ou se era apenas a fumaça do cigarro se apagando no cinzeiro.

***“Pongamos el nombre correcto a las cosas: sos un mentiroso y un miserable hijo de puta.”***

*“¡Uhhh! ¿Tardaste un poco en descubrir, no?”*

E então, as palavras começaram a se encaixar fora de lugar e a nos ferir como ofensas. Pouco a pouco, surgiram as pequenas violências, os pequenos desencantos, *y ahí, mi amor, todo se fue al carajo*. Eu te expulsava de casa, e você me insultava *“sos un egoísta de mierda”*. Depois, arrependido, eu rogava que você voltasse, e com seu rancor ainda em carne viva, você desaparecia por dias, me deixando sozinho feito um órfão. Sempre era assim, um ir e voltar, um repelir e atrair, nosso amor se tornou um grande desencontro em meio ao caos dos nossos tantos encontros. Em algum lugar, eu havia lido que o amor era como o tango: quando um se aproximava, o outro se distanciava, e quando esse

outro se aproximava, o primeiro se afastava. Não sabia ao certo se o tango era assim, mas o nosso amor certamente era.

*“Estoy muy cansada para tomar una copa de vino.”*

Um dia você chegou e disse *“No me odies porque yo te amo”*, e logo me contou que havia arrumado um emprego. Eu sabia que nossos dias ociosos estavam por terminar. Era como se você tivesse me traído, porque nossa relação vagabunda não podia enfrentar a realidade de uma vida real. Mas o que eu podia dizer? Já não éramos tão jovens, e o tempo parecia ter passado devorando os anos. Já não íamos tanto ao cinema, já não líamos tanto juntos, e tudo se desvanecia no cansaço do teu sono. A vida era morna, e a arte ou nos salvaria ou nos arruinaria.

*“Acepto un café, pero necesito que no me incomodes.”*

Não andávamos bem, mas eu não sabia que estávamos tão mal. Foi em uma dessas semanas que, depois de tantos dias escrevendo alguns versos, eu te fiz um poema de amor. Era uma espécie de poema-objeto, composto por uma caixa de fósforos com apenas um fósforo, e um poema cuja última estrofe terminava assim:

*“Y este cruel impulso  
Entre guardar  
o queimar  
Nuestro amor  
En una caja de fósforos”*

Ao receber o presente, seu rosto parecia tão compassivo, tão terno, que foi doloroso ver a tua expressão desvanecer friamente em apenas um “gracias por el regalo”.

*“Que irónica es la poesía.”*

Tudo terminou naquela noite, quando acordei com você chorando como uma criança. Ao seu lado, eu fingia dormir, com o meu choro entalado na garganta e o silêncio impregnado nos olhos. Não sabia o que te dizer e, pensando, não sabia o que pensar. Havíamos começado a nos corroer pelo cansaço, o cansaço um do outro, o cansaço da pele, dos olhos, do cheiro, do tato, o cansaço de dizer “*mi amor*”, o cansaço de ouvir “*mi amor*”, o cansaço de ignorar o cansaço. Nos cansamos um do outro e ignoramos o fato de que já estávamos cansados de ignorar um ao outro. E todo esse desgaste de te amar tanto, e na busca incessante de tentar te amar mais, de encontrar frases, poemas, músicas que descrevessem o meu amor por você, me esgotei da própria

ideia do amor e, logo, de te amar. Ao não poder te amar mais, neguei meu desamor. E assim comecei a te amar novamente, num amor que já era como óleo usado. E que, quando ardia, impregnava minha boca de desgosto. Minha obsessão era saber que, do outro lado, você já se havia rendido, esgotada desse ciclo doloroso de desilusão. Meu amor havia fracassado. E, junto a ele, restava apenas uma caixa de fósforos com as cinzas de um poema.

***“Gracias, es que viví por mucho tiempo en Argentina.”***

Quando eu penso em ti, os pelos do corpo ainda se eriçam, e o rosto endurece. Se eu não tivesse te amado tanto, não teria visto Buenos Aires por uma última vez e não teria retornado ao Brasil para viver em uma pequena quitinete demasiado longe de Copacabana, demasiado longe do mar. Assim, talvez não teria os olhos tão abertos e a boca fechada como tenho hoje, e você ainda poderia reconhecer meu olhar em meio aos tantos olhares desconhecidos da vida. Te amar fez de mim um animal agitado, covarde demais para poder dizer: *Adiós, mi amor.*



**Arthur Caetano** nasceu em Palmas (TO), em 1999. Atualmente, vive em Buenos Aires, onde cursa o último ano da graduação em Cinema. Começou a escrever poesia em 2022 e, posteriormente, se aventurou também na narrativa. Conquistou o terceiro lugar no XXXI Prêmio de Poesia Moutonneé e recebeu menção honrosa no 33º Concurso de Contos Paulo Leminski.

## Costume

Mauro Reis Albuquerque

Quando me levantei naquela manhã de quinta, não esperava encontrar o meu falecido marido. Ele já morrerá há anos o suficiente para que eu tivesse me acostumado à ideia, por mais que o choque de uma morte precoce tenha prolongado o luto além do que é recomendado. Algumas amigas atrevidas me perguntam se realmente consegui superar o luto, já que não me relacionei com mais ninguém desde então, mas a verdade é que amo morar sozinha e passar longos momentos em silêncio. Ademais, houve encontros com outros homens, não tenho dificuldades em relação a isso, e eles serviram a um propósito momentâneo. Depois desses instantes fugazes, voltar para casa sozinha, com a carência suprida, e encontrar um refúgio solitário é um bálsamo.

Assim, quando o feixe branco de sol atravessou a fresta da janela no ângulo dos meus olhos, eu acordei como todos os dias. Me esparramei na cama, revitalizada por uma noite sem sonhos, e a sonolência me permitiu ignorar o edredom puxado do outro lado da cama. Me levantei sem pressa e fui até a cozinha, coloquei água para que ferva enquanto tomo um banho,

como todos os dias. No entanto, um zumbido abafado, mas crescente, me inquietava à medida em que eu me aproximava do banheiro, e quando abri a porta descobri a origem: a minha escova de dentes elétrica, que meu marido morto usava como se fosse habitual.

“Não achei a minha, você viu por aí? Ah, bom dia!”, foi o som espumoso que saiu de sua boca sem que ele afastasse o olhar do espelho. As palavras permaneceram suspensas no ar como bolhas de sabão, eu incapaz de entendê-las como frase, mas fascinada pela sua materialidade, tão reais que eu me perguntava se poderia estourá-las com o dedo. Ao contrário daquela cena, de uma irrealdade espantosa que eu apenas assistia, a porta do banheiro servindo como uma quarta parede, invisível, porém ela, sim, muito real, a encenação muito distante, eu muito espectadora. Olhos arregalados, eu o olhava escovar os dentes muito diligente, dois segundos em cada dente, língua-bochecha-palato, até que finalmente o zumbido parou, ele fez uma concha com a mão e encheu a boca de água muito cristalina, o som do bochecho, a cuspidada.

O sorriso virado para mim. Eu queria poder dizer que foi um sorriso macabro, pelo menos de mau agouro, mas era apenas o sorriso do meu marido, tão banal como era vê-lo todos os dias.

“Que cara é essa, dormiu mal?”

Ele perguntou, mas permaneci em silêncio, paralisada. Acho que eu tinha mesmo esquecido como fazer para me mexer. Foi preciso o apito da chaleira perfurar a atmosfera para que, num salto-reflexo, eu mudasse minha posição.

“Vou fazendo o café enquanto você se ajeita”, ele disse depois de enxugar o rosto, e passou por mim, envolvendo a minha cintura com o braço de forma hábil para me afastar com gentileza, a mão deslizando pela minha barriga conforme se dirigia à cozinha. Ele estava quente. Eu contive um grito, eu me contraí inteira, eu encolhi braços e pernas. “Amor, você não colocou água o suficiente, vai demorar um pouco mais”, ecoou do corredor.

Entrei no banheiro e fechei a porta.

Não sei quanto tempo fiquei parada. O isolamento sanitário de um banheiro tão conhecido por mim me concedeu o dom da dúvida sobre o que eu tinha acabado de viver. Teria sido um mero prolongamento de um sonho, eu arrastada por um sonambulismo atípico até que o frio da louça me despertasse de vez? Ou alguma saudade inconsciente levou minha imaginação, geralmente pouco fértil, até memórias de uma rotina esquecida? Será que eu estava ficando louca a ponto de confundir imaginação e realidade? Estava cansada? Solitária?

Apertei as cerdas da escova de dentes e um pequeno *spray* de água se projetou na pia. Mas o meu hálito

estava adormecido. Com um arrepio gélido percorrendo meus ossos, decidi que a última vez que usei aquela escova foi ontem.

Saí do banheiro com passos cautelosos até a cozinha, onde ele me recebeu com um sorriso e um prato de comida. Ele agia com naturalidade, então era assim que eu pretendia agir também, na medida em que eu conseguisse, enquanto não entendesse o que estava acontecendo. Ele me deu espaço para que terminasse de passar o café, aproximando-se apenas para sentir com gosto o aroma suspenso. Era como se não tivesse passado sequer um dia morto. Será que eu imaginara sua morte? Ou a desejara tanto que ela se concretizou em minhas memórias?

Mas então onde estava a escova de dentes dele?

Eu o servi uma caneca de café na mesa, mas quando ele a recebeu, me olhou em confusão. Eu o olhei de volta, com profundidade. Não sei se já o tinha encarado dessa forma, pelo menos desde o casamento. Ele sempre teve aquelas marcas no rosto? Rugas sutis no canto do olho, uma testa irregular... Eu não lembro. Mas me assustou a ideia de que, apesar de morto, ele pode ter envelhecido. Ele continuava me olhando, mudo, como se perguntasse algo.

Na verdade, era como se a pergunta já tivesse sido feita, e ele aguardasse uma resposta. Minha respiração descompassou. O que um morto pode querer saber?

Nenhuma linha de raciocínio se fiava adequadamente, e o silêncio parecia alongar a tensão até o limite do rompante. Quando suas sobranceiras se ergueram, sublinhando o interrogatório, me antecipei num espanto que me fez recuar meio passo, em defesa. Mas antes que eu precisasse implorar por clemência, vi sua caneca de café preto e achei que havia entendido.

“Acabou o leite”, eu improvisei, ciente de que ele sempre preferia um cortado para começar o dia. Ele parecia decepcionado.

“Acho que vou ter que me contentar com açúcar, então.”

Quando se levantou para pegar o açúcar, ficando a centímetros de mim, tive que conter um espasmo de autodefesa. Com movimentos lentos, calculados até a artificialidade, me conduzi até o outro lado da mesa, com minha xícara de café em mãos. Não conseguia dar as costas para ele. Eu estava, de certa forma, hiperexcitada, cada receptor sensorial do meu corpo se virava em sua direção.

Era uma espécie de transe, a minha consciência era o meu marido, sentando-se à mesa, mordendo a tapioca com fome, mergulhando o açúcar no café, mexendo melodiosamente com uma colher de metal, mastigando, espanando para o chão os grânulos de açúcar caídos na mesa. Brigávamos muito sobre isso quando ele era vivo — o prédio tinha problemas com baratas — mas desta

vez perdi o interesse na sujeira assim que ela cessou o contato direto com a pele dele.

Foi só quando queimei a língua que recuperei alguma autonomia sobre minha atenção, voltando os receptores a mim mesma. Mas não foi só a minha atenção que virou.

“Você está estranha hoje.”

Era uma afirmação, e não uma pergunta. Eu podia rir? Que absurdo.

Usei um sorriso condescendente, ignorando a pergunta enquanto me preparava para a ideia de que talvez eu precisasse partir para a ofensiva, de alguma forma. Ganhei tempo com um gole prudente e resolvi provar um pouco os limites daquela cena esdrúxula.

“Você não está atrasado para o trabalho?”, perguntei, com um tom de sentença. Tranquila.

Como se sua pressão tivesse subido, meu marido procurou um relógio atrapalhadamente. Meteu a mão nos bolsos, virou para a parede da cozinha onde havia um relógio antes, mas que eu havia tirado quando comprei uma assistente de voz. “Porra, que horas são?”, de boca cheia, seus perdigotos eram migalhas. Assisti, repugnada, a ele se levantar, olhando em volta, corado.

Não consegui suportar e mostrei a ele a hora no meu celular. “Cacete!”, gritou. Virou o resto da caneca goela abaixo e correu para o quarto.

Minha cabeça pesava, exausta. Olhei para a tapioca que ele fez para mim e, ainda intocada, joguei no lixo. Comi uma maçã enquanto comunicava ao meu chefe que amanheci doente e faria *home office*, mas honestamente eu não sabia como conseguiria trabalhar. Lavei a louça tentando deixar uma tarefa cotidiana me centrar, a água gelada adormecendo a ponta dos meus dedos, o cheiro de detergente, a textura da espuma no meu pulso. Molhei minha nuca, massageando a tensão que já se instalava. Respirei.

Ele saiu do quarto ainda fechando a braguilha da calça, o passo apertado. Enquanto enfiava sua camisa para dentro, avisou “eu só chego pro jantar, viu? A gente pode pedir uma pizza”, se aproximou e me beijou a testa antes de partir como uma seta.

Eu abrigava meu rosto nas palmas das minhas duas mãos.

Foi um estalo mínimo dos lábios e um pouco do suor que brotou do susto que lhe dei e que ele passou para mim, nesse gesto. Era ele mesmo, e ali em pura presença.

Eu amei meu marido. Aliás, eu o amo como lembrança.

Esse horror que sinto agora eu não sei o que é.

Demorou muito para que eu conseguisse me mexer e, nesse momento, meus dedos já estavam enrugados em lágrimas. Esvaziada, lavei o rosto, troquei de roupa

e chequei os e-mails do trabalho, me ocupando com demandas mundanas. Eu poderia evitar isso, mas me sentia terrivelmente atraída à cadeira do escritório e à tela do computador. O melhor seria dizer que todo o resto me repelia, e ali parecia ser um santuário, um lugar seguro. Quando me empenho e me concentro, sou eficiente no serviço, não há um gesto excessivo, um pensamento fora do lugar. Não é difícil para mim, embora não consiga manter o ritmo assim por muito tempo.

Mas, naturalmente, as demandas acabaram, e eu não conseguiria me concentrar no ócio. Nesse instante, o escritório deixou de ser um santuário em relação à casa para simplesmente fazer parte dela. A porta que vejo daqui é a mesma porta que meu marido viu de relance depois de me beijar. É a mesma porta pela qual ele pode entrar mais tarde.

Fui ao quarto com pressa. Com o olhar afiado de uma obsessão febril, rastreei os vestígios que ele deixou. O cheiro sutil do seu perfume já quase plenamente volatilizado. O amassado do lençol onde ele se sentou para se calçar. O pijama que usou no café da manhã jogado no chão, próximo ao guarda-roupa. Não pude conter um suspiro irritado, mas fui até lá e, diante de sua porta, parei.

Mesmo com as mãos no trinco, não consegui me convencer a abrir. Aquele espaço do guarda-roupas

estava vazio há não sei quantos anos. Não sou uma pessoa de muitas roupas, então não senti necessidade de ocupá-lo; pelo contrário, considerei vender ou simplesmente jogá-lo fora. Por que não fiz isso? Se eu o tivesse feito, esse momento não existiria, pois ou o armário estaria aqui ou não estaria. Ao invés disso, estou aqui, sentada no chão com as costas apoiadas nele, incapaz de me separar da membrana de madeira que me aliena de uma resposta.

O pijama dele estava ali na minha frente. Na pia da cozinha, dois pratos e duas canecas. Se eu ligasse para o número dele, ele atenderia? E se ligasse para o trabalho dele e pedisse para falar com ele? Sua família achava que ele estava vivo ou morto? A sogra saberia dizer da existência do filho? Aliás, a sogra saberia dizer da minha existência? Seus amigos lembrariam de mim como sou hoje, ou como alguém que também, e de outra forma, já se foi?

Lutei contra a morosidade em que meu corpo produzia essas perguntas ou, do contrário, poderia permanecer inerte não sei quanto tempo. Eu estava tão assombrada pela presença viva do morto como estava pelas suas lembranças esquecidas, que já descansavam em jazigo próprio. Depois que entendi sua ausência, me esforcei para esquecê-lo sem perceber. Era fácil entender isso agora, quando as memórias se exumavam de seus túmulos com autonomia. Mas assistir a isso

passivamente era como sofrer uma invasão zumbi num filme defasado. Havia uma falsidade inerente a ser uma espectadora das minhas lembranças. Para mim é muito difícil deixar acontecer. Eu precisava, eu mesma, sujar minhas mãos de terra, cavar para liberar esses espectros e, então, assisti-los dançar ao redor do meu corpo morto de veias ainda pulsantes.

Acessei as fotos arquivadas nas redes sociais. Estava tudo lá.

Seu sorriso na última foto, uma em que ele saía da cozinha usando um avental de ursinho, segurando uma travessa de comida fumegante, não era tão diferente de quando ele me entregou a tapioca de manhã. Senti a boca seca descendo o catálogo de fotos e vendo a melhor parte da nossa rotina. Nos últimos anos, eu lembrava de vários desses dias sem ser afetada terrivelmente, encontrando neles uma suave ternura. Mas, ao ver as fotos, as lembranças ganhavam texturas e contrastes que até pareciam inéditas. A realidade das sensações se impunha. Se todas as fotos eram felizes, saboreá-las me levava de volta a contextos e nuances que ultrapassavam a felicidade simples e me escapavam até agora. Lembro dos conflitos e, também, das reconciliações, de como em muitos dias me frustrava com suas indolências, mas que ele também sabia me tirar a cara de desgosto com experiências inusitadas que me desmontavam com a surpresa.

A foto da cerimônia de nosso casamento, por exemplo, me lembrou que passei semanas pedindo para que ele hidratasse os lábios já rachados pelo estresse e pelo clima. Ele me ignorava, mas no dia do casamento sua boca brilhava, e quando o beijei os senti tão macios que perdi a compostura diante dos convidados. Na lua de mel, ele me revelou com um sorriso travesso que esperou até o último momento para esfoliar e hidratar, por querer me pegar desprevenida no beijo de noivos. E pegou mesmo.

Ele me beijou hoje, antes de sair, mas não me lembro da sensação. Lembro de reconhecê-lo no gesto, mas o que de fato senti? Ele me beijou hoje, mas medo e o horror demandaram atenção demais para que eu percebesse se seus lábios eram ou não macios, se o beijo foi com carinho, urgência ou ternura.

Amanhecer hoje ao seu lado foi a maior das surpresas que ele já me fez. Esse pensamento tão absurdo até me arranca um sorriso, porque faz parecer que até a sua morte foi parte de uma gracinha para me pegar desprevenida.

Eu havia arquivado todas as nossas fotos porque quis seguir em frente. Não fiz um *post* de despedida. Ele estava morto, e eu estava viva, então eu queria o máximo de distância possível. Não me importei que isso tenha ofendido sua família e cortei o assunto com todos os amigos que viram problema no modo como

encarei meu luto. Tampouco sei o que meu próprio marido pensaria. Mas ele deveria ter imaginado que numa situação como essa, eu faria isso. Sou uma mulher prática. E, por isso mesmo, nunca me preparei para tê-lo comigo novamente. Ainda.

Olhei uma última foto. Nossa primeira foto publicada. Eu o abraçava pela cintura com um sorriso ainda indeciso, desconfiada do rumo que um novo namoro poderia tomar. Ele com todos os dentes à mostra, os olhos fechados, uma caricatura do que de fato sentia. Sempre estranhei o quanto eu parecia fazê-lo feliz, mas também fui grata por poder fazê-lo.

Levantei-me. Dobrei seu pijama e o coloquei sobre a cama, agora arrumada. Tomei um banho longo, a cabeça, puro deslizar da água sobre o corpo. Ela levava embora o horror estagnado que me assomou, me conferindo não a alegria que eu poderia ter por um reencontro tão desejável para uma viúva, mas, sim, a tranquilidade do vazio, câmara onde algum movimento é possível. Por exemplo, como seria a nossa primeira noite juntos? Essa é uma pergunta que não faço desde quando nos conhecemos, mas que agora me diverte.

Resolvo fazer um jantar para me redimir pela frieza do café da manhã. Cozinhar me daria um tempo para explorar meus próprios pensamentos.

Cortar os vegetais do tamanho que ele preferia, escolher o tempero que o fascinou quando comprei

pela primeira vez, assar os pães da forma que ele me ensinou, cada etapa trazia à tona memórias do nosso casamento que eu não revisitava e que eram o cotidiano. Elas tinham textura, aroma e sabor, mas não forma, não contornos, não arestas, eu não saberia dizer quando aconteceram, o que veio antes ou depois. Antes que me desse conta, uma assadeira já estava no forno, o vinho resfriava e eu tinha as mãos livres para me ocupar comigo mesma.

Quis me arrumar para recebê-lo, mas isso me pareceu tão estranho, tão artificial. Me arrumar para receber meu marido para jantar em casa. Para mim poderia ser uma ocasião, já que não o via há tanto tempo, mas de manhã ele parecia totalmente ignorante do hiato de sua presença, era só mais um dia qualquer. Ademais, quando vi meu estojo de maquiagem me aguardando e imaginei o movimento quase autônomo dos pincéis, me senti transportada às noites dos últimos meses em que tive encontros com desconhecidos, em que visitava novos restaurantes, em que a superficialidade de uma inédita repetição era o barato que eu buscava. Hoje, contudo, eu queria o íntimo, queria sentir o tempo alongado da domesticidade e da rotina se projetando indefinidamente. No fim, passei apenas um *balm* labial, aproveitando para corar também as bochechas.

Escutei o som do elevador e fui até a porta. Quando ele entrou, o abracei e beijei seu rosto, pousando minha

mão sobre a face oposta. Eu estava tão feliz com a ternura que me movia ao carinho que demorei a perceber que algo estava diferente.

Me afastei quando ele não retribuiu e vi que estava imóvel. Não estava tenso ou relaxado, mas distante. Parecia esperar que eu o soltasse para seguir seu rumo, e quando recolhi minha mão, foi isso mesmo que ele fez. A passos lentos e firmes, seguindo uma trilha cavada por muitos anos, ele se dirigiu ao banheiro.

“Eu estava inspirada, fiz um jantar para a gente.”

Apesar da minha tentativa, ele não me respondeu. Meramente ficou parado me olhando da porta do banheiro. Ou melhor, seus olhos fitavam a minha direção, mas eu não tinha certeza se ele conseguia me ver. “Você vai querer vinho?”, tentei novamente. Sem mudar a expressão, ele fez um aceno ambíguo com a cabeça e se fechou no banheiro para tomar uma ducha longuíssima.

Abri a porra do vinho e me servi uma taça generosa. Sentada na mesa enquanto o degustava, tentei entender aquele novo golpe. Mas a única coisa que conseguia pensar era uma pergunta que martelava de inúmeras formas. Quem é ele? Quem é esse homem no meu banheiro? Quem é esse no lugar do meu marido? Quem é ele que usou minha escova de dentes? Quem é esse homem com quem vou jantar hoje? Quem é esse que pretende dormir na minha cama?

(Quem foi o meu marido?)

Quando o silêncio suplantou a água do chuveiro, minha taça já ia pela metade. Tirei a assadeira do forno, servi outra taça para ele e completei a minha, concentrada nos gorgorejos da garrafa. Quando ele abriu a porta, perfumando o apartamento com vapores de banho, o chamei para comer antes que esfriasse. E ele veio como se estivesse sendo conduzido a um abate, pronto para se tornar o prato principal.

A única forma de entender o modo pelo qual ele estava agindo era pela dor que aquilo me causava. Nunca o vi assumir essa postura antes.

Ele sentou do lado oposto ao meu, pousando feito uma pena. Gesticulava levemente como se seus movimentos não fossem mais do que um sopro. Serviu seu próprio prato, e permaneci aguardando para que ele servisse o meu, mas isso não aconteceu. Fez uma pausa inexplicável antes de começar a comer e, depois, mastigava como se seus dentes tivessem caído e engolisse uma comida sem textura. Eu assistia àquilo fascinada. A dor não era menos grave, e era justo em seu pulsar que eu me abrigava do absurdo.

“Tive um dia estranho. Achei que o jantar seria um bom momento para me centrar novamente”, eu comecei, usando um gole de vinho como vírgula. “Como foi o seu?”

Ele parou. Se esforçou para dar uma risada, mas o som seco foi poluído pelos resíduos da comida. “Estranho é uma boa palavra.”

Então ele ainda conseguia falar.

“Eu senti que tinha algo estranho acontecendo”, falei pausadamente. Eu queria ver sua reação. “Você não quer me dizer o que é?”

Ele olhou para mim com horror. Reconheci ali a repulsa que senti pela manhã. Como ele podia me olhar assim? Antes que eu pudesse reagir, contudo, meu marido se levantou de forma explosiva, derrubando sua cadeira. Ele parecia prestes a rasgar a sala de jantar com um grito, mas, em vez disso, correu, com passos pesando toneladas, em direção ao banheiro. De onde eu estava, só pude ouvir a umidade gutural do vômito me embrulhando o estômago a distância, e comecei a chorar. Novamente.

Não fiz nada. Por muito tempo, fiquei parada intuindo pelos rastros os seus movimentos seguintes. O jorro da torneira seguido de um splash de quem lavou a boca. O silêncio, seguido do farfalhar suave de um chuveiro fraquinho, que ele fazia para disfarçar quando se dava prazer ou aliviava a tensão. O zumbido da escova de dentes, me levando de volta a hoje de manhã. Enfim, ele foi para o quarto.

Eu estava cansada de bolar estratégias, de pensar no que fazer. Meu marido estava ali e eu o queria comigo. Desisti. Eu queria me deixar levar.

Arrastei os pés até a cama. Ele estava de olhos abertos, mas não reagiu à minha chegada. Tudo bem. Subi

na cama cautelosamente, com medo de que o peso que levava nos ombros pudesse quebrá-la. Despenquei no meu lado do colchão, de costas para ele. “Meu lado.” É curioso como tão rapidamente retrocedemos. Quando foi a última vez que nos deitamos juntos? Juntos, apesar de uma muralha silenciosa entre nós.

Virei para ele, ainda imóvel. Na penumbra, observá-lo assim de perto já não me dava medo, apesar da angústia de vê-lo sofrer. Toquei seu ombro, acariciei seu braço. Ele resistia a se mover, mas acabou olhando para mim, os olhos fundos de terror. Envolvei sua bochecha em minha mão e disse:

“Me desculpa.”

Seu olhar se dissolveu. Deslizei minha mão até sua nuca, fiz cafuné em seu cabelo. Uma lágrima escorreu. Ele se virou para mim.

Não sei quanto tempo ficamos ali. Olhei cada marquinha em sua pele, o poro e o pelo, cada curva que sua musculatura fazia, tentei gravar os acidentes do seu relevo no negativo das minhas pupilas. Não nos mexemos. Ele também me olhava com intensidade. Não sei o que pensava. Mas algo despertou em mim.

Delicadamente, pousei minha mão sobre seu pescoço. Massageei com firmeza, meus dedos afundando contra a tensão. Me aproximei, beijando seus lábios que cederam sob o aperto dos meus, enquanto passava minha mão para as suas costas, me puxando para

perto. Seu corpo tinha uma familiaridade opressiva pela qual eu me movia à minha revelia, redescobrimo as trilhas com a facilidade do costume. Avançava como uma presa que não temia a sua onça. Subi em seu colo, pressionando o meu corpo sobre o dele, deixando meu peso segurá-lo contra a cama, imóvel. Ele estava tenso, e quando seu rigor se tornou pleno, um grito me estilhaçou a fantasia.

“AAAAAAAAAAAAAAAAA!”

Com um urro desesperado, meu marido me empurrou para longe de si. Aterrorizado e ofegante, ele se virou de costas e se encolheu como um bicho acuado. Meu coração batia de modo violento, mas não tinha medo.

Eu já não tinha nada. Não sabia o que fazer. Então o observei gentilmente, uma montanha trêmula a ofegar, e ouvi o doce murmúrio do seu pranto, me embalando até eu adormecer. Naquela noite, eu sonharia.



Nascido em 1992, em Fortaleza, **Mauro Reis Albuquerque** é psicanalista e roteirista, com graduação e mestrado em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), e atualmente é membro do Instituto de Clínica e Pesquisa em Psicanálise (INCLIPP). Já teve um roteiro desenvolvido junto aos laboratórios de criação do Porto Iracema Escola de Artes e alguns contos selecionados para publicação em coletâneas. Tem influências do realismo fantástico latino-americano e de autoras japonesas contemporâneas.

## A estranha

Clarisse Fukelman

A velha que veio morar conosco é minha avó. Sou obrigada a dividir o quarto e lhe ceder a cama com o colchão novo que acabo de comprar. Eu queria um pouco de conforto neste período em que mitigo a dor na casa paterna. Me sobrou o catre dobrável, aposentado na despensa: range, impede de sonhar e sufoca, com as poeiras entranhadas.

A história se repete.

Quando criança, ela também apareceu do nada e permaneceu em nossa casa o suficiente para me sentir lesada. Roubou meu espaço, quebrou a rotina e mal cumprimentou a neta, que não conhecia até então. Eu havia acabado de chegar da escola quando a vi instalada na poltrona da sala. Me olhou com simpatia, apoiou as mãos nos braços do assento para pegar impulso, levantou o corpo rígido, tocou no meu ombro e falou “preciso dormir”. O automatismo não me feriu, mas faltou algum sinal de afeição ou de interesse em relação a mim.

Assim que se retirou para o quarto, minha mãe comunicou que a sogra tinha problemas mentais, mas que não era agressiva. Usou a palavra “paranoia”, que

associei à parabólica, e não fez sentido. Corri ao dicionário, que define o termo como um tipo de psicose, e o que era isso? Na sequência, o verbete esclarece: orgulho exagerado, egoísmo, suscetibilidade, desconfiança e mania de perseguição. Escolhi egoísmo, mais fácil de entender e tinha a ver com a avareza em dar beijo e abraço.

Em seguida, o pai me abordou, num tom avesso a sua natureza boa e suave. Escolhendo as palavras, determinou: “Filha, não importuna a minha mãe, não sai por aí contando que ela está morando com a gente e, para todos os efeitos, ela se chama Eva, foi o nome que ela escolheu.” Devíamos evitar uma crise nervosa.

Assenti com a cabeça, mas acho que ele não sentiu firmeza e me fez jurar. Fiz a promessa, mas cruzei os dedos atrás das costas, porque eu queria tirar proveito da situação. Os pais não me davam ouvidos quando eu reclamava das crianças que buliam comigo. Então, cabia a mim fazer o necessário para me defender. Eu me ressentia de não ter um animal de estimação, como a maioria. Sempre gostei de bichos, mas a mãe era alérgica, assim como o meu irmão caçula. Por sorte, a garotada não implicava com isso. Meu outro ponto vulnerável era não ter uma família maior, daquelas que se reúnem para ver novela ou jogo de futebol, dar presentes de aniversário e celebrar o Ano Novo. A falta

de avós me colocou um degrau abaixo na categoria dos normais.

Todos os colegas do colégio e amigos de rua ostentavam avó ou avô, e alguns tinham os quatro. Minha sacola carente de raízes e lotada de fatos obscuros me tornou um alvo permanente da turma. Por parte de pai, uma charada. A mãe se criou em orfanato desde bebê. Acho que nem procurou saber se era órfã, bastarda ou indesejada. Teve a sorte de ter sido adotada na adolescência por um casal de idosos, como pagamento de promessa. Cuidaram dela direito, mas um acidente de ônibus os levou quando eu tinha cinco anos de idade.

Nos primeiros dias, Eva dormiu muito. Parecia fraca e ausente. Em casa, continuava a ordem de “não perturbe”, mas uma noite cutuquei o seu rosto com a ponta do dedo, enquanto roncava, e se sobressaltou. Pedi desculpas, ela pronunciou meu nome de forma serena, como se confirmasse quem eu era, indicando que não havia perigo, e voltou a imergir no sono. Apaguei o abajur, satisfeita. Era possível atrair a atenção da avó, quem sabe conquistar seu coração. Para isso, precisaria da cumplicidade da Coisa, cuja presença entrevi pela primeira vez, quando ela reagiu ao meu toque.

Contrariando o pai, tratei logo de disseminar no colégio a narrativa fantasiosa que deu fim à implicância comigo, por um tempo. Afinal, não era tão doída. Controlada e ansiosa, sim. Monossilábica. Reclusa.

Sem vaidade, revezava os dois únicos vestidos, e nunca reclamou de nada. Pouco externava emoções, mas era prestativa. Nisto éramos parecidas.

Cozinhava com sutileza, especialmente cozido de peixe, bacalhau e espetinho de lula acompanhado de sidra ou vinho verde, bebidas obrigatórias na mesa. Perto do fogão, o Ser estranho sentado em seu ombro se agitava muito, não sei se por gula ou por louvação ao fogo. Ninguém, além de mim, parecia enxergar a Cria-tura minúscula com quem ela conversava e que sumia sem explicação, tal e qual a misteriosa mãe do meu pai. Seria esta, a maluquice? Eu era igualmente maluca?

Por sorte, a avó lia e escrevia muito. Semanalmente pedia que comprassem livros de seu interesse, indicados nos suplementos literários. Exigia mais de um jornal diário, e eu tirava casquinha do caderno infantil. Era tempo em que o jornaleiro virava amigo, a textura do impresso preconizava novidades e a mancha de texto bem composta dava um prazer visual que compensava o cheiro intenso do papel.

Cheia de iniciativas, ela desencavou uma caixa com livros que o pai guardava no alto da estante, o que causou um entrevero entre os dois, numa língua que até então eu desconhecia, e o desaparecimento de algumas obras. Notei a falta dos volumes, mas o pai desconversou e me acusou de querer ficar parecida com a mãe dele. Minha capacidade de memorização é uma

bênção para prestar concurso e uma maldição para ressentimentos.

Quando Eva me permitiu fazer o dever da escola a seu lado, aproveitei para buscar semelhanças entre nós duas. Era muito alta, pele clara e rosada, nariz plano tipo romano, mas com uma protuberância no meio e uma ponta que mergulha para baixo. Eu era o oposto, mas tínhamos o mesmo tipo de cabelo, o mesmo jeito de captar as coisas de través, como quem fotografa furtivamente, e éramos pouco afeitas a beijos com baba e a abraços apertados que esmagam a alma. Ela me concedia companhia, mas evitava qualquer aproximação mais íntima, como se adivinhasse a pergunta à queima-roupa: por que você desapareceu no dia do aniversário de dezoito anos do seu filho, meu pai? O segredo de Estado, só desvendei hoje.

Naquela época, inventei no colégio que a avó era uma escritora famosa, vivia no exterior e falava cinco idiomas. Me arrependi do exagero, porque ela não compareceu a nenhuma festa escolar, não atendeu ao meu pedido de acenar pela janela para que eu pudesse exibi-la como objeto de vitrine e desapareceu antes do Natal, sem legitimar a farsa da escritora poliglota e levando o Ente consigo. Ainda levei bronca paterna por desobedecer ao seu pedido de discrição.

Acho que os boatos de grandeza que criei a respeito de Eva atrapalharam os planos dos adultos e

anteciparam a sua partida. No meu coração de criança, havia feito tudo certo, e ela me traiu. Assim como veio de surpresa, partiu com a Coringa sentada em seu ombro, não me pediu desculpas pelo abandono, mas me surpreendeu quando pronunciou meu nome do meio com um carinho especial: ALAIA. Penso ter ouvido a Coringa sentada em seu ombro dizer *agur*, enquanto acenava um adeus. Perguntei ao pai o significado da palavra, e ele reagiu com uma expressão facial alucinada, como se tivesse ouvido um fantasma.

A experiência me levou a concluir, prematuramente, que o tempo é um senhor arrogante, imprevisível e enganoso. Interrompe o futuro e deixa a pessoa roendo as unhas, sem respostas. O pai notou a minha desolação e, penalizado, satisfez uma curiosidade em relação à minha avó. O nome de batismo de Eva era Angelu, de origem basca. E parou por aí.

Com os anos, as perguntas que rondaram a minha infância foram amortecendo, mas não morreram. Por que ela trazia sempre uma parte do antebraço esquerdo coberta com gaze e esparadrapo? Devia ser vergonha de um machucado incurável. Repulsivo. Contagioso. Ou era a tal paranoia. Talvez tivesse feito um voto junto a alguma divindade, para proteger a Entidade minúscula, que a protegia e lhe fazia companhia. Qual era a natureza de Eva-Angelu e sua Arcana? Eram seres

liquefeitos e abstratos, dotados do poder inexplicável de ganhar forma humana e aparecer do nada?

Fiquei estarecida na semana passada, quando Angelu tocou a campainha e disse ao pai: “Alesander, voltei para ficar”. De novo, mãe e filho trocaram um abraço medroso, como quem visita um ferimento incurável que exige cuidados. De novo, ela me concedeu um toque no ombro, acrescentando: “Você se tornou uma mulher bonita e deve ser grata a sua mãe, pelos olhos que possui”.

Encolerizada, nem respondi.

A velha guardada no arquivo morto, como fruto em conserva, ressurgue numa fase difícil para mim. Acabo de me separar de uma união tão apaixonada quanto passageira. Até me organizar, vim passar um período aqui, reavendo forças e fazendo economia. Dois momentos da minha vida se colam, de repente, feito folhas de papel desajustadas, e eu a odeio. Tripudiou de mim com sua ausência, falta, indiferença e, agora, soberba. Mas é hora de colocar os pingos nos is.

O pingo começa longe, na primeira visita. Ou estadia. Não perco a oportunidade para entender o contexto todo, presente e passado, e destilar a raiva asfíxiada. Ela me deve explicações, ah, se deve. Depois que sumiu, não voltei de imediato para a minha cama, alimentando a ideia de que ela e sua Mascote continuavam me

fazendo companhia na hora de dormir, até que a mãe aposentou o catre e pôs fim à minha fantasia.

A Eva da infância me importuna e desafia, como a bolha de sabão que reluz por segundos e se extingue antes de pousar na palma da mão. Minha avó é um deserto difícil de atravessar, mas estou preparada. Dessa vez, o pai não vai me coibir e percebo seu contentamento em tê-la por perto. Recém-viúvo, lamentou muito que a esposa tivesse partido sem ter tido netos a quem transmitir as músicas que ensinou a mim e a meu irmão, que cantamos no funeral simples. Pelo menos agora, terá a companhia da mãe.

Determinada a destrinchar a história familiar, analiso a mulher com frieza, da cabeça aos pés. Emagreceu, os cabelos trazem mechas brancas naturais e as mãos tremem de forma discreta. De imediato, identifico no pulso uma cicatriz que não existia antes, e o número tatuado no antebraço. Pelo menos, disponibiliza inscrições no corpo, que vou decifrar. A Entezinha veste saia rodada, está com machucado no dedo mindinho e mais abusada.

Pergunto ao pai sobre a lesão no pulso. Não notou. Mas é grossa, como um nódulo! Não notou. Sobre o número no braço. Calado. Insisto: o que significa o número? Não é gado, então o que é? Por que foi marcada? Por que é doida? Silêncios. Mas reage, apreensivo, quando

toma conhecimento de que a mãe está desenvolvendo um livro de memórias. A discussão entre eles atravessa a fundação do prédio. Que segredo trancafiado ela resolveu abrir? Que caixa de Pandora ele quer silenciar?

Trago uma garrafa de vinho, duas taças e proponho trégua, para nos conhecermos. Ela parece à espera deste encontro postergado há anos. Pergunto se é judia, por causa da marcação no braço. “Seu avô português, sim. Eu, não. Agora me deixa, preciso de concentração, antes que os fatos se apaguem”. Posso ler? “Estou escrevendo em euskera”. Por quê? “Preciso”. Resposta indigna. Cifrada. Boto a mão sobre o caderno e impeço a escrita.

— Vamos parar com monossílabos, tá? Por sua causa, desde o começo da semana, me revezo entre a cama de molas fedida e o sofá da sala, onde adormeço com a televisão ligada e acordo com dor nas costas. É a segunda vez que reaparece e pede abrigo. Sem nada em troca?

— ...

— Olha, é quase certo que vou conseguir uma bolsa de mestrado. Acumulando com o trabalho de revisão na editora, mês que vem me mando pra outro lado da cidade, onde vou sublocar um quarto no apartamento de uma colega da faculdade que não gosta de conversa mole, como você. Nada disso te interessa, tô sabendo, estou mais do que ciente. Só quero te

informar que tenho como cair fora daqui, mas não saio antes de você me dar as respostas que está me devendo há séculos.

— Estou devendo? Eu?

— Que número é esse no seu braço, para começar.

— Pago um preço alto por ser calada.

— E daí? O número do braço.

— Você me ajuda, quando pede números.

Como quem abre o mapa para explicar a rota, e sem o menor resquício de autopiedade, Angelu revela ter sido internada num campo de concentração, pouco depois de ter completado quinze anos. Confundiram com retardo mental, o seu modo quieto de ser. Ali conheceu o português judeu com quem veio a se casar, meu avô. De certa idade, muito mais forte, ele a protegeu até o fim da guerra. “Nos livramos das bestas fascistas, viemos para o Brasil, eu contava dezessete anos. Perto dos vinte, tive o seu pai”.

— Que você largou depois.

— Muita gente me disse para esquecer a catástrofe e agradecer. Mas você quer me lembrar que larguei o meu filho. Vou chegar lá. Ainda estou no Reich. Meu déficit cognitivo foi considerado “favorável”, avaliaram que eu tinha potencial de “integração social”. Escapei da eutanásia infantil implantada em várias cidades da Europa.

— Sinto muito.

— Os médicos nazistas sentenciaram à morte pessoas com deficiências maiores. Sobrevivi cozinhando para os algozes.

— Por que escondia o número com esparadrapo nojento, se não tinha culpa? Eles é que devem ter vergonha!

Angelu se retira, calada, ombros retraídos, mas eu a persigo com perguntas: “E os sumiços? O primeiro sumiço e o segundo sumiço. Teremos mais algum”? O meu pai me pega pelo cotovelo e, na sala, exige que eu fique calma. Apenas ele tem o direito de discutir. Não me permite perturbar a mãe dele. Se insistir, terei que preparar a trouxa e só voltar como visita. Ouço com respeito, como também respeito o sofrimento dela, mas revolta é coisa sem dono, e foram eles que me impuseram um jogo emocional cruel, não se faz isso com criança. Não perdoou.

No dia seguinte, aproveito que os homens saem de casa e persisto no acerto de contas, com mais tato. Mas antes de eu fazer qualquer pergunta, larga a caneta, pede café fresco e se abre: “Entre para a luta armada em 1967. Seu avô não aguentou enfrentar outra violência do Estado e se refugiou em Donostia até morrer. Para ele, era mais verdadeiro estar perto de onde nasceu e com minha família, para comemorarem juntos a morte de Franco. Sinto muita saudade do seu avô, a pessoa mais digna que conheci.”

Não é novidade, para mim, o namoro entre meus pais, em meio àquela turbulência. A relação amorosa foi uma bênção, viveram juntos na casa dos sogros até se formarem e se entendiam bem. Mas o meu pai foi à Espanha? Angelu me manda perguntar a ele diretamente. Quer me usar para abrir um canal que ela mesma não consegue.

— Meu filho tem o temperamento igual ao de seu avô.

— Esquisito, também?

— Não por isso. Quem não é esquisito? Esquisitice é uma coisa boa, como o vinho.

Enquanto busco a garrafa, controlo a respiração com exercício de ioga, para relaxar e não perder o elo que estamos começando a construir. Quando volto ao quarto, a Criatura dá o ar da graça, se senta no joelho de Angelu e nos acompanha no gesto de brindar.

— Durante a ditadura, o número no braço me deixava exposta, porque era fácil os gorilas me identificarem.

— Imaginei que podia ser isso.

— Desabotoa a minha blusa nas costas. Sabe o que simboliza o triângulo preto invertido, perto da minha escápula? Logo que entrei no centro de confinamento, o primeiro general que me estuprou mandou fazer a marca de prisioneiros antissociais. Sem anestesia. Agora preciso de uma pausa, fecha a minha blusa, me serve mais um copo e vamos dar uma volta no quarteirão.

Ela faz questão de descer os dois andares pela escada, conversar com a mulher do porteiro e ficar uns minutos parada na frente do prédio, com os braços abertos e os olhos fechados. A rua está bem serena, porque é domingo e porque merecemos.

— Ao lado da borboleta desenhada na sua nuca, você podia colocar um Eguzkilore.

— Que é ...

— Um tipo de girassol. Traz bem-estar. A história da humanidade ou de uma vida singular pode ser contada pelas marcas no corpo. Quais são as suas?

— Minhas?

— Não vai me dar nada, em troca?

Me sinto cada vez mais perto de Angelu, e mais distante de Eva, o que, em outras palavras, significa que ela não deixa por menos e pode jogar uma bomba em meu colo.

— Tenho uma cicatriz mínima, de quando bati com o queixo na borda da piscina, um salto errado do trampolim. O carimbo da vacina na coxa. Quando caí da bicama e bati com o olho na mesinha de cabeceira, levei pontos na pálpebra superior e me falta um cílio, ou dois, ninguém nota.

— Deixa ver.

Me aproximo e sentimos a respiração uma da outra. Minha avó sabe lutar e vencer. Pega a minha mão, escolhe dois dedos e, com eles, alisa o carimbo no seu

braço e a pele rugosa no pulso. Me arrepio e não controlo meus olhos, que choram timidamente. Depois, com o dorso do indicador, faz um carinho no intervalo dos meus cílios.

— Me lembro da minha nora berçando o meu neto. Os dois meses em que vocês me abrigaram, durante a clandestinidade, foram um oásis para mim. Aquelas cantigas de ninar da sua mãe, que beleza! Me alentaram na prisão.

— Foram só dois meses?

— Sessenta e três dias de paz, exatamente. Aceitei a generosidade do Alesander, mas com muito medo de expor vocês. Sua mãe cedeu, porque eu estava grávida de um rapaz que havia sido assassinado, era do mesmo movimento que eu. Cortei os pulsos de desespero, quando interromperam a minha gravidez de seis meses. Mataram a minha filha ainda no ventre. A alminha dela me acompanha e me consola.

— Alminha.... Ela me vê?

— Espero que sim — brinca comigo — Ela vê você, claro! É sua tia.

— Só quando quer...

Conseguimos rir com leveza e conversar, mas sei que teremos que demolir outras portas: “Só chegamos juntas no saguão, vó. Quero ir até o quintal.”

— Boa ideia, voltar para casa. Estou com fome, e você?

— Por que o pai não quer o livro? Responde, não enrola!

— Meu palpite: acha que não o amo. Não compreende que entrei na luta armada por ele, em primeiro lugar, mas sei que a decisão causou bastante sofrimento. Meus acertos e erros, vou deixar nas memórias escritas. O que está marcado com sangue no meu corpo é o meu passado. O livro e vocês são meu futuro. Na primeira página, faço um agradecimento bem bonito ao Alexander. Vocês representam o que considero mais importante. Amor e liberdade.

Entramos em casa pelos fundos, mas antes de comer e beber, Angelu traz do quarto um livro muito usado, com manchas na capa e no miolo: “Leia para nós, em voz alta, a estrofe sublinhada, e depois quero que traduza o poema inteiro do Gabriel Aresti. Se não conhece, tem que conhecer, esse poeta coloca em versos o que orienta o meu viver.”

*Ni hilen naiz,  
nire arima galduko da,  
nire askazia galduko da,  
baina nire aitaren etxeak  
iraunen du  
zutik.<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> Morrerei, /a minha alma se perderá,/ a minha prole se perderá,/ mas a casa de meu pai/permanecerá/de pé. (“Nire aitaren etxea”. In: *Harri Eta Herri.*, 1964)

Hoje não foi uma trégua, porque não houve combate. Conseguimos uma coisa rara. Confiança. Na cozinha, enquanto preparamos a comida, desfrutamos o que há de mais íntimo: compartilhamos o silêncio. Penso comigo: vou tatuar no dorso da minha mão uma flor formada com as datas de nascimento de nossa pequena família. O miolo, por enquanto, fica vazio. Preencho quando meus filhos nascerem. É minha promessa para minha avó, esta anciã que zela pelas promessas.



**Clarisse Fukelman** é carioca de Vila Isabel, professora, pesquisadora e se dedica à difusão da leitura. Criou a pós-graduação “Leitura: teoria e prática” na PUC-Rio, realizou trabalhos voluntários em presídios e escolas públicas, foi conteudista de programas educativos na TV, é curadora de projetos culturais e artísticos e organizadora do livro *Eu assino embaixo: biografia, memória e cultura*. Em 2019, resolveu escoar sua produção dramaturgica (a peça *Tem fogo na mata* foi indicada aos prêmios CBTIJ e APTR, em 2024) e, recentemente, se dedica à escrita literária. Tem contos, poemas e crônicas em várias antologias.

## Visitante (in)esperada

Beatriz Caetano Silva

A passagem de um cômodo a outro em uma casa é relativamente simples. Se o lugar que se mora é pequeno, uma porta comum ou um corredor diminuto já faz esse papel de separar, por exemplo, a sala e a cozinha. Em uma casa maior, talvez uma escada conecte dois andares. Mas onde eu moro.... bem, a situação é muito peculiar — para dizer o mínimo.

Meu quarto, no topo de um sobrado, é praticamente um cubículo. Com espaço apenas para cama e a escrivaninha, suas paredes altas lembram uma torre, com uma pequena claraboia no alto. Para olhar através dela, eu uso uma escada, e a visão não é tão reconfortante — me deparo com um grande muro e só consigo ver uma faixa do céu. O resultado é que meu quarto é escuro a maior parte do tempo, com exceção das manhãs em que vejo que o sol está nascendo. Sinto como se eu estivesse em uma redoma de concreto. Atmosfera sufocante, eu sei... mas me acostumei depois de um tempo.

Sair do meu quarto é que seria considerado uma coisa ainda mais bizarra. Ele não tem uma porta, mas um buraco na parede em que penduro um lençol branco na tentativa de buscar um pouco de privacidade.

Ao atravessar essa porta improvisada, dou de cara com um imenso buraco no chão, cheio de vigas mal posicionadas, como se a casa estivesse inacabada e malfeita. À frente do buraco, paralelo à saída de meu quarto, tem todos os outros cômodos, todos na mesma configuração — separados por um imenso buraco.

Alguém pode se perguntar: “E como diabos ela faz a passagem pros outros cômodos?”. Bem, a resposta é simples: trouxe tábuas grandes que achei na rua e as posicionei sobre os buracos. Não é tão seguro, já que as madeiras estão cheias de cupins, mas é o que me permite andar por minha casa. E, como já disse, acabei me acostumando. Eu realmente não gosto de fazer esse esforço diariamente. Digo, é cansativo andar por tábuas que podem cair a qualquer instante. É como se, a todo momento, eu estivesse andando em uma corda bamba. Mas não tenho escolha.

Certo dia, enquanto eu comia, estava prestes a voltar para meu quarto, quando percebi louças sujas na pia. Isso era totalmente estranho, porque eu nunca deixava as coisas para lavar depois, já que odiava o acúmulo de sujeira. Mas estavam ali as louças imundas; o cheiro forte de restos azedos atraía baratas e moscas. Mas, nisso tudo, o que mais me surpreendeu foi que não movi um dedo para limpar toda aquela bagunça. Há quanto tempo ela estava ali?

No caminho para meu quarto, percebo outras coisas estranhas: meu espelho da parede da sala estava quebrado. Ao ficar em frente a ele, notei que suas rachaduras eram particularmente interessantes: eram como um mosaico, um mosaico que estava com as peças dispostas de uma maneira que não formavam uma imagem específica — eu não conseguia reconhecer meu rosto. Enxergava alguns fragmentos de pele meus, mas parecia que o espelho havia devorado minha imagem completa. Era perturbador, de forma que não consegui ficar encarando o espelho por muito tempo. Observei também que uma planta que me propus a cuidar estava morta, com seu vaso quebrado, e havia terra e minhocas secas espalhadas pelo chão. Além disso, outros objetos e móveis estavam todos cobertos por uma camada espessa de poeira, como se ninguém habitasse aquela casa há séculos.

Voltei ao meu quarto e ignorei a visão recente dos acontecimentos estranhos. Eu estava esgotada, então fui me deitar um pouco. Não sei, mas ando exausta, mesmo sem fazer muita coisa. Estudo, contemplo o teto, repito o ciclo. Vivo de uma mesada simbólica dos meus pais até conseguir uma bolsa na faculdade — como eles decidiram. Isso me incomoda, mas também é um alívio: é mais fácil deixar que escolham por mim, já que nem eu mesma sei o que fazer da vida. Eles nunca vêm me visitar, e faço questão de manter isso assim, mentindo

sobre onde moro. Acho que odiariam este lugar. Às vezes, os visito para evitar que me procurem.

Adormeci um sono leve, até ouvir um barulho na casa. O silêncio era ensurdecedor, exceto por esse rangido. Parecia com um som de passos, andando por sobre as frágeis tábuas. Levantei-me, lentamente, e procurei checar de onde vinha o som peculiar. Antes que conseguisse sair do meu quarto, avistei uma penumbra em forma de gente passando em frente ao lençol que chamo de porta. Congelo — ninguém mais tem acesso à minha casa, e, diga-se de passagem, não é um lugar tão favorável de invadir (pelo menos, não no andar de cima, onde de fato moro). Preciso tomar a decisão de sair e ver quem está ali.

Cautelosamente, e armada com um candelabro pesado, saio para encarar quem ou o que quer que seja. A luz das velas bruxuleava, lançando sombras disformes e quase grotescas de mim mesma na parede. Hipnotizo-me por uns longos segundos com essas visões, mas depois apenas sigo em frente. Me deparo, então, com uma mulher, de capuz preto, sentada na mesa de minha cozinha. Ela estava, aparentemente, comendo o resto de cereal que deixei em cima da mesa. Ela não fazia isso de forma entusiasmada, como se estivesse com fome... parecia que comia por obrigação. Me aproximo para confrontá-la.

— Quem é você? Como entrou aqui? — pergunto a ela.

Ela levanta a cabeça sem reparar muito em mim, mas sua aparência me traz calafrios. Era velha, extremamente velha. Seus cabelos estavam tão sebosos que grudavam em sua cabeça. Um cheiro desagradável emanava dela, uma aura sombria contornava sua silhueta. Mas o esquisito é que eu não a estranhava tanto assim... é como se já a conhecesse de algum lugar antes, só não conseguia me lembrar.

A velha senhora não respondeu a minha pergunta. Agora, tinha parado de comer e contemplava minha casa. Me senti ofendida. Uma estranha, na minha casa, comendo minha comida, e ainda sem me dirigir uma palavra? Que coisa mais absurda. Resolvo me sentar em frente à mulher e esperar que me responda. Pondero e tento conversar de outra forma. Ficar em silêncio com ela estava começando a me enlouquecer.

— Achou o que procura? — indaguei, sem ideia do porquê.

A velha finalmente me olhou nos olhos. Sua expressão desanimada era contagiante, e tive vontade de me encolher. Debilmente, ela abre a boca para dar um sorriso forçado. Ao fazer isso, revela dentes apodrecidos. Era impossível acreditar que ela ainda os tinha, pois estavam em péssimas condições.

— É perfeito — disse a senhora —, do jeito que eu esperava.

Eu não fazia ideia do que ela estava dizendo, mas precisava continuar conversando. E sua voz me dava sensações conflitantes: ao mesmo tempo que me causava tremores, havia algo de reconfortante e familiar em seu tom.

— E o que você esperava? — interoguei, ansiosa por uma resposta.

A velha, mais uma vez, não me respondeu.

Percebi, então, que ela não gostava muito de perguntas tão diretas, apenas se elas fossem interessantes de responder. Eu tinha de dialogar de uma forma que ela conversasse comigo de maneira mais espontânea. Então, em vez de fazer uma pergunta, fiz um pedido:

— Me conte uma história.

A estranha demonstrou-se satisfeita com o que eu havia dito. Ajustou-se na cadeira e disse:

— Eu gosto de contar histórias. Principalmente as verdadeiras. Tenho uma sobre você.

Estremeço com o olhar vago que ela me confere ao dizer essas palavras. Como pode uma presença tão aparentemente frágil me intimidar tanto? E como assim — uma história sobre mim? Não respondo. Deixo que ela prossiga com o que quer que tenha a dizer. Sua companhia estava sendo desagradável até ali, mas ela tinha um certo magnetismo que me fazia querer ouvir tudo o que me dissesse.

— Você que construiu esse belo lugar para você mesma, não foi? É uma obra e tanto! — sibilou a velha.

Estremeço. Ainda não entendo o que ela quer dizer. Como eu poderia ter construído uma casa dessas sozinha? E malfeita desse jeito? Estou morando aqui porque não tive escolha!

— Não sei do que a senhora está falando... — começo a dizer.

A velha me interrompe, incisiva.

— Eu nunca me engano. Foi você quem construiu esse lugar para você mesma, mas é muito covarde para admitir isso.

Engulo em seco. Diante de uma afirmação tão inesperada, quase não tenho reação. E ela parecia ter muita certeza do que estava dizendo.

— A senhora só pode estar brincando com a minha cara! — digo, na defensiva.

Levanto-me da mesa determinada a tentar expulsá-la à força, mas a estranha pega em minha mão primeiro. Meu corpo enrijece em resposta ao seu toque gélido e áspero.

— A partir de agora você sabe que estou aqui — disse a velha. — Sua casa tem sido perfeita para mim, estou aqui há muito tempo. Você deve ter percebido, mas, mesmo assim, não fez nada. Como sempre, você é muito passiva a respeito das coisas... realmente facilitou o meu trabalho.

É difícil admitir, mas ela tinha razão. Há tempos ignoro coisas acontecendo, e o maior exemplo era a negligência com a limpeza de minha própria casa. É só que.... fazer as mínimas coisas têm sido muito difíceis. Tenho que fazer o dobro do esforço só para me levantar da cama todos os dias.

— Mas eu nem a conheço! Não entendo o porquê e nem como você chegou aqui. Exijo explicações! — respondo, alterando minha voz.

Meu peito arde em chamas, e a vontade de sumir da presença daquela mulher era imensa. No entanto, com a mesma expressão apática que estive desde o início da nossa conversa, ela diz:

— Você me conhece. Sempre me conheceu. Quem mais te visitaria? Quem mais ficaria aqui com você, nessa casa feita para o vazio? Eu sou a sua verdade. E você sabe que, sem mim, você não conseguiria viver. Não depois de tudo o que aconteceu.

Tudo o que aconteceu?

De repente, uma grande fadiga tomou conta de mim. Sentei-me novamente na cadeira, as mãos nas têmporas.

— Lutar é inútil — continuou a velha. — Vamos lá, não precisa agir como se eu fosse uma estranha. Eu sou parte desta casa. Parte de você. E você, lá no fundo, sabe disso. Só que prefere me ignorar a me enfrentar.

Eu não sabia mais o que dizer. Fiquei pensando que coisa ela tinha que drenava todas as minhas energias. Eu poderia tentar expulsá-la mais uma vez, reagir, impedi-la de ficar ou até mesmo tentar argumentar contra ela. Mas todas as minhas ações morrem antes mesmo de serem idealizadas. E sua aparência debilitada e apática sugeria o contrário, mas eu realmente não tinha forças para contrariá-la. Estava completamente rendida a ela.

— Tudo bem... faça o que quiser. Essa discussão é inútil. Você pode ficar aqui o tempo que precisar — eu disse, entregando os pontos.

— Não é como se sua autorização fosse adiantar alguma coisa, afinal, já estou aqui há muito tempo. Mas você vê? Você se rende fácil. É fraca — responde a velha, com um cansado sorriso macabro.

Eu havia acendido a luz, então agora conseguia ver melhor seu rosto. Tinha inúmeras rugas de expressão em sua face, juntamente com uma grande marca de lágrimas, como se fosse uma subversão do Pierrot das festas de Carnaval. Sinto um arrepio seco.

\*\*\*

Perdi quase o dia inteiro nesse confronto passivo. Já chegava a noite quando desisti de continuar conversando e deixei a velha na cozinha. Fui direto para o meu

quarto. Sentia um cansaço extremo como nunca antes. Ao deitar-me, senti o peso de mil noites sem dormir cair sobre mim. Apesar disso, a insônia juntou-se a mim, me deixando pensar em inúmeras coisas ao mesmo tempo. E então eles vieram, os sons de sempre: escutei os pneus; barulhos de vidros se quebrando e, logo depois, um silêncio aterrorizante. Um silêncio que não se calava, reverberando todos esses sons que escutei, como se eles agora fizessem parte de quem eu sou. “*Don’t feel bad for me...*”. Luzes vermelhas piscaram freneticamente. O ar secou de meus pulmões, e eu queria gritar, mas não conseguia. Eu via aqueles olhos... aquele olhar que me assombrava. Por fora, eu estava imóvel, mas, por dentro, era como se o mundo estivesse desabando e eu não pudesse sair do lugar.

Passei a noite inteira agonizando. Quando finalmente amanheceu, fui ver se aquela senhora ainda estava lá. Algo me dizia que a noite horrível pela qual passei foi por influência dela. Levantei-me da cama e, ao começar a andar pelas tábuas para chegar ao outro lado, uma delas se partiu: quase caí no vazio lá embaixo. Estremeci, mas recobrei o equilíbrio e consegui atravessar o buraco.

Passei pela minha sala novamente. Agora, além de tudo o que já tinha visto no dia anterior (o espelho, o vaso, os móveis empoeirados), percebi que a tinta das paredes estava descascando. No meu banheiro, o

chuveiro estava com os fios expostos, completamente queimados, e o chão, cheio de limo. Na cozinha, a mesma louça suja; e a estranha continuava sentada à mesa.

É paradoxal dizer que parecia que o tempo não passava para ela, quando, simultaneamente, era uma velha decrépita. Mas era isso: era como se ela conseguisse pausar o tempo. As coisas simplesmente se estagnavam ao seu redor. Quando eu estava com ela, perdia a noção das horas; nada mais importava: só existíamos eu e ela.

*Mas o que era ela?*

Parte de mim sabia responder aquela pergunta; outra parte estava em negação. Por isso, voltei a conversar com ela.

— Você não contou a minha história ontem.

Um brilho travesso cruzou os olhos da mulher. Encarando-me, e com um riso velado, ela disse:

— Surpreende-me que você queira remexer nessa história. Isso vai contra a sua natureza inerte. Por acaso está amadurecendo?

Emudeci, de cabeça baixa, aguardando que ela continuasse. Ao mesmo tempo que algo me atraía, eu não conseguia olhá-la diretamente nos olhos.

— Foi naquele dia que eu vim para ficar. Ele se foi, e você abriu as portas. Nem precisou dizer nada. Eu sabia que era hora de entrar, não precisei de convite. Esta casa... cada buraco, cada sombra, cada fraqueza nela é

sua. E ninguém além de mim consegue vê-la. Você a fez assim, sabe? Só para nós duas.

As palavras dela me atingiram como um tiro. Eu não me lembrava de uma vida antes da que eu conheço agora, mas o que ela disse me traz à tona lembranças que eu queria ter esquecido. O choque é demais para mim. Sinto minha cabeça fervilhar e choro copiosamente.

— Isso... não é verdade, não faz sentido! — murmuro essas palavras com o resto de minhas forças, fazendo de tudo para acreditar nelas.

Sinto tonturas. *Flashbacks* do dia horrível que eu queria enterrar passam pela minha cabeça.

— Eu não o matei! Foi um acidente! Foi um acidente! — exclamo, em prantos, as palavras saindo como se tivessem peso.

— Você insiste em chamar de acidente. Mas foi você quem disse as palavras. Foi você quem pisou fundo. E você... você nem pensou duas vezes. Mas, claro, ele morreu, e você teve a audácia de sobreviver. Não é engraçado? Essa troca... é injusta?

— Pare, por favor, pare! — suplico.

Sinto como se estivesse prestes a desmoronar. Meus membros desfalecem, estão como gelo derretendo ao calor do fogo. Levo minhas mãos à cabeça, tentando, em vão, parar a terrível dor que estava sentindo.

Começo a sentir meu corpo ferver. Completamente sem forças, feito uma marionete sem cordas, atiro-me ao chão.

A velha começa a andar, e à medida que ela descrevia círculos ao meu redor, minha garganta fechava, sufocando-me. Lentamente, correntes começavam a serpentear sobre meus pulsos e tornozelos, atando-os fortemente. Com um tom agudo de desprezo, ela diz:

— Ele era melhor que você, não era? Mais gentil, mais vivo, mais... necessário. E, ainda assim, aqui estamos nós. Ele, não. Você, que não queria mais nada, ficou. Ele, que tinha tudo, foi embora. Que ironia...

A angústia que senti noite passada foi triplicada. Fragmentos da noite do acidente ressurgiram à minha mente como golpes: “Asleep”, dos Smiths, tocava ao fundo, melancólica e suave, em um contraste cruel com o caos que viria.

Voltávamos de um show incrível. Ele ria. Eu estava impaciente. Havia bebido demais, minha cabeça latejava e tudo o que eu conseguia pensar era no conforto da minha cama. “Vai, acelera!”, eu disse. Ignorei a hesitação dele e, impulsivamente, pisei no acelerador, surpreendendo-o. Ele olhou pra mim, confuso e assustado, com o olhar que é meu fantasma de todas as noites. E, naquele instante, eu soube: cometi um erro.

A curva sinuosa chegou antes que eu percebesse. Instantes depois, ouvi os pneus cantando, desesperados,

tentando obedecer. Ele perdeu o controle. O mundo girou ao meu redor — o carro capotou. Vidros estilhaçaram. No último segundo, lembro-me de vê-lo lutar contra o volante, suas mãos firmes, mas tremendo. Ele virou bruscamente para a direita, jogando o carro na direção de uma barreira de concreto. Um movimento calculado. O lado dele recebeu o impacto direto. O meu foi protegido pelo airbag. Então o silêncio. O silêncio alto, ensurdecedor. Depois ouvia, bem distante, a música que ainda tocava: “*Don't feel bad for me, I want you to know...*”.

Quando finalmente abri os olhos, vi seu corpo imóvel, seu rosto ainda virado em minha direção. Como se, até o último instante, ele tivesse pensado em mim. O resgate veio, mas já era tarde. Ele morreu para me salvar de um acidente, de um acidente que eu mesma causei.

Ele pensou em mim, mas eu não pensei nele.

Desde então, viver tem sido uma prisão. Um esforço contínuo sobre-humano e sem sentido. Uma punição, um fardo. Todos os dias eu chegava à mesma conclusão torturante: a de que eu deveria ter morrido no lugar dele.

A velha não estava errada — ela era realmente a única que me dizia a verdade. Todos mentiam para mim, dizendo que não tive culpa alguma da tragédia. Mas eu estava lá e sei que tive.

*Eu sei que tive.*

Eu era egoísta, e ele altruísta. Ele tinha um propósito, e eu não. Ele tinha pessoas que o amavam — e eu só tinha a ele.

A velha chegou perto de mim. Sua voz era fria. Ao sussurrar no meu ouvido, pude sentir uma corrente congelante percorrer meu corpo e enrijecer meus órgãos.


— Ora, seja razoável. Continuar só prolonga o inevitável. Agora, você só tem a mim. E eu é que terei a última palavra.

\*\*\*

*De repente, tudo ficou claro... E uma grande fenda sem fim abriu-se no chão à minha frente. Sinto a mão da velha no meu ombro, empurrando-me para baixo. A doce escuridão me aguardava como uma fera faminta.*



**Beatriz Caetano** tem 24 anos e é de Guarulhos, São Paulo. Introversa e sonhadora por natureza, desde criança encontrou na escrita uma forma de processar suas emoções e expressar seus pensamentos. Participou de projetos literários na escola, onde compartilhava seus poemas. “Visitante (in)esperada” é seu primeiro conto, construído a partir de fragmentos de um pesadelo vivido pela autora.



Este livro foi composto nas tipologias Baskerville Pro  
e Minion Pro. Impresso em papel Pólen® Soft 80g/m2.

Em cinco anos de existência, o Prêmio Literário Máquina de Contos tem possibilitado que novos escritores encontrem caminhos para conexões e experiências que permitam divulgar suas criações para o mundo. Sempre apoiada na diversidade e no acesso coletivo, a iniciativa vem construindo um amplo painel artístico que engloba inúmeros aspectos e vivências da literatura contemporânea brasileira. Os 13 contos reunidos nesta antologia refletem essa pluralidade de tons e estilos, capturando um retrato demasiadamente fiel da nossa sociedade e revelando escritores que, embora estreados, detêm domínio técnico e criatividade para compor histórias extraordinárias. Narrativas oriundas de diferentes regiões do território nacional, mas que se igualam na qualidade de seus conteúdos.

## Organizadores



Sérgio Tavares é escritor e crítico literário.

Autor do romance *Tódos nós estaremos bem* e dos livros de contos *Cavala*, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura, e *Queda da própria altura*, finalista do Prêmio Brasília de Literatura. Publicou também a coletânea *Equação sobre o abismo*, em Portugal. É idealizador do Prêmio Literário Máquina de Contos e membro do júri desde a primeira edição.



Tiago Velasco é escritor e doutor em Literatura. Autor, entre outros, de

*Naturezas-mortas*, *Romance* e *Petaluma*. É editor de texto e ministra oficinas de escrita criativa, além de ser um dos idealizadores do Prêmio Literário Máquina de Contos e membro do júri desde a primeira edição.

Em cinco anos de existência, o Prêmio Literário Máquina de Contos tem possibilitado que novos escritores encontrem caminhos para conexões e experiências que permitam divulgar suas criações para o mundo. Sempre apoiada na diversidade e no acesso coletivo, a iniciativa vem construindo um amplo painel artístico que engloba inúmeros aspectos e vivências da literatura contemporânea brasileira. Os 13 contos reunidos nesta antologia refletem essa pluralidade de tons e estilos, capturando um retrato demasiadamente fiel da nossa sociedade e revelando escritores que, embora estreantes, detêm domínio técnico e criatividade para compor histórias extraordinárias. Narrativas oriundas de diferentes regiões do território nacional, mas que se igualam na qualidade de seus conteúdos